

SOLDADO



COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA
PORTO

A. Lima

218
1255

SOLDADOS PORTUGUEZES

— Composição e impressão —
Empresa Gráfica “A Universal”,
111, Rua do Duque de Loulé, 131
————— PORTO —————

EDVARDO DE NORONHA

SOLDADOS PORTUGUESES



(GOMES FREIRE E OS SEVS
CAMARADAS EM FRANÇA)

1808-1817

OBRA PROFVSAMENTE ILVSTRADA



COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

PORTO

Alma

SOLDADOS PORTUGUEZES

I

Das Navas de Tolosa ao Roussillon

Batalha das Navas de Tolosa.—O Salado.—A «Invencível Armada», — A paz da Haya. — Tropas estrangeiras em Portugal.—A morte de Carlos II, de Hespanha.— A guerra da Successão. — Entrada dos portuguezes em Madrid.—A paz de Utrecht.—Os corsarios francezes.—Pombal e o conde de Lippe.—O embarque da expedição ao Roussillon.—Incuria.—Chegada opportuna. — Os portuguezes em evidencia. — Estrategia bem succedida. — Gomes Freire de Andrade. — «Fazenda mais barata». — Allocução máscula.—Manobra habil. — Panico inexplicavel. — Mais provas de energia. — S. Lourenço de Mago. — Exclusão desteal. — Morte de generaes.—Indiscipliua e descontentamentos. — Duello aprasado. — Suspensão de hostilidades.

Vem de longe a intervenção de Portugal nos conflictos armados ou diplomaticos da Europa. Diversas vezes, as forças vivas da nação teem sido compellidas, por causas muito complexas e

acontecimentos muito enredados, a guerrear em paizes estranhos, quasi sempre para defender interesses da patria, ou como tal se suppunham, outras, poucas, por uma successão de fatalidades, que exigiriam largo espaço enumerar, até contra esses mesmos interesses.

Narraremos, mui succintamente, em que consistiram essas intervenções até o envio da Legião portugueza a França.

Na batalha de Alarcos ou Al-arak, ferida em agosto de 1195, castelhanos e portuguezes experimentam uma sangrenta derrota. Entre outros chefes illustres ali perdemos Gonçalo Viegas, mestre da ordem de Evora, e Rodrigo Sanchez, alcaide de Silves. A ambição de tal modo desnorteia alguns dos principes e senhores christãos, que Pedro Fernandes de Castro, rico homem de Castella, acutila os seus compatriotas e correligionarios ao lado dos infieis. Affonso VIII de Castella cogita na desforra e estende os seus fossados até Montanches e Jaen. O filho do intrepido emir Yacub, Mohammed-En-Nacer ou Annasir, proclama a djihed ou guerra santa. O imperio dos almoravides levanta um exercito formidavel. Nas praias de Tarifa desembarea um diluvio de berberes. O monarcha castelhano intimida-se, impetra da christandade um soecorro prompto e valioso. Ou a Hespanha se emancipará para sempre do dominio do Islami, ou as cimitarras do Moghreb e do Andaluz agrilhoarão

perpetuamente ás ferraduras dos esquadrões mahometanos a população escravizada da Península.

Innocencio III prega em S. João de Latrão o extermínio dos arabes. O arcebispo primaz, Jimenez de Roda, peregrina pela França, Allemanha e Italia a solieitar combatentes para esta nova cruzada. Concentram-se em Toledo guerreiros idos dos confins da Europa. Pedro II, de Aragão, acode ao appello; o leonez Affonso IX prefere talar o nosso Alemdouro; Affonso II, de Portugal, ouve o brado angustioso do sógro e agrupa gente de armas, acaudilhadas pelo grão-mestre dos Templarios, Gomes Ramires.

Castella, a nação mais directamente interessada, fornece um contingente de dez mil cavallos e quarenta mil infantes. Portugal concorre com dois mil cavalleiros, comprehendendo fidalgos e cavalleiros villãos, e quatorze a quinze mil peões.

A 26 de junho de 1212 Aben Cadis, governador mouro de Calatrava, rende-se. Affonso VIII capricha em observar a capitulação ajustada. Os aventureiros francos, teutões e lombardos, affrontados com a ardencia insupportavel do sol, mas, no fundo, desesperados na sua ferocidade por não lhes consentirem a rapina, abandonam a Andaluzia. A defecção dos barbaros septentrionaes origina um certo desalento. Não dura muito. Uma atalaia annuncia a approximação

da cavallaria de Sancho VII, o *Forte*, da Navarra. O inesperado reforço, escasso em numero, vale um exercito pela bellica intrepidez.

Os christãos apoderam-se da garganta de Muradal a 12 de julho. Resta transpôr a muralha formidavel dos cerros de Losa. Como superá-la? No dia seguinte, um pegureiro, Martin Halaja, guia por uma vereda desconhecida dos berberes de além-mar, as tropas cristans e condú-las através dos azulados pincares da Serra Móreana até Navas de Tolosa, povoação da actual provincia de Jaen, onde os alliados armam o acampamento em frente do arraial agareno.

O choque produz-se na segunda-feira 16 de julho de 1212. Archivam-n'o as chronicas como um dos maiores e mais decisivos embates entre musulmanos e catholicos. A victoria, após renhido prelio, abraça-se à cruz. A peonagem portugueza, ás ordens de Diogo Haro, realiza prodigios. Condensa-se primeiro em *cunha* — formatura de avanço, — e quando a cavallaria debanda, apinha-se em *corral* — o quadrado da época — para permittir aos cavalleiros reconstituirem-se, receber na ponta dos chuços, dos bisagudos, bisarmas, alabardas, partazanas, roçadairas, etc., e repellir a carga impetuosa, desesperada dos velozes e irrefreaveis corceis marroquinos.

Durante o periodo mais critico da pugna pertence aos nossos villãos a gloria de supportar todo o pêzo da mourisma. O grão-mestre, o con-

de D. Rodrigo Forjaz, Almada, Albergaria, Farinha, dezenas de outros, registados ou não pelos chronistas, multiplicam-se e prodigalizam o sangue e as existencias. Pela primeira vez, na historia patria, a peonagem excede em firmeza, denodo e resolução as gloriosas qualidades militares das castas privilegiadas. Os valis, caids, hagibs, vasirs, xeques, etc., á frente da transbordante horda, da alluvião ou ghaswat de Mafoma, fulgurante e aguerrida, commandada pelo emir Mohammed que, para a conjuntura, se envolvera no manto venerando de seu avô Abdurraman, sofrem uma irreparavel derrota.

O mais poderoso califado do mundo joga ahi o dominio sarraceno em Hespanha. Desde então a decadencia do poder arabe, áquem estreito, precipita-se por um asperrimo declive, ao fundo do qual está a entrega de Granada por Boabdil, em 1491, com o lendario outeiro denominado *Suspiro do mouro*, onde a mãe desse ultimo rei sectario do alcorão, Ayescha, ao deparar-se-lhe o filho lavado em pranto, lle diz, entre reprehensiva e triste:

—Chora como uma mulher o throno que não soubeste defender, nem como homem, nem como rei.

*

* *

Conhecem todos quaes as causas determinantes e o significado da batalha do Salado.

Não vale a pena demorarmo-nos n'esta parte.

*

* *

Amigos e alliados da Inglaterra desde o reinado de D. João I, só uma vez, até hoje, luctamos contra as forças da Gran-Bretanha. Occorreu o facto quando cooperávamos com a Hespanha, e sob o dominio d'ella, em 1588, encorporando o melhor da nossa esquadra disponivel na *Armada invencivel*, dispersa e destruida por successivas tormentas nas costas da Escocia e Irlanda.

*

* *

Durante a guerra da Restauração, e negociado o tratado de paz com a Hollanda, que Tristão de Mendonça assignou na Haya em 1641, tratado desastroso nas suas condições e consequencias, mas o melhor que se podia concertar na afflictiva emergeneia, varios troços de tropas estrangeiras vieram servir em Portugal e defender a sua integridade. Assim, a 2 de setembro de 1641, demanda a barra de Lisboa uma frota de quarenta navios — vinte e dois de guerra e dezoito mercantes — com diversos corpos de desembar-

que recrutados nos Paizes Baixos e n'outras poteneias.

Um anno antes de pactuado o casamento da princeza D. Catharina de Bragança com o rei Carlos II do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, celebra-se o convenio de 1660, que revigora todos os instrumentos diplomaticos anteriores de alliança com a Inglaterra. N'este convenio especifica-se que o rei de Portugal, na imminencia de uma guerra com a Hespanha, pode adquirir em territorio britannico até dois mil e quinhentos cavallos, recrutar até doze mil homens e equipar até vinte e quatro navios.

A morte de Carlos II, de Hespanha, sem descendente, origina demorada conflagração n'uma larga parcella da Europa. Indicara apenas, n'uma rapida disposição testamentaria, para successor, no mando supremo do seu imperio, Philippe de Anjou, neto de Luiz XIV. Para este soberano, que na sua politica externa sempre projectara abater o poderio da casa de Austria, dominadora durante dois seculos, o ensejo apresenta-se decisivo no sentido de realizar os seus designios. Não o entende assim o imperador Leopoldo de Austria, que impõe e defende a candidatura de seu filho, o archiduque Carlos.

Defrontam-se mais uma vez as familias reinantes dos Bourbons e Habsburgos.

A Inglaterra não pode consentir no engrandecimento da França, baseada n'uma tão íntima li-

gação com a Hespanha. Aproxima-se da Austria, e forma-se a alliança que abrange egualmente a Hollanda, a Saboya, a Prussia, a Dinamarca, a Suecia e Portugal.

O tratado de 1703 inclue, em clausulas nítidas, quaes são as circumstancias em que a Inglaterra se obriga a auxiliar Portugal contra a Hespanha. Não costuma o governo de Londres, seja qual fôr a época e a conjuntura, firmar accordos estereis para o seu paiz. A esse tratado segue-se, no mesmo anno, o denominado de Methuen, um dos mais nefastos na historia diplomatica da nossa existencia nacional.

Os alliados batem os francezes no inicio d'esta guerra — chamada da Successão — em Rochsted, na Suabia; em Ramillies, na Belgica; em Malplaqet, no norte da França.

A 7 de março de 1704 fundeia em Lisboa o navio que transporta o pretendente ao throno de Hespanha, arquiduque Carlos III, escoltado por uma esquadra dos alliados. O principeseo candidato, proclamado em Vienna de Austria, soberano do visinho reino, com a denominação de Carlos III, empenha-se com Portugal, caso triumpho, a renunciar em nosso favor as cidades de Albuquerque, Valencia de Alcantara, Badajoz, Bayonna, Tuy e Vigo e os tratos de terreno da margem sul do Rio da Prata na America do Sul.

No entrementes Madrid proclama o neto de

Luiz XIV com o appellido de Philippe V, que sem demora declara guerra a Portugal e manda contra as nossas fronteiras as forças commandadas pelo marechal duque de Berwick.

Inicia-se então a campanha, de oscillações constantes, com caprichosas alternativas de victorias e de revezes. Em maio de 1705 movem-se as columnas portuguezas do conde das Galveias e do marquez das Minas, nas quaes pelejam tambem unidades britannicas ás ordens do conde de Galoway. Os nossos tomam Albuquerque, apoderam-se de Valencia de Aleantara, recuperam Salvaterra invadida pelo inimigo e assediam Badajoz. Em 1706 a offensiva torna-se mais activa. O marquez das Minas, commandante militar do Alemtejo, á frente de soldados portuguezes e de fracos troços britannicos e hollandezes, apossa-se, em março, de algumas localidades da fronteira, cruza o rio Solas, derrota o exercito de Berwick perto de Broças e entra n'aquella praça. Cerca e penetra em Aleantara, passa o Tejo, senhoreia-se de Nerez de los Caballeros e acomette sempre, até julho, em que os intensos calores obrigam os nossos a refugiar-se em acantonamentos.

Ao renovar-se a belligerancia cahem nas nossas mãos Placencia, Salamanca e Castello Rodrigo. A 2 de julho o marquez das Minas entra em Madrid e aclama, em nome dos alliados, Carlos III rei de Hespanha. Desde então a roda da Fortuna desanda. A 27 de abril de 1707, as tro-

pas franco-hespanholas destroçam completamente os seus contrarios em Almanza.

De tantas perdas de vidas e fazendas nenhum resultado pratico se obtem para o fim em vista. O acaso, a Providencia ordena outra coisa. O irmão mais velho do archiduque Carlos morre. Pertence agora a este subir ao throno de Austria. Parte para Vienna. Philippe V não encontra agora quem lhe dispute a corôa. Em Utrecht, cidade dos Paizes Baixos, accorda-se na paz de 1713. Não obstante a victoria que lhes coube nos ultimos recontros, a Hespanha e a França conformam-se com mutilações graves. Esse tratado arranca á Hespanha o senhorio da Belgica, Napoles, Milão e Sicilia. Erege em novo reino a Sardenha. Augmenta o poderio da Russia. A Inglaterra conserva Gibraltar e mantem na sua posse as antigas colonias francezas da Terra Nova, Nova Escocia e Mauricia. Portugal, que supportara sacrificios pezados, recebe da França a cedencia dos direitos commerciaes e fluviaes do Amazonas, bem como nos reconhece a auctoridade dos territorios circumvisinhos; e da Hespanha a entrega definitiva da colonia do Sacramento, na riba direita do Prata. No entanto os corsarios francezes, como Duclerc em 1710 e o celebrado Duguay Trouin em 1711, deixam um vermelho rasto de incendios, de ruinas, de assassinios, de depredações de toda : especie no Rio de Janeiro e outros pontos do Brasil.

*

* *

Alheia-se ao plano desta publicação o succedido em Portugal durante a guerra, ehamada dos Sete annos, em que o marquez de Pombal patenteia mais uma vez o seu energico patriotismo entregando aos conhecimentos technicos do conde de Lippe e duque de Mecklemburgo-Strelitz a organização do exercito portuguez.

*

* *

Deve o paiz ao ministro dos estrangeiros de D. Maria I, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, não pequeno numero de difficuldades, de angustias e humilhações. A revolução franceza de 1789 varrerá-lhe de todo o pouco senso de estadista que possuia. Sem salvaguardar devidamente os interesses da nação, sem convite explicito, antes antecipando-o, e insistindo n'uma offerta que desvalorisava, por completo, o immenso serviço prestado, entra no pacto formado pela Inglaterra e Hespanha contra a França republicana.

A 20 de setembro de 1793 embarea com rumo à Catalunha uma divisão portugueza constituida por 5.400 homens e 22 peças de artilharia. Comanda-a o tenente general, de origem escocеза, João Forbes Skellater. Agrupa-se em seis regi-

mentos de infantaria e oito companhias de artilharia. Como de habito na época, as companhias de fuzileiros dos regimentos conglobam-se em duas brigadas, ás ordens dos marchaes de campo D. João Correia de Sá e José de Mello. As doze companhias de granadeiros dos seis regimentos reúnem-se n'outra brigada sob o commando do valente e irrequieto coronel Gomes Freire de Andrade. Desempenha o cargo de chefe do estado maior o conde de Assumar. Só a 9 de novembro se opera o desembarque. Decorrem *quarenta e nove dias* a bordo de navios velhos e sem nenhuma especie de commodidade. O acolhimento leva Forbes a escrever ao ministro portuguez: « . . . quando esperavamos encontrar em terra o termo dos nossos padecimentos, foram estes sempre em augmento até o auge mais elevado de inexplicavel soffrimento ».

Não se euide que as tropas hespanholas se encontravam em melhores condições. O mesmo tenente-general Forbes acrescentava: « . . . a deploravel situação dos soldados hespanhoes não cabe em expressões pintá-la. »

A marcha para os Pyrinéos inicia-se a 18 de novembro. Ahi, o general hespanhol Ricardos, não deixa levar a melhor aos exercitos republicanos da França. A invernia desencadeia-se em progressiva furia, o adversario cresce em numero e material, o governo de Madrid demora-se em enviar os pedidos e indispensaveis reforços. A



LEGIÃO PORTUQUEZA
Oficial de Cavalaria—Companhia d'Elite (1808-1813)

(Aquarella de Ribeiro Arthur)

nossa divisão representa uma especie de anjo salvador na occorrença. Sem descansar umas esecassas vinte e quatro horas, os bisonhos portuguezes combatem durante seis horas, em Ceret, a 26 de novêmbro, ao lado das tropas do eonde da Union, eontra as eolumnas experimentadas de Dagobert, e de tal modo que uns e outros obrigam os antagonistas a retirar.

Ricardos exulta e lança-se na offensiva. Os regimentos portuguezes eserevem duas paginas gloriosas em Villelongue e Collioure. A proposito do primeiro d'estes recontos esereve o visconde de Juromenha: « . . . Esta acção deve enelher de satisfação as nossas tropas, que princepiaram o ataque em eoncorrença com duas companhias de guardas walonas e deram motivo a que os francezes dissessem que a ehegada dos demonios dos portuguezes os impedia de invernaem na Catalunha.»

Os generaes francezes appellam para um esforço decisivo e resolvem acabar com o estorvo de Roussillon. O exereito hespanhol apoia a direita nos fortes da eosta. A sua esquerda, a parte mais difficil de defender, entregam-n'a à responsabilidade de unidades portuguezas.

O serviço que de ahi advem torna-se pesadissimo. Forbes prega no deserto quando solicita para os seus eommandados, exaustos por eonstantes alertas, um poueo de repouso.

Os ministros de Carlos iv votam as forças

em operações, suas e nossas, ao mais censuravel abandono. A penuria e as enfermidades, de mãos dadas, transformam o exercito dos Pyrinéos n'um bando de maltrapilhos, onde a disciplina afrouxa de dia para dia e expulsa hora a hora a fé dos corações.

A intriga dos aulicos exhonera Ricardos, general ainda com prestigio. O commando transita para as fracas faculdades do conde da Union, subalterno intrepido e de ousadia comprovada, mas de cerebro avesso a concepções largas. Da banda dos francezes, Dugommier, sem se guindar ás cumiadas de um estrateja genial, frustra sem esforço visivel as combinações do contendor, convence-o de uma acommettida violenta sobre a ala esquerda hespanhola. Union deixa-se attrahir á armadilha, precipita-se sobre o centro e ali conquista-lhe Monterguion e Trompette, erguendo uma barreira quasi insuperavel ao retrocesso dos hispano-portuguezes.

Afflicto o chefe convoca um conselho. Na reunião Forbes opina com o seu collega hespanhol, Morlas, de que a unica salvação consiste em arreinetter n'uma offensiva energica, meio talvez proficuo para inocular ânimo novo nas desanimadas forças. O desalento, em maioria, abafa o viril parecer dos dois caudilhos. A 1 de maio começa a retirada, nuvem pouco briosa nos annaes rútilos de brio do exercito hespanhol.

As nossas forças mantem-se ordeiras, atten-

tas ás determinações de Forbes, nas primeiras phases do recio. Esta pundonorosa resolução permite-lhes, não obstante os enormes embaraços do trajecto, transportar os doentes, conduzir a artilharia, arrastar as bagagens. Apenas confia sessenta enfermos, invalidos em absoluto, nas enfermarias de Arles, á magnanimidade dos contrarios. Apesar da discordancia de juizos e de processos, a justiça impõe á consciencia do conde da Union o dever de louvar o seu colega das tropas lusitanas.

Constituem a direita as tropas do general Amarillas. Incumbe-lhes demorarem os francezes para facilitar os movimentos da retaguarda. Quando os contrarios exercem pressão mais forte, não se importam com os camaradas e largam-se pelos montes abaixo em carreira vertiginosa. Posta-se á testa de um d'esses troços o barão de Kessel. Ao sahir de Ceret, cobre-lhe a cauda o regimento de Gomes Freire. Ao preseneear a debandada dos seus, determina ao coronel portuguez que se situe n'uma eminencia a cavalleiro da estrada de Boulon, ahi se defenda até á ultima extremidade e resguarde o andamento da carriagem de mais difficil tracção.

A indole de Gomes Freire nunca primou por soffrida. Dotado de uma intrepidez que bastas vezes orçava pela temeridade, habituado á victoria nos exercitos moscovitas de Catharina II, onde acabava de se evidenciar, não escondia o mau

humor provoeado pela inhabilidade dos chefes hespanhoes, posto em relêvo em cada occasião critica. Eis o motivo porque, officiado a Forbes, terminava o relatorio nos seguintes pittorescos termos: « . . . Tratava-se de sacrificar alguma tropa para salvar o resto, e destinava-se para esse fim os portuguezes, por serem fazenda mais barata.»

Em todo o caso cumpre as instrucções recebidas. Forma o seu regimento no local designado e aguarda o inimigo. As praças portuguezas, ao observar que os seus camaradas hespanhoes retiram, presumem-se condemnadas a uma perda certa, hesitam, experimentam um instante de fraqueza, aturdem-se e falam em lhes seguir no encalço. A coragem de Gomes Freire chispa-lhe nos olhos, golfa na sua mascula e brusca eloquencia de soldado, corre para junto das bandeiras, aponta para ellas, e brada-lhe textualmente :

-- Camaradas, se os hespanhoes fugiram, devemos mostrar-lhes que um portuguez vale uma duzia d'elles. Se o perigo é grande, tanto maior será a nossa gloria. Porém, se voeës querem ser fracos e eobardes como elles, vão-se já com todos os diabos! Eu cá fiearei só com as bandeiras, e vocês hão de passar pela infamia de as ter desamparado e de deixarem ficar à sua vista, em pedaços, o seu coronel.

O regimento cala-se e aquieta-se. Dando um passo em frente, o soldado Bento de Sousa grita:

— Eu, cá por mim, nunea desampararei o meu coronel.

— Nem nós — repete o regimento inteiro.

A fala singela e varonil enthusiasma os nossos. Serenos, esperam os francezes. O conde da Union e o estado maior desfilam pela sua frente n'uma galopada infrene. A cavallaria ininuiça aecrea-se; um pelotão nosso detem-lhe o impeto. Dois canhões, em bateria n'uma altura pouco distante, cospem successivos projeteis sobre a nossa gente, que não arreda pé. Não tardam a avistar-se os regimentos do Porto e de Peniche, idos de Ceret. Gomes Freire, sempre generoso apezar do seu temperamento arruaceiro, delibera manobrar de forma a proteger os movimentos d'esses seus camaradas. N'uma bella e solida evolução colloca-se n'um alcantil à retaguarda. A cavallaria adversa teme ser colhida de flanco, e estaca no plaino. As duas unidades que se deslocam embrenham-se nos desfiladeiros, serpeiam pelos valies, põem-se fora do alcance de qualquer perseguição efficaz, e isto à sombra das bayonetas do regimento de Gomes Freire, firme como um extenso bloco de granito, glorioso como o dever cumprido, heroico como as estrophes de um hymno patriotico.

Gomes Freire retira, mas retira observando todos os preceitos da tactica e com tranquillidade morosidade. Occupa todos os aproveitaveis accidentes de terreno d'onde se difficulte o progresso

do inimigo. Só desce da ultima eminencia quando a densa e colleante columna, formada pelo 1.º regimento do Porto e o de Peniche, se pode considerar por completo a salvo de qualquer investida da cavallaria. Acompanha-a então no couce. A marcha executa-se nas melhores condições quando, inesperadamente, n'um impulso de pânico a colhem de flanco as tropas hespanholas, que de galgão se precipitam da serra, a cortam em varias partes, a separam, a fragmentam, a estupeficam, a embaraçam, a desordenam. E' ainda a experimentada inrepidez de Gomes Freire que consegue agrupar em volta da bandeira algumas secções e transpôr, com vislumbres de serenidade e apparencia de tropa regular, a raia hespanhola.

O conde da Union emprega homericas diligencias para introduzir um pouco de disciplina nos seus homens desmoralizados. Suppondo tê-lo alcançado pretende, a 18 de maio, expulsar Dugommier dos logares fortificados onde se estabelecera. mas um brusco retorno offensivo dos francezes destroça de novo as columnas de assalto, e mais uma occasião o destemido Gomes Freire toma a si a esmagadora responsabilidade de salvar o exercito e a sua honra. Colloca-se deante de duas companhias de granadeiros e põe em acção os mais desesperados esforços para suster a corrente de pavor, que a todos empresta azas para fugir, e não cruzar os braços ante o

aniquilamento total de tantos militares tresloucados.

A 13 de agosto disputa-se o aspero combate de S. Lourenço de Mugo. Succumbe ahí o general francez Mirabel e é aprisionado o marechal hespanhol e barão de Kessel. Os portuguezes portam-se com coragem. Demonstra-a a alta distincção que lhe outorga o conde da Union. Ao resaltarem inequivocas provas de que o triumpho propende para as bandeiras da Republica, o general hespanhol confia aos regimentos lusitanos, commandados por Bernardim Freire, e a seis peças de artilharia, ás ordens do bravo major João Antonio da Rosa, de suster e neutralizar as cargas da cavallaria inimiga, cohrir a retirada e demorar o mais possivel a approximação dos contrarios. Junca-se o campo de muitos corpos dos nossos, uns para não mais se levantarem, outros mais ou menos perigosamente feridos, poupando assim a vida a muito hespanhol. Mas as insignias nacionaes não córam pejudas de vergonha. Mais ainda. Os francezes desistem por aquelle lado de continuar na offensiva.

A recompensa d'este notabilissimo acto de boa camaradagem, dedicacção e bravura consiste no governo de Madrid mandar cortar no seu orgão official, *A Gazeta*, os louvores com que os chefes hespanhoes premiam a honrosa e altruista proeza. Não constitue o reparo uma accusação gratuita. Fundamentam-na, e inilludivel-

mente, as notas diplomaticas dirigidas pelo nosso ministro acreditado junto da cõrte de Carlos IV, protestando contra a desleal exclusão.

A adversidade não favorece os expedicionarios. A 17 de novembro de 1794 o exereito alliado soffre um duro revcz. Varias unidades deixam-se surprchender na Montanha Negra. O 1.º regimento do Porto, flanqueado por quatro columnas mais numerosas que o seu escasso effectivo — dentro em poueo completamente cercado — acha-se na dura necessidade de, após uma defesa illustre, depôr as armas. N'essa batalha morre Dugommier e, decorridos trez dias, a 20, o conde da Union, que, sendo um mau general, possuia briosas qualidades de soldado, encontrando-se sempre onde o perigo se lhe afigurava imminente.

O commando em chefe cabe agora ao general marquez das Amarillas. A sua ineopectencia apressa o desmembramento e indisciplina do exercito. Os desastres succedem-se de roldão. A praça de Figueras capitula sem quasi disparar um tiro. Em compensação D. Domingos Isquierdo, com a sua brilhantissima defesa de Rosas, dá aos seus camaradas uma lieção de lidimo heroismo.

Não observam mais estricta e exemplar disciplina as tropas portuguezas, principalmente os officiaes. Gomes Freire, exaltado, intolerante, não admitte as transigentes fraquezas de For-

bes com as constantes exigencias dos seus collegas hespanhoes, a quem não poupa, em voz de estentor e com a sua habitual irascibilidade, acerbos e deprimentes criticas. As differenças de nacionalidade criam permanentes attrietos. A necessidade urgente de preencher vacaturas e reorganizar os diversos serviços faz que em alguns postos superiores sejam providos officiaes estrangeiros. Os nacionaes não se sujeitam, ao que pensam ser um postergamento de direitos, sem vehementes protestos. A presença no exercito do tenente-coronel francez Clavière, emigrado, ajudante de campo do tenente-general Forhes, como dissemos de origem escoceza, do coronel do regimento de Olivença, João Jacob de Mestral, e ainda d'outros, causa fundos descontentamentos e produz numerosos descontentes.

Gomes Freire não se cala. As intrigas e as zangas chegam ao auge de se aprasar um duello entre Gomes Freire e Jacob Mestral, o que só se evita mandando Forbes prender Gomes Freire no forte de Figueras. As sympathias da officialidade dividem-se por Forbes ou Gomes Freire. Não havendo meio de congraçar os desavindos e de implantar um vestigio sequer de subordinação, o governo de Lisboa manda regressar a Portugal Gomes Freire e o tenente-coronel Martins Pamplona. Forbes adoeece de gravidade.

As hostilidades arrastam-se com manifesta má vontade. A 5 de agosto de 1795 suspendem-se.

A Hespanha assignava a paz sem consultar, ao menos, Portugal. Recompensava com este voluntario esquecimento a valiosa coadjuvação que lhe prestamos.

Seis annos depois o ministro hespanhol, principe da Paz, Manuel Godoy, preparava a triste campanha de 1801 em que perdemos Olivença e Juromenha. Nenhuma das nações a quem tinhamos auxiliado, estendeu para nós, na afflictiva conjuntura, um braço amigo.

II

. A Legião portugueza

Tergiversações perigosas.—Sem rumo definido.—Conselhos de Antonio de Azevedo.—Aturdimento governativo.—O exercito portuguez.—Os commandos.—Ingratidão.—O ultimatum de 1801.—Estado de alma.—Campanha de vinte dias.—Vergonhas.—Honra salva.—Ainda Gomes Freire.—Expoliações.—Reorganização da força armada.—Justiça claudicante.—Lannes em Lisbôa.—Informações de Paris.—Um heroe.—Meio de pagar dividas.—Em paiz conquistado.—Rompiemento diplomatico.—Mais vergonhas.—Resposta de Lord Hawkerbury.—Tratado de Fontainebleau.—Os cuidados de Napoleão I.—Remonta barata.—Impassibilidade nacional.—A creação da Legião.—Estado maior e sollos.—Partida para França.—Violencia.—Miscelanea.—Cortezias.—A primeira noite em territorio francez.—Aventura curiosa.—O primeiro cerco de Saragoça.—Uniformes.—Usurpação.—Protestos.

O alvorecer do seculo xix carrega-se de brumas de mau presagio para Portugal. Os erros e

vacillações do timoneiro, que empunha o leme da nau do Estado, orienta o paiz n'uma singradura de meandros inextricaveis. Esmagada a nação por sacrificios superiores aos seus recursos, todos elles se annullam em resultados estereis. Enviamos à Catalunha a divisão Forbes para rechaçar os francezes, expedimos para Plymouth a nossa esquadra, então poderosa, ás ordens do almirante Sanches de Brito, que manobra de accordo com a britannica, de Howe, na missão de bloquear os portos da França, e affirmamos aleivosa e pusillaninamente ao governo de Paris a nossa neutralidade.

O ministerio de Londres não toma a serio os nossos estadistas. As suas esquadras abrigam-se nos nossos portos, entram aqui rebocando ou comboiando presas feitas aos francezes, ao mesmo tempo permittem aos corsarios d'essa nacionalidade a hostilização implacavel do commercio nacional. A Hespanha, como atraz narramos, assigna a paz em separado, une-se à França e paga-nos com a guerra o auxilio prestimoso com que servimos os interesses da sua dynastia. A embrulhada diplomatica attinge tão calamitosa desorientação que parte das forças portuguezas aggridem simultaneamente a França, a Hespanha, a Inglaterra, ao passo que outras cooperam com esses paizes contra nós proprios.

A escala das humilhações rebaixa-nos até ás mais abjectas subserviencias. Entre os nossos

poucos diplomatas de valor avulta Antonio de Araujo e Azevedo, ministro de Portugal em Paris, que, n'uma situação embaraçosissima, não lhe reconhecendo nenhuma das prerogativas e immunidades inherentes ao seu cargo, soffrendo, pelo contrario, dolorosos vexames, ehegando a ser preso no *Templo*, como lhe succedeu a 29 de dezembro de 1798, eserevia n'um arraneo de dignidade, n'um celebre officio a Sousa Coutinho: «... O caracter inglez é imperioso quando acha condescendencias e ordinariamente modera o seu orgulho quando se lhe mostra firmeza.» E argumentava com os salutaes confrontos do pequeno ducado da Toscana e do não muito grande reino da Suecia.

O aturdimento governativo não deixa vêr elaro na complicadissima emergencia. A esquadra portugueza do commando do marquez de Niza opera no Mediterraneo contra os francezes, por differença de horas que não batalha em Abukir, mas o erario da Gran-Bretanha fecha-se a sete chaves quando de Lisboa lhe solicitam, em fevereiro de 1798, um subsidio ou emprestimo na inilludivel perspectiva de uma guerra com a Hespanha, e amplia a terminante recusa pecuniaria não só negando armas e soldados, mas ainda ordenando o embarque de dois regimentos inglezes, dos seis mil homens enviados a Portugal, sob o commando de *Sir Charles Stewart*, a instante reclamação do principe regente.

O exercito portuguez, da época, figura no organimento com um effectivo de quasi cincoenta e dois mil homens. Na realidade só existem trinta mil, composto de soldados com armamento antiquissimo, e de officiaes sem instrucção regular, invalidos na maioria, sem se fazerem obedecer por uma solida disciplina. Commanda em chefe o proveccto duque de Lafões. Os seus oitenta e dois annos mal deixam já adivinhar o brilhante e denodado official da sua juventude, que em exercitos estrangeiros vincara as suas qualidades de soldado brioso de intellecto bem equilibrado, mas mais dado sempre ás investigações e gosos da litteratura que aos energieos cuidados e firmeza de vontade de conduzir homens á victoria e á morte. A artilharia, a cavallaria e infantaria, sob a direcção dos condes de Aveiras, de Sampaio e do marquez das Minas, beneficiam pouco da nobre extirpe dos seus chefes e resentem-se muito da sua falta de preparação professional.

O pacto celebrado entre a França e a Hespanha em 1801 arremessa-nos á cara com a imposição de fecharmos os nossos portos ás embarcações da Gran-Bretanha dentro de quinze dias. O governo da republica franceza colloca quinze mil homens ao dispor de Manuel Godoy para o ajudar a invadir o paiz. Em Portugal liga-se tão pouco credito á deslealdade e ingratitude da investida, que o duque de Lafões diz ao seu collega hespanhol, general Solano: «... Para que nos

havemos de bater? Portugal e Hespanha são duas bestas de carga. A Inglaterra nos excita a nós, a França vos aguilhõa a vós. Agitemos e toquemos os nossos guizos; mas por amor de Deus não nos façamos mal algum. Muito se ririam em tal caso á nossa custa.»

A deslealdade e a ingratidão proseguiram.

Epilogam-n'a essa desgraçada campanha de vinte dias. A 20 de maio de 1801 Olivença e Juromenha rendem-se sem disparar um tiro; a 29 soffremos um revez em Arronches, a 4 de junho outro na Flor da Rosa. A 6 capitula Campo Maior e assignam-se em Badajoz os preliminares da paz, sancionada em Madrid pelo tratado de 20 de setembro, em que appõem as suas assignaturas os plenipotenciarios: portuguez, Cypriano Ribeiro Freire, e francez, Luciano Bonaparte.

E' o coronel do 1.º regimento de Olivença, D. José Carcome Lobo, comandante de mil e duzentos homens, o primeiro que retira em Arronches. Lafões, tambem ainda não se sabe muito hem porquê, renegando o seu passado pundonoroso, presta-se a desempenhar um tristissimo papel na vergonhosa farça, e abandona o exercito a 30 de maio. O povo, com o seu emanente espirito de justiça, affixa em muitos muros e paredes de Lisboa o seguinte pasquim: *Perdeu-se entre Portalegre e Abrantes um menino de oitenta e dois anos. Levava umas botas de velludo negro.*

Esta ultima parte visava á pertinaz gotta do decreto general.

Ha, no entanto, quem salve a honra do exercito portuguez e a quem doam até á mais rubra indignação as faces esbofeteadas de maneira tão insolita. D. Francisco Xavier de Noronha, governador de Elvas, toma tão energica attitude que os hespanhoes não se atrevem a assediar a praça. O conde de Castro Marin, á frente de um esquadrao de cavallaria e de algumas peças de artilharia, repelle com efficacia a tentativa de travessia do Guadiana, no Algarve, feita pelos invasores. Mathias Azedo, incumbido da defesa de Campo Maior, com poucas ou nenhumaes condições de resistencia, com escasso numero de canhões, diminuta polvora, fortificações a desmantelarem-se, com a guarnição mal disposta, com os habitantes sublevados e subornados contra qualquer idéa de opposição pelas armas, assoberbado por uma rija e numerosa investida, sujeito a um pereune e implacavel canhoneio, repelle durante dezoito dias as continuas arremettidas e, quando já não lhe resta nenhum meio de conservar o que tinham confiado ao seu brio de soldado, obtem uma capitulação, significativa da bravura e energia demonstrada.

Mas acima de todos adeja a intrepidez de Gomes Freire, apesar dos seus defeitos e genio insubmisso. Á frente de umas escassas centenas de homens redime pela sua audacia e pela sua

denodada iniciativa a imbecil pusillaniedade e o condemnável aturdimento de bastantes dos seus camaradas. Transpõe a extrema da provincia de Traz-os-Montes, invade o territorio hespanhol, entra n'alguns povoados de importancia, lança-lhes e cobra-lhes contribuições, constrange os moradores de Fezes a solicitarem a sua annexão a Portugal, impõe-lhes a nossa vassallagem, attrahe, engana, ludibria, repelle, bate, com a sua mesquinha columna, outras contrarias, de effectivo incomparavelmente superior, e manobra, evoluciona, marcha, contra marcha e escôa-se como uma gota de agua n'um crivo por entre os corpos que o perseguem e pretendem aniquilar.

A derrocada assume taes proporções que a França, a Inglaterra, a Hespanha consideram e tratam Portugal, consequentemente, como um organismo gangrenado, um cadaver que só merece o desprezo do monturo. O general Karr Beresford, mais tarde general em chefe do exercito portuguez, apodera-se com navios e tropas britannicas, a 24 de julho de 1801, da ilha da Madeira; realiza-se uma segunda occupação, em nome da Gran-Bretanha, em novembro de 1806, de Goa e outras localidades da India; e em maio de 1809, Lord Minto, vice-rei do Industão, pretende absorver e administrar a nossa possessão de Macau. Não incluimos n'esta vergonhosa lista, de inconfessaveis expoliações, a forma especiosa

como a ilha de Ceylão transitou do nosso dominio para o da Inglaterra.

O governo, após o tratado de paz de Madrid, que, além dos vexames atraz eshoçados, nos leva vinte e cinco milhões de libras tornezas, julga do seu dever reorganizar o exercito. Nomeia para o logar de general em chefe, em substituição do projecto duque de Lafões, o marechal allemão von Goltz — antepassado do marechal do mesmo nome morto em 1916, escriptor militar celebre, reorganisador do exercito turco e primeiro governador da Belgica occupada pelas tropas germanicas, — e resolve punir os officiaes fracos e prevaricadores. Mas fã-lo como? Ao passo que o commandante militar de Juromenha, Gama Lobo, portuguez, é condemnado à morte e commutada a sentença em prisão perpetua em Benguella e soffre a infamia da exautoração, o governador de Olivença, marechal Clermont, de origem franceza, mais culpado que o anterior, consegue desviar de cima do seu posto, honras e benesses, qualquer especie de castigo.

*

* * *

A formidavel colligação da Europa contra a França improvisa generaes a chispar gloria em cada batalha. A ascensão de Bonaparte aos fastigios do poder impõe-n'os como embaixadores ás

cortes estrangeiras. que lhes são surdamente hostis. No archivo da nossa chancellaria existe um officio confidencial, datado de Paris, de 5 de junho de 1802, em que o nosso representante n'aquella cidade D. José Maria de Sousa, escreve ao titular d'aquelle ministerio, D. João de Almeida de Mello e Castro, pintando-lhe qual o conceito em que é tido ali o general João Lannes, nomeado ministro em Lisboa.

De extirpe pobre e obscura, tintureiro de profissão, alistado em 1782, é coronel trez annos depois, com vinte e seis annos. Tão bravo como Ney, os seus ferimentos multiplicam-se. Em tenente uma bala atravessa-lhe o braço direito. Aflicção-se desde logo a Bonaparte. Bate-se com entusiasmo e alegria. Apenas sabe ler e escrever, mas é naturalmente intelligente e educa-se a elle proprio. Na Italia, evidencia-se em Millesimo, Dego, Fombis, em Lodi. Nos dias de Arcole, vem de Governolo, onde se cura de outra ferida, e recebe mais trez, uma d'ellas para salvar o general em chefe. A amizade dos dois estreita-se dia a dia. Bassano outorga-lhe os bordados de general de brigada. Commanda a expedição contra o Papa. A paz de Campo Formio encontra-o um chefe de prestigio.

Trabalha secretamente na organização da expedição do Egypto. Em março de 1798, Lannes leva ao novo exercito do Oriente o thesouro de Berne, de que Bruno se apoderara. Combate em

Chebreisse e nas Pyramides. Parte para a Syria. Em S. João de Acre, em vez de murmurar como os collegas, escala a praça. Uma bala fere-o na garganta. A cabeça fica-lhe pendida sobre o hombro esquerdo e a voz adquire um timbre de falsete. Na batalha de Abukir recebe novo ferimento.

Regressa do Egipto. Republicano convicto, quasi se zanga com o futuro imperador por causa do 18 Brumario. A amizade prevalece. Lannes recebe o commando da Guarda Consular. A segunda campanha de Italia eleva ás culminancias a sua reputação. Á frente da guarda avançada, expulsa os austriacos do Piemonte, desbarata-os em Montebello e concorre poderosamente para a victoria de Marengo. Ahi, «coberto de sangue, ouve os ossos estalar com uma bulha de granizo», ao ricochetar da metralha austriaca.

O primeiro consul sonha já com a corôa imperial. Lannes, republicano, rude, tosco, tratando-o por tu, tomando com elle liberdades que escandalizam o protocollo, não lhe convem a seu lado. Como affastá-lo? Um acontecimento inesperado aplaná a difficuldade. Lannes aluga em Paris o palacio de Noailles e encomenda uma rica baixella ao ourives Odier. Julga-se auctorizado, por uma phrase de Bonaparte, a tirar quatrocentos mil francos dos fundos da Guarda. Ha uma verificação inesperada e é obrigado a repôr essa importancia, que Augereau lhe empresta.

Humilhado, pede ao dictador que lhe proporcione ensejo de liquidar os seus debitos, visto ter no corpo «trez balas, duas cutiladas e trez bayonetadas.»

Lannes vem para Lisboa, acreditado como ministro junto da côrte portugueza, e, como escreve um biógrapho, «segundo os privilegios annexos a esta embaixada, não terá difficuldade em se enriquecer e de pagar a divida a Augereau.»

A acreditar no julgamento de D. José Maria de Sousa, o genio de Lannes não era mau, mas as suas paixões arremessavam-n'o para a violencia. Acolhe-o Portugal cavalheirescamente, como sempre, e já o diplomata prevenira de Paris: «... que é um sujeito que ha de ir embarçar, pois para se desembaraçarem d'elle aqui é que lhe deram esse logar.»

Desde logo Lannes se julga em paiz conquistado. Recorrendo sempre á impetuosidade, a sua linguagem não se harmoniza com o cargo. Baldadamente se queixa o nosso governo ao francez, mas este não quer reprehendê-lo nem chamá-lo. Exgotados todos os meios que a diplomacia offerece, o mesmo D. José aconselha: «... segundo as informações que tenho, o homem é susceptivel de interesse pecuniario. Portanto, com a maior cautella e segredo, sem servir-se de uma intermediaria pessoa, pode em tal caso fazer-se ao general Lannes um mimo de valor, quando

se julgar conveniente; e assim por este meio e pelo de uma grande civilidade e attenção com elle, é provavel que a nossa côrte consiga fazer d'este ministro o melhor advogado perante o seu governo.»

À medida que os nossos governantes se tornam mais condescendentes, mais crescem as exigencias do residente francez. Pagam-se contribuições avultadissimas à França e as pretensões multiplicam-se. Em Paris M. de Talleyrand não provê de remedio e as ameaças progridem.

Lannes entende-se directamente com o príncipe regente, o que foi mais tarde D. João vi, e a quem trata por *Monsieur du Brésil*, sem se importar com o respectivo ministro. A etiqueta geme, todos censuram, mas Lannes quer. É o bastante. Impõe a demissão do celebre intendente da policia Pina Manique. Na noite de 29 de maio de 1802, um ajudante do general commette taes tropelias, que é preso por alguns soldados da Guarda Real da Policia. Pois essas praças e o capitão de serviço recolhem ao Castello de S. Jorge e respondem a conselho de guerra. Emfim as coisas sobem de ponto e Lannes retira-se de Lisboa, depois de uma especie de rompimento diplomatico.

Lannes volta. Napoleão não o quer junto de si. Volta ainda com mais arreganho e furia. Os membros da legação fazem contrabando desassombroso pelas alfandegas. Ninguem os pode coagir,

e D. -José Maria de Sousa aconselha o afastamento de Pina Manique. A nota enviada pelo representante de Buonaparte, a 6 de setembro de 1803, espanta pela singularidade da insolencia.



GENERAL JUNOT

Responde-lhe o visconde de Balsemão dois dias depois. O marquez de Vagos, governador da Torre de Belem é desconsiderado, os emigrados realistas Coigny, Caillet e outros sahem de Portugal, o estado maior de Viomenil é dissolvido, detido, etc.

Não desdobreemos mais o vexatorio estendal:

Nesta altura, em 1 de junho de 1803, D. Diogo Antonio de Sousa Coutinho envia um *memorandum* a Lord Hawkerburg. Responde-lhe o ministro britannico, recommendando a Portugal a mais estricta neutralidade. Com respeito ao immediato soccorro solicitado declara que não pode: . . . «tomar alguma final determinação d'este ponto, até que sejam effectuadas as providencias militares para a defesa dos seus proprios dominios. Quanto às espingardas e artilharia, S. M. ordenará que se faça immediatamente um exame da quantidade d'aquelles artigos que se acham presentes nos arsenaes de S. M. afim de que se possa verificar a proporção que possa ser destinada ao serviço de Portugal.»

*

* *

Em 1806 Napoleão planeia o bloqueio continental. O tratado de Fontainebleau, assignado pelo general Duroc, como representante de Napoleão I, e por Eugenio Isquierdo, plenipotenciario de Carlos IV de Hespanha, em 29 de outubro de 1807, retalha Portugal em tres parcellas: a *Lusitania Septentrional*, que abrange as provincias de Entre-Douro e Minho, cabe em partilha á infanta de Hespanha, expoliada do throno da Toscana; o *Principado dos Algarves*, Alemtejo e

Algarve, pertence ao príncipe da Paz; a região central do paiz fica como penhor na mão dos francezes, á espera de dono.

Já a 12 de outubro d'esse mesmo anno Napoleão ordenara ao general Junot, commandante do corpo de observação de Gironde, que marche sobre Lisboa. A 27 de novembro foge para o Brasil o regente, sua mãe, demente, e toda a côrte. A 30 entram em Lisboa, sem nenhuns elementos serios de resistencia, andrajosos, esfaimados, os primeiros regimentos do exercito invasor.

É a 12 de novembro de 1807 que á mente do imperador dos francezes acode a primeira idéa de formar a *Legião portugueza*. Escreve n'esse sentido ao seu delegado em Portugal, e insiste n'ella a 20 de dezembro. A 23 nas instrucções expedidas synthetisa: «1.º que o paiz seja occupado pelas minhas tropas; 2.º que o paiz seja desarmado; 3.º que todas as tropas portuguezas sejam mandadas para França em columnas de oitoeentos homens, excluindo tudo que esteja fora de serviço; não é que eu deseje ter muitos homens, mas desejo que o paiz os não tenha . . . »

Portugal dispõe de um exercito de, approximadamente, trinta mil homens. Menos de um mez depois da invasão é reduzido a metade. Junot dissemina a guarnição de Lisboa. Os regimentos de infantaria e cavallaria marcham para a

provincia. Com os nossos cavallos remontam se os dragões francezes.

Ha protestos, mas isolados. Depois dos motins occorridos em Lisboa após o arriar da bandeira portugueza no Castello de S. Jorge e ali desfraldada a franceza, implacavelmente soffocados em sangue; de um homem de Mafra que se lembrou de invectivar o exercito francez e que foi fuzilado depois de um simulacro de conselho de guerra, em que entravam officiaes portuguezes; de uma rixa seria travada entre uma companhia do 58 de linha, francez, e algumas praças do regimento do Porto, que estavam de passagem nas Caldas da Rainha; nada mais succedeu digno de menção.

Junot promulga varios decretos organizando, o que a principio se designou por *Legião Lusitana*. O primeiro data de 16 de janeiro de 1808 e o segundo de 20 de fevereiro do mesmo anno. Este ultimo engloba o que chama o exercito portuguez de marcha em duas divisões. A 1.^a compõe-se dos regimentos de infantaria 1, 2 e 4 e dos de cavallaria 1 e 3; a 2.^a dos regimentos de infantaria 3 e 5, de 1 batalhão de caçadores a pé, do regimento de cavallaria 2 e de 1 esquadraão de caçadores a cavallo. Ha um inspector geral, commandante das duas divisões, dois marechacs de campo, outro marechal de campo, chefe do estado maior, etc. O inspector geral ganha, por mez, 1.000 cruzados ou 2.500 francos;

o tenente-general, 800 cruzados ou 2.000 francos; os marechaes de campo, 500 cruzados ou 1.250 francos; o chefe do estado maior, 300 cruzados ou 750 francos.

O inspector geral, commandante, é D. Pedro de Almeida, marquez de Alorna, general de divisão; tenente-general, Gomes Freire, general de divisão, segundo commandante; marechaes de campo, D. José Carcome Lobo, general de brigada, commandante da 1.^a divisão; João de Brito Mousinho, general de brigada, commandante da 2.^a; chefe do estado maior general Manuel Ignacio de Martins Pamplona. Figuram tambem n'essa nomeação o brigadeiro Sousa, chefe do estado maior; os sub-chefes do estado maior, Marino Miguel Franzini e Manuel de Castro Ferreira de Mesquita. Da cavallaria são coroneis o marquez de Loulé, Roberto Ignacio Ferreira de Aguiar e Alvaro Xavier de Povoas, que nunca partiu por não se ter formado o seu regimento. Commandam os regimentos de infantaria os coroneis: o 1, Joaquim de Saldanha e Albuquerque; o 2, D. Thomaz, marquez de Ponte do Lima; o 3, Francisco Antonio Freire Pego; o 4, Alvaro Botelho, eonde de S. Miguel; o 5, José de Vaseoneellos e Sá, e ainda Ferrari. Á frente do esquadrão de caçadores a cavallo vae D. João de Mello e do batalhão de caçadores a pé, Francisco Claudio Blanc.

Junot, apertado pela instante earta de Napo-

leão, datada de 28 de fevereiro de 1808, manda partir a Legião. Algumas das suas unidades passam por Burgos em maio.

Em virtude das ordens expedidas pelo imperador ao marechal Bessières, a 22 de abril, a marcha continua por Breviesca, Pancorbo, Miranda, Vittoria, Mondragon, Villafranca, Tolosa, Hernani, Irun, Saint-Jean-de-Luz, Bayonna, Peyrhorade, Orthez, Pau. Os regimentos de infantaria 1, 2 e 3, os dois de cavallaria e o esquadrão de caçadores entram em França a 1 de junho de 1808; o 4 de infantaria, só entra ali em 11 de julho; o 5 e o batalhão de caçadores a 16 de setembro de 1808.

Vamos saber o motivo.

Era uma violencia sem nome, e que poucas vezes a Historia regista nos seus annaes, a exercida por Junot sobre o exercito portuguez. Expede-o para França contra sua vontade e obriga-o a bater-se ao lado de quem tantos aggravos lhe fizera. As forças portuguezas ao iniciarem a sua marcha para Salamanea, em principios de abril de 1808, onde chegam a 16, e de lá para Valladolid vão n'uma tal miscelanea de unidades e n'uma tal promiscuidade de uniformes, que mais parecem bandos de guerrilhas agrupados á pressa que elementos militares methodicamente organizados. As deserções durante a marcha contam-se por centenas. Só do 3 de infantaria mais de metade volta para traz a caminho da fron-

teira. O marechal Pamplona, que os commanda na ausencia do marquez de Alorna e de Gomes Freire, consegue imprimir uma certa disciplina onde tudo é caos e confusão.

Em Ciudad Rodrigo o marquez de Alorna assume o commando. A 29 de abril a columna entra em Burgos. Revista-a Bessièrcs e manda-a acampar em Breviesca. O marechal francez convida a nossa officialidade para jantar. É o primeiro acto de cortezia, acolhido no entanto com uma tal ou qual sobranceira pelo marquez de Alorna, a quem a recente nobreza do duque de Istria não deslumbra.

O itinerario segue os seus trâmites. A 13 de maio as forças portuguezas sahem de Miranda, a 14 chegam a Victoria, a 22 a Tolosa, a 29 atravessam o Bidassoa em pontes de barcas. A 1 de junho Napoleão passa-lhes a primeira revista e trata-as com gentileza. Ordena que lhes distribuam a mesma comida que à Guarda Imperial e offerece um jantar á officialidade. Nessa primeira noite em terra franceza decorre em descantes ao som plangente das violas e guitarras. A imperatriz Josephina delicia-se ao ouvir a toada melancolica e dolente das nossas canções populares.

O imperador pensa aproveitar os portuguezes na defesa dos docentes francezes mandando-os postar entre Valladolid e Burgos e ainda n'outros serviços. A 18 de maio de 1808 um decreto reorganiza a *Legião*. Constitue-a em duas brigadas

de infantaria e uma de cavallaria, compostas de seis regimentos de infantaria, dois de caçadores a cavallo e um batalhão de artilharia. Este pouco dura. Continua a commandar a Legião o marquez de Alorna, a cavallaria Pamplona, as brigadas de infantaria D. José Carcome e Brito Mousinho. O ultimo não tarda a ser exonerado por não saber francez. É chefe do estado maior D. Manuel de Sousa; quartel mestre um official francez, M. Dosrays.

O revez experimentado pelo general francez Lefebre-Desnouettes em Saragoça leva Napoleão a mandar retroceder a Legião. Executa varias marchas e contramarchas em Hespanha. Depois de differentes peripeccias acontecidas em diversas guarnições, como em Victoria e Logroño, toma parte no primeiro cêrco de Saragoça.

Gomes Freire, que obtivera auctorização para se demorar uns dias em Portugal, segue para Hespanha. Em Tordesillas uma guerrilha hespanhola aprisiona-o. Liberta-o um destacamento francez na occasião de occupar Valladolid. De muito lhe serve, para se evadir da cadeia, uma venera da ordem de Christo, suspensa da gola. Parece que os carcereiros lhe attribuem a dignidade de bispo e se curvam reverentes ante elle. É Garcez quem narra o faeto nas suas memorias. Gomes Freire conferencia com Bessières e solicita o posto que lhe compete, general de divisão, á frente dos seus compatriotas.

De 2 de julho até 13 de agosto de 1808, francezes e portuguezes assediavam Saragoça, sob o commando do general Verdier. N'essa data os sitiantes, ante os numerosos reforços recebidos pelos defensores da praça e após aturado bombardeamento, lançam fogo às obras de campo e retiram. Os quinze mil alliados perdem quatro mil homens, dos quaes trezentos portuguezes, e entre estes o major Antonio Macedo e o tenente Magini.

Mais evoluções. As forças seguem para o rio Ebro. As deserções avultam. Entre Victoria e Logroño desaparecem quatrocentas praças do 4 e do 5 de infantaria. O primeiro d'estes regimentos marcha em direcção de Bayona. Os generaes francezes Muller, inspector de infantaria, e Paris d'Illius, da cavallaria, dispendem o mez de julho em trabalhos de organização e assentam nos uniformes a dar á Legião. Aos officiaes portuguezes, com mais de quarenta annos de serviço, permite-se-lhes o regresso a Portugal.

O imperador equipara os nossos soldados, em pagamento, á infantaria ligeira franceza, e a cavallaria aos caçadores a cavallo. O uniforme consiste, na infantaria, n'uma «farda curta de panno castanho escuro, com bandas quadradas, abotoada até a cintura. Algibeiras ao comprido. Bandas, golas e canhões vermelhos. Forro branco. Botões brancos com o distico em redor *Legião portugueza* e ao meio o numero do regimento. Collete de panno branco com pequenos

botões eguaes ao da farda. Pantalonas de malha castanho escuro com meia polaina. Barretina como a anterior.»

A cavallaria veste farda castanho escuro, com o mesmo corte da dos caçadores a cavallo; golla e canhões vermelhos; algibeiras ao comprimento e botões brancos. Veste de panno branco, com pequenos botões brancos; calções á hungara, de malha castanho escuro, com listas brancas. Capa castanho escuro. Na cabeça o capacete de couro guarnecido de pelle de urso, tal como a maioria das tropas portuguezas o usa actualmente.»

Este uniforme não destôa muito do então usado no nosso exercito. «Os distinctivos para os officiaes, de uma e outra arma, serão em branco.»

Os dois inspectores francezes, já citados, presumem-se os chefes supremos da *Legião*. O Marquez de Alorna protesta com energia contra a estúpida usurpação.

O imperador attende-o. O tenente-general portuguez exerce o commando de facto e de direito.

III

Wagram

O exemplo do marquez de la Romana. — Alistamento de hespanhoes. — Duello tragico. — Episodio comico. — A cavallaria portugueza em Gray. — A convenção de Cintra e a Legião. — Regresso de Napoleão I a França. — Palavras do imperador acerca dos portuguezes. — Informações do general Mathieu Dumas. — A 13.^a meia brigada. — O ferimento de Napoleão. — Sobre Landshut. — Perseguição. — Carta curiosa. — O castello de Ebersberg. — Ataque impetuoso. — Entrada em Vienna. — De guarda ao Imperador. — Morte de Lannes. — Resposta heroica. — O castello de Sachersang. — Um momento de desordem. — Os portuguezes na eminencia de Baumersdorf. — Os ZZ. — Carga formidavel. — Perdas e recompensas. — Baixas portuguezas.

Os regimentos de infantaria da Legião, escalonam-se pelo Languedoc, aquartelando-se em Pau, Tarbes, Vic e Bayonna. A cavallaria aloja-se em Auch. Napoleão I indica essas localidades

por serem de clima semelhante ao de Portugal. Depois effectua-se uma brusca mudança, marchando as forças apeadas para Grenoble e as a cavallo para Avignon. A 20 de agosto as tropas chegam a Carcassona e a 27 a Montpellier. Determinara o inesperado deslocamento a deserção do marquez de la Romana, da Dinamarca, que, com os seus quinze mil hespanhoes volta as costas ao imperador e se junta aos seus compatriotas. Ao que se pode inferir dos documentos, assalta um instante o cerebro do Marquez de Alorna, n'esta ultima cidade, o desejo de o imitar. Não é pratico o plano. A defecção de alguns milhares de homens, estrangeiros, fardados, com trinta e cinco leguas deante de si antes de se abrigarem na Catalunha, constituiria loucura rematada. A fuga originaria uma perseguição implacavel. A dificuldade quasi absoluta de adquirir abastecimentos, a hostilidade da gente dos povoados que atravessassem em França, talvez até a noção bem precisa e cavalleiresca do espirito militar, afugenta para longe o projecto apenas esboçado.

A Legião prosegue na marcha. Em 31 dorme em Nimes e a 2 de setembro está em Avignon. A' cavallaria ordenam-lhe que vá para Gray. A 9, já em Valence, o marquez de Alorna passa revista aos seus commandados e ahi se separam. A brigada Pamplona entra em Lion a 12 de setembro e em 18 em Poligny. Alistam-se nas suas fileiras alguns prisioneiros hespanhoes, que optam

pelo serviço no exercito francez. Dois officiaes d'aquella nacionalidade, mal avindos, por causa de rivalidades amorosas, travam um renhido combate á navalha e esfaqueiam-se tragicamente com confrangido pasmo dos habitantes de Gray.

Com a cavallaria portugueza, que entra n'esta cidade, occorre um episodio comico. Regista-o Garcez. Os moradores quedam-se estarrecidos á janella ou parados, attonitos, na rua ao depararem-se-lhes esses cavalleiros, tismados pelo sol, acobreados pelas intemperies de seis mezes de marcha, de tez mais negra que branca, de sobreceenho carregado em opposição á cara sorridente da população, com ar decidido e de garbo marcial. A maior parte da turba, principalmente a mais ignara, contempla-os como vindos dos confins do Caucaso e capazes de todos os excessos da anthropophagia.

A má impressão dissipa-se. Com o inverno apparecem convites para jantares e reuniões. As familias mais respeitadas de Gray e dos seus arriabaldes porfiam em dispensar aos nossos conterraneos a maior somma possivel de considerações. Assim decorrem semanas tratando-se dos uniformes, distribuindo-se armamento identico ao da cavallaria franceza, estabelecendo um conselho administrativo de que fazem parte com o titulo de majores generaes, para a cavallaria, em Gray, o major de Jumilhac, para a infantaria, em Grenoble, o major de Cathelin.

A convenção de Cintra esquece, por completo, os nossos soldados em França. Perdem elles de todo a esperanza de um prompto regresso a Portugal. Uns resignam-se, outros soffrem tão profundamente da nostalgia da patria que succumbem. A este numero pertence o major Julio Francisco Torres. Desde então o general francez Muller toma effectivamente o commando das tropas portuguezas. A posição do marquez de Alorna é apenas honorifica, e breve o enviam a apresentar-se em Hespanha, a Soult. Só volta à Legião em 1812.

Napoleão 1, de visita a Hespanha, nos primeiros dias de 1809, parte de Valladolid a 7 de janeiro e aloja-se nas Tulherias a 22. A inopinada volta filia-se nos preparativos da Austria que, vendo o imperador e uma parte do seu exercito, incluindo a Guarda Imperial, entretidos com a nefasta guerra de Hespanha, acha o momento opportuno para se arremessar de novo à lucta. Outras razões ainda, de politica interna, decidem o imperador a despedir um grande golpe e a responder aos armamentos da Austria com armamentos formidaveis.

Em Grenoble, o general francez Mathieu Dumas reorganiza mais uma vez a Legião. Napoleão 1, n'uma carta que escreve ao ministro da guerra Clarke, a 7 de março de 1809, diz-lhe que: «tendo motivos de estar satisfeito pela conducta da Legião Portugueza na sua passagem em

Bayonna e durante a sua residencia em França, quero dar uma prova do meu agrado chamando alguns dos seus batalhões a fazer parte do corpo de granadeiros; que conto com a sua fidelidade e bravura: que se algum soldado quizer fiar, o pode livremente fazer, pois só quero homens que venham de boa vontade.»

No seu relatorio o general Dumas enaltece o genio do marquez de Alorna. Só o critica pelo excesso de attentões com que trata os officiaes de extirpe nobre, em detrimento das boas normas da disciplina. Gomes Freire merece-lhe as melhores referencias. Não succede o mesmo com Carcome Lobo, a quem apoda de velho. Louva o coronel Pego a quem os seus subordinados censuram o demasiado rigor. Opina que determinados sargentos já ultrapassaram a idade e que podem passar a occupar o seu logar alguns francezes. «A qualidade dos homens é boa, termina Dumas, o fundo das companhias *d'élite* bello, o resto é de media e pequena estatura, mas nervoso, na força da idade e desejando marchar. Tem menos doentes que nenhuma tropa franceza.»

As necessidades do serviço exigem que a Legião seja remodelada. Forma-se a 13.^a meia brigada com tres batalhões collidos das vinte companhias *d'élite*, dois batalhões de granadeiros, commandados pelos majores Candido José Xavier e Balthazar Ferreira Sarmiento, e um de atiradores commandado por Francisco Stuart.

Cominanda essa 13.^a brigada o coronel Francisco Antonio Freire Pego e Carcome Lobo. O general francez, da 7.^a divisão, Felix Dumuy, passa-lhe revista e informa o ministro da guerra no seu relatorio: «... Fiquei perfeitamente satisfeito. São doze soberbas companhias, todos homens rebustos, já bem exercitados e promptos para entrar em campanha.»

A 13.^a brigada marcha para a Allemanha a 26 de abril de 1809. Junta-se em Strasburgo com a cavallaria do general La Vallete, organizada em Gray, e ahi aquartelada com o mesmo destino. Commandam os regimentos de cavallaria o edoso Aguiar e o juvenil marquez de Loulé.

*

* *

Vejamos com rapidez o que foi essa fulminante campanha, que abriu de novo as portas de Vienna de Austria a Napoleão I, e preliminar d'outra gloriosissima para as tropas imperiaes.

Na tarde do domingo, 23 de abril de 1809, o imperador que acantonara na vespera no castello de Alt-Egglofsheim, vigia ao alcance de metralha o combate de que resulta a tomada de Ratisbonna. Davout e Launes, á frente dos 2.^o e 3.^o corpos, obrigam o archiduque Carlos a bater em retirada ao norte do Danubio. Napoleão assenta-se n'un sitio d'onde pode observar o ataque



LEGIÃO PORTUGUEZA
Granadeiro (1808-1815)

(Aquarella de Ribeiro Arthur)



das tropas e o recuo do inimigo. O cuidado de vêr as suas ordens executadas, desereve o coronel Buat, manifesta-se na expressão do seu rosto pensativo. Na vespera à noite dissera para Berthier :

— Estou decidido a exterminar o exercito do principe Carlos hoje ou o mais tardar amanhã.
— Depois insistira : — Ah, como o inimigo está teimoso, é preciso exterminá-lo . . . É preciso exterminar o exercito austriaco.

Com um gesto um pouco nervoso, bate no chão com o chicote. De subito, uma bala, que se suppõe disparada por uma carabina tiroleza, fere-o no pé direito. O cabedal da bota não é atravessado. Mas o choque do projectil, incidindo no dedo do pé, determina uma dôr bastante viva. Transportado para uma casita proxima do logar d'este accidente, Napoleão desmaia, exausto de forças, cedendo, sem duvida, a uma excessiva fadiga causada por trez dias de trabalho consecutivo, de tensão physica e moral. Não é preciso mais para communicar a todo o exercito uma indizivel emoção.

Napoleão é obrigado a montar a cavallo, afim de socegar as suas tropas e para demonstrar que a ferida não apresenta nenhuma gravidade. Depois da tomada de Ratisbonna, passa em revista no campo de batalha, as divisões Saint-Hilaire e Briant. À noite, sentindo-se fatigado, só expede trez ordens. Tendo estabelecido o seu

quartel general no convento dos Cartuxos, prescreve primeiro ao general Montbrun, commandante de uma divisão de cavallaria ligeira, que persiga, com os seus hussares e caçadores o exercito do archiduque e que inquiete a retirada do inimigo «explorando todas as estradas na margem esquerda do Danubio.» Em seguida annuncia ao marechal Massena, em marcha sobre o Inn com o 4.º corpo, um proximo objectivo. Porfim, ordena ao marechal Lefebvre que ponha em marcha, no dia seguinte, às trez da madrugada, as divisões Deroz e Demont, em direcção de Landshut.

A 24 de abril visita os feridos, socega-os com a sua presença e ouve as medidas tomadas pelo serviço de saude. O marechal Massena, avança pelo valle do Inn, costeia os contrafortes dos Alpes bávaros, marcha sobre a cidadella de Passau, bloqueada por quatorze batalhões, e obriga-os a levantar o cerco. A proclamação imperial, expedida do quartel general de Ratisbonna, acolhida com enthusiasmo pelas tropas, é, como sempre, muito nitida:

Soldados!

Justificastes a minha expectativa; suppristes o numero pela bravura. Em poucos dias triumphastes nas tres batalhas de Thann, d'Alemberg e de Eckmuhl, nos combates de Landshut e de Ratisbonna. O inimigo, embriagado por um ministerio perjuro, parecia não conservar nenhuma

recordação de vós. Aparecestes-lhes mais terríveis que nunca. Pouco depois elle atravessava o Inn e invadiu o territorio dos nossos allados. Promettia mesmo levar a guerra ao seio da nossa patria. Hoje, derrotado, estupefacto foge em desordem! A minha guarda avançada já passou o Inn. *Dentro de um mez estaremos em Vienna.*

Lefebvre limpa as immediações de Kufstein infestadas por bandos de serranos tyrolêzes. Occupa os vales alpestres de Salzburgo. O marechal Bessières, com importantes forças de cavallaria, aproxima-se do Isar e vigia a região de Landshut, onde Vandamine e Lannes devem fazer um movimento de concentração.

Na manhã de quinta-feira 27 de abril, às seis e meia, o imperador expede ordem ao marechal Lannes de abrir o caminho de Vienna. A brigada de cavallaria ligeira do general Colbert, a «brigada infernal», o 9 de hussares e caçadores 7 e 20 rivalizam de denodo, transpõem o rio e perseguem a galope a guarda da retaguarda do feld-marechal von Hiller, que retrocede em direcção de Vienna.

Tomadas estas disposições, o imperador sahe ao meio dia do seu quartel-general de Landshut, e pára, às seis horas, na aldeia de Muhldorf, onde passa a noite de 27 de abril. Parte d'essa povoação e chega ao meio dia a Burghausen onde se demora até domingo 30. No momento de partir recebe, por intermedio do marechal Davout, uma carta que o archiduque Carlos manda en-

tregar aos postos avançados do general Montbrun, do theor seguinte:

Sire.

«Vossa magestade annunciou-me a sua chegada com tiros de peça, sem me deixar tempo de o ir cumprimentar. Apenas soube da sua presença pelas perdas que experimentava e que m'a laziam cruelmente sentir. Tomou-me muita gente. As minhas tropas, por seu turno, fizeram alguns milhares de prisioneiros nos pontos onde Vossa Magestade não commandava em pessoa. Proponho a Vossa Magestade a troca de homem por homem, posto por posto. Se esta proposta fôr acceita, digne-se fazer-me conhecer as suas intenções relativamente ao local onde deve ser operada a troca.

«Lisonjeio-me, Sire, de me medir com o maior capitão do seculo. Considerar-me-hia verdadeiramente feliz se a sorte me tivesse escolhido para assegurar à miua patria uma paz duravel. Mas sejam quaes fôr as probabilidades da guerra ou as approximações da paz, rogo a Vossa Magestade se digne crer-me que a minha ambição me conduz sempre para si, e ter-me-hei igualmente por hourado de me encontrar consigo, Sire, com a espada ou com o ramo de oliveira na mão.»

O imperador envia de Burghausen ao marechal Davout, a 1 de maio, o bilhete seguinte:

«Recebi a sua carta e a que me mandou do príncipe Carlos. Responderei a esta ultima quando tiver tempo. Essa gente é tão vil no Infortunio, como arrogante e altiva no menor vislumbre de prosperidade.»

Na noite de 30 de abril para 1 de maio Napoleão transpõe o Salza.

*

* *

O castello de Ebersberg, erguido como uma torre de menagem sobre as eminencias escarpadas, que dominam, muito de cima, o curso torrencial do Traun, parece ser uma posição inexpugnável. Para o investir, torna-se necessario atravessar, sob as rajadas da artilharia e da infantaria austriacas, uma ponte de seiscentos pés de comprimento, protegida por mais de cem bôccas de fogo, defendida por um exercito de trinta e cinco mil homens. Batalhões de Klebeck e de Esterhazy, cavallos ligeiros de Rosenberg, uhlanos de Radetsky, as melhores brigadas de Jellachich, de Homeister e de Kottulinsky recebem directamente ordem do kaiser austriaco de defender pollegada a pollegada esta posição a fim de obstruir aos francezes o caminho de Vienna. Quando os bravos da divisão Claparède chegam á orla do bosque, deante da porta fortificada que fecha a ponte de Ebersberg, depara-se-lhes um espectáculo feito para intimidar os mais intrepidos. Vêm-se, em amphitheatro, as casas da cidade onde todas as janellas estão guarnecidas de atiradores, á esplanada e eirados do castello ouriçam-se de baterias prestes a despejar sobre os assaltantes um furacão de metralha. Além d'esta primeira linha de defesa, já formidavel, aperta-se

mais além uma fileira de alturas cobertas de pinhaes, retalhada de entrincheiramentos. . . Nada d'isto detém a incrível audacia e o prodigioso impeto dos granadeiros da brigada Cohorn, lançada em columna de ataque. Na frente, enfiada pelo tiro do inimigo, os heroes arremessam-se a passo de carga de bayoneta armada.

Após uma lucta renhida, o 18 de infantaria e o 26 ligeiro, que compunham a brigada Ledru operam um duplo movimento offensivo: um precipitando-se para o castello em linha recta, outro esforçando-se por tomar de flanco as easas da cidade. Attonito com tanta audacia, o feld-marchal von Hiller, a quem informam da aproximação de Napoleão 1, em pessoa, declara-se vencido e bate em retirada.

O imperador louva o general Cohorn pela sua rara intrepidez, mas deplora as perdas soffridas, enormes. Massena, ambicioso e querendo obter um exito retumbante para o seu 4.º corpo de exercito, uma desforra do que lhe succedera doze dias antes em que contribuiu insufficientemente para o exito da manobra de Landshut, manda acommetter de frente essa posição em vez de a tornear, como tudo aconselhava. O imperador, todavia, no seu boletim de 4 de maio, escreve: «É um dos mais bellos feitos de armas que a Historia pode rememorar. O viajante parará n'este ponto, em Ebersberg, e dirá: «Foi aqui n'estas soberbas posições, que um exercito

de trinta e cinco mil austriacos se deixou repelir por duas divisões francezas.»

Seis *étapes* separam agora Napoleão do palacio de Schoenbrunn, onde conta dietar a paz ao imperador de Austria. É sabbado, 13 de maio que entra em Vienna, com a Guarda Imperial e os corpos de exercito de Lannes e de Massena. Entra pela segunda vez n'essa capital. O soberano d'ella jurara-lhe, em 1805, no bivaque de Sar-Uchitz, que nunca mais o guerrearía.

N'este sangrento drama ha dois actos. Um termina em Vienna, o outro acaba em Wagram.

E a nossa Legião?

A infantaria portugueza cruza o Rheno, passa o Inn. Defronta-se em seguida, pela primeira vez, com os austriacos. Ganha a batalha de Essling, addicionam-n'a ás tropas de Oudinot. Entra em Vienna com as demais forças do exercito francez, mas leva já a menos cento e cinquenta homens. Essa perda, importante em quantidade e qualidade, conquista-lhe a estima do intrepido vencedor de Landshut.

A 19 de maio, a nossa cavallaria e infantaria avistam-se em Saint-Polten, mas, uma ordem urgente, depressa as separa. A cavallaria estaciona proximo d'Ebersdorf, onde o imperador da Austria possui uma residencia. O acaso faz que não combatam nas sangrentas refregas que se pelem em redor, mas Napoleão patenteia-lhes o seu apreço confiando-lhes a guarda da sua pes-

soa em quanto ali se demora. Os nossos, ufanos com a distincção, desempenham o honroso encargo como se fossem *grognards* da Velha Guarda.

*

* *

De regresso de Lisboa a Paris, em 1804, Lannes é rico e já não trata por tu Napoleão. O primeiro é marechal, o segundo imperador. Napoleão organiza o acampamento de Bolonha. Lannes commanda a ala esquerda em Austerlitz; tem ás suas ordens o centro em Iena; em 1807 concorre poderosamente para a victoria de Friedland. É n'esse momento o duque de Montebello, o principe de Sievers. Vencedor em Burgos, em Tudela, dirige o celebre cerco de Saragoça em 1809. No anno seguinte, derrotados os austriacos em Abensberg, Amstetten, contém durante trez dias, em Essling, o archiduque Carlos. É por essa época que occorre o episodio do nosso tambor, filho do ferreiro portuguez.

A 22 de maio de 1809, ao cahir da tarde, quando a batalha de Essling está ganha e que os austriacos suspendem os seus ataques, Lannes passa por uma estrada, mal humorado. Ainda mais azedo fica quando se lhe depara o cadaver de um dos seus mais velhos camaradas, levado n'um capote por quatro soldados, o general Pouzet. Assenta-se á beira de um fosso, cruza as

pernas e parece reflectir. Uma bala de artilharia de pequeno calibre, bate-lhe na altura do joelho. Elle e quem o rodeia pensam ser um ferimento de pequena importancia. O seu ajudante de campo, o nosso conhecido Marbot, o mesmo que esteve em Portugal com Massena e que tanto escreveu acerca do nosso paiz, corre, levanta-se, tenta baldadamente pô-lo de pé. O marechal tinha a rótula direita partida e a curva esquerda retalhada. Querem-n'o deitar sobre o mesino capote que servira ao general Pouzet, mas Lannes recusa, commentando:

—É o do meu pobre amigo; está coberto de sangue; não quero servir-me d'elle; levem-me como possam.

Faz-se uma maca com ramos de arvore e transportam-n'o para a ilha de Lobau e de lá para Ebersdorf. Ahi estão os portuguezes. O Destino quer que o marechal tenha por derradeira guarda de honra os filhos de um paiz cujo governo elle tanto aggravara. Correm Napoleão, Bessières, Massena, o afamado medico em chefe Larrey. Ninguem o pode salvar. Amputam-lhe a perna direita. Morre ao cabo de nove dias.

*

* *

Vae empenhar-se a formidavel batalha do Wagram, ganha a 6 de julho de 1809. Os fran-

cezes querem passar o Danubio nos primeiros dias d'esse mez. Os austriacos fortificam Enzersdorf. Relata Marbot que se alguns grupos francezes se acercavam demasiado da parte da ilha, situada em frente do povoado, os postos inimigos disparavam sobre elles, mas quando se apresentavam isoladamente um, dois ou mesmo trez homens não desfechavam. Napoleão deseja vêr de perto os preparativos dos contrarios.

O imperador e Massena, com capotes de sargento, e seguidos pelo coronel Saint-Croix, ajudante de campo de Massena, então ainda simples duque de Rivoli, fardado de soldado raso, adentram-se até à margem do rio. Saint-Croix despe-se completamente e deita-se à agua, ao passo que Napoleão e o marechal para desviar qualquer suspeita tiram os capotes como se tencionassem tomar banho. Examinam à sua vontade o ponto onde querem lançar as pontes e operar a passagem. Nenhuma sentinella os incommoda.

A passagem decide-se. Napoleão explica a Massena:

— Como esta primeira columna ficará evidentemente muito exposta, por isso que será contra ella que o inimigo dirigirá todos os seus esforços, convem formá-la com as nossas melhores tropas e escolher para a commandar um coronel bravo e intelligente.

— Sire — atalha logo Saint Croix — isso é commigo.

— Porquê? — responde o imperador, encantado com este zêlo, e que provavelmente preferira essas phrases para provocar a «deixa».

— Porque — explana o coronel — de todos os officiaes que estão na ilha, sou eu que ha seis semanas tenho supportado mais fadigas, constantemente a pé, dia e noite, para executar as suas ordens; e eu peço que Vossa Magestade se digne conceder-me como recompensa o commando dos dois mil e quinhentos granadeiros que devem ser os primeiros a saltar na margem opposta.

— Tê-los-ha — retruca Napoleão, tratando-o por tu, prova sempre de extremo agrado.

Por ter cahido com o cavallo n'um buraco, occulto por hervas muito altas, Massena assiste à batalha dentro de uma carruagem.

Os dias 2 e 3 decorreu em preparativos da banda dos austriacos e francezes. Estes ultimos, atravessando o grande braço do Danubio, sobre as tres pontes de Ebersdorf, concentram-se na ilha de Lobau, onde o imperador reúne cento e cincoenta mil homens. O archiduque Carlos reúne outros tantos na margem esquerda, onde as suas tropas, collocadas em duas linhas, formam um arco immenso, afim de envolver as partes da ilha de Lobau que estão na sua frente.

O ataque dos francezes começa a 5 às nove da manhan. Descendeia-se uma tempestade formidavel. O coronel Saint-Croix toma Enzersdorf. Napoleão r manda lançar oito pontes. Alguns

auctores portuguezes fallam n'um coronel Santa Cruz, nosso compatriota. Deve ser equívoco com Saint-Croix. No que não ha duvida é que o major Luiz Francisco Trinitó, portuguez da gemma, prolonga uma ponte de barcas no praso de hora e meia e passa por ella com o seu regimento. Para a outra margem atravessam os corpos de Massena, Oudinot, Bernardotte, Davout, Mar-mont, o exercito do principe Eugenio, as reservas de artilharia, toda a cavallaria e por fim a Guarda. O corpo de Oudinot posta-se no centro da linha de combate. Constituem-n'o tres divisões Tharreau, Frère e Grandjean. N'esta ultima encorpora-se a brigada portugueza. É uma das primeiras a atravessar para além.

Logo de manhan, nas columnas que investem e se apoderam do castello de Sachensang, entram quatro esquadrões da nossa cavallaria. Á noite horrorosa succede um alvorecer radiante. O sol illumina as bayonetas de soldados idos de todos os paizes da Europa. Do lado de Napoleão, e saudando o imperador com o costumado enthusiasmo, veem-se italianos, saxões, bávaros, portuguezes, badenses, polacos, alguns tão violentados como os nossos, mas desfraldando com orgulho as bandeiras das suas respectivas nações.

O exercito francez occupa successivamente, com pouca resistencia, Essling, Aspern, Breiten-lée, Raschdorf e Sussenbrünn. Como Russbach é a chave da posição dos dois exercitos, Napoleão

resolve apoderar-se d'ella e manda atacar Markgrafen-Neusidel por Davout, Baumersdor por Oudinot e Deutsch Wagram por Bernardotte, ao passo que o principe Eugenio, secundado por Macdonald e Lamarque, cruzam o rio entre estas duas aldeias. A artilharia ligeira e a Guarda esmaga com o seu fogo as massas austriacas, mas o marechal Bernardotte, á frente dos saxonios, opera uma acommettida tão branda que não consegue nada. Os generaes Macdonald e Lamarque cruzam o Russbach, põem um momento em perigo o centro inimigo, mas o principe Carlos, arroja-se intrepidamente sobre este sitio com as suas reservas e constringe os francezes a tornar a passar o regato.

Este movimento executa-se a principio com methodo, mas sobrevem a noite, ha um engano e produz-se a desordem. Desfecham uns sobre os outros. A arremettida realizada pelo marechal Oudinot sobre Baumersdorf é tambem repellida. Fôra effectuada sem espirito de conjunto. É ahi, como diz Foy na sua *Historia da Guerra Peninsular*, que: «dois batalhões portuguezes se cobriram de gloria na vespera e dia da batalha de Wagram.» Oudinot determina á divisão Grandjean, formada em columna cerrada de meios batalhões, que se estabeleça n'uma collina, optimo elemento para as operações do dia seguinte. As trevas afugentando o crepusculo e a condensação das nevoas a pairar sobre o rio mais negra torna a

noite, já de si escuríssima. Os austriacos disputam esses outeiros com decisão e bravura, fuzilando implacáveis os assaltantes com surriadas de metralha. O fogo torna-se tão intenso que algumas unidades francezas, formadas por praças bisonhas, desmoralizadas pela violencia da fuzilaria, hesitam, trepidam, estacam, recuam e ainda mais apavorados se mostram com os clarões rapidos, sinistros, das espingardas, com o estampido e crepitar ininterrupto dos tiros, e começam a dispersar n'aquelle inferno de escuridão e de luzes diabolicas.

Os nossos na cauda veem-se de subito a descoberto. Não empolga os meios batalhões da Legião o mesmo pânico que domina os seus camaradas francezes da vanguarda. Recebem o mortifero choque e aguentam-se. As suas fileiras rarciam, mas avançam. A morte ceifa n'um nervoso e célere movimento de exterminio quanto encontra e os morenos homens do sul proseguem desassombrados na sua marcha. Os officiaes superiores, os capitães, os subalternos, Pego, Balthazar Ferreira, Stuart, gritam com voz que resôa por cima do estrepito do canhonicio e da arcabuzada:

— Rapazes, lembrem-se de quem somos! Para a frente é que é o caminho!

E nenhum olha para traz. Se pestanejam e baixam a cabeça é para investir, como o touro, com mais alma e mais furia. A posição almejada-

cahe nas mãos dos nossos compatriotas, a despeito da lava de projecteis que inunda a maré impetuosamente ascendente dos filhos de Portugal. Os apavorados fugitivos ao deparar-se-lhes este exemplo, fustigados pelas invectivas e exhortações dos seus chefes, arrependem-se, cobram animo e voltam ao seu posto.

A firmeza e intrepidez dos portuguezes attingem tão subido quilate, as suas perdas são tão graves, que Napoleão I, pouco dado a expansões humanitarias, ao ouvir um ajudante do major general Berthier relatar o acontecimento, n'um brado de admiração, exclama:

— Poupem-me os portuguezes.

Não obstante todas as sobrehumanas diligencias, Oudinot não consegue manter-se nas posições tão corajosamente conquistadas.

Wagram pode considerar-se o vertice do angulo descripto pela disposição das tropas francezas. A 6 de julho, ás primeiras claridades da madrugada, a acção recomeça. Nunca, até ahi, se vira tão numerosa artilharia n'um campo de batalha. Nos dois arraiacs trôam mil e duzentas bocças de fogo. Bernardotte ataca de novo Wagram, Oudinot marcha sobre Baumersdorf, Massena acomette Aderklaa, perdida horas antes. A cavallaria austriaca carrega com tal furia que desbarata os saxonios e sobre a carruagem de Massena chove uma verdadeira granizada de projecteis, que matam e ferem numerosos offi-

ciaes. Os exercitos em competencia traçam, um em frente do outro, figuras semelhantes a dois ZZ. As tropas do archiduque Carlos alcançam a principio sensiveis vantagens. O corpo de Massena é repellido, e esmagada a divisão Boudet n'uma portentosa carga.

A providencia de Napoleão depressa attrahae a si a victoria. Cem peças de grosso calibre fulminam a direita dos contrarios. As divisões de Massena podem reconstituir-se. Seis regimentos de carabineiros e de couraceiros, apoiados pela cavallaria da Guarda, precipitam-se como um cyclone. Debalde a infantaria austríaca se escallona em quadrado. Passa o tufão, tudo arrasa, tudo aniquila. Davout, Oudinot levam, quanto se lhes, oppõe de roldão. A aguia imperial, com os seus olhos de lynce e as suas garras aduncas, tudo vê e tudo esphacela.

Os austríacos perdem vinte e quatro mil mortos e feridos. Tres generaes sucumbem: Wukasovitz, Nordmann e d'Aspre, estes dois ultimos emigrados francezes. Do lado de Napoleão morrem tambem tres generaes Lacour, Gauthier e Lassalle, bem como sete coroneis. Sainte Croix, apenas coronel ha dois mezes e contando só vinte e sete annos, recebe a promoção a general de brigada, vinte mil francos de renda, uma gran-cruz e uma commenda. O imperador em pessoa entrega a Macdonald, Marmont e Oudinot o bas-

tão de marechal e agracia o ultimo com o titulo de duque de Reggio.

No combate da noite perde a vida o nosso intrépido major João de Stuart. Alguns esquadões nossos, utilizados como forrageadores, escaramuçam com o inimigo. Ahi jazem para não mais se levantar dois officiaes: Moreira e Antonio Fallé; ficam feridos o capitão Forjaz e o tenente Gama. Na denodada carga sobre os quadrados austriacos o marquez de Loulé arremessa-se n'uma galopada louca contra os flancos dos contrarios, secundando a accommettida dos couraceiros. Um estilhaço de granada rasga-lhe uma ferida. Ha mais dez praças inutilizadas em quanto se manteem em linha.

As perdas dos nossos batalhões orçam por trezentos homens, dos quaes dois tenentes mortos: Guilherme e Almeida, e feridos: os majores Balthazar Ferreira Sarmiento, L. F. Trinité, Candido José Xavier, capitães Silva, tenentes Coelho e Gomes. O ferimento do major Xavier apresenta-se com character tão grave, que o deixam estendido no campo até o dia seguinte.

IV

O incendio da embaixada

O general Lasatte.—Rasgos de bravura.—Um fraco de Napoleão I.—Teimosia funesta.—A cavallaria portugueza.—Ordem do dia honrosa.—Condecorações e promoções.—O Conde de Obidos.—Destino de diversas unidades.—Gentilezas de Davout.—O bravo marquez.—Lingua desenferrujada.—Casamento desmauchado.—Acothimento em Munich.—Os mutitados de Wagram.—Residencia na Allemanha.—Em Meaux.—Revistas em Paris.—Mercês honorificas.—Carta elogiosa.—Discurso improficuo.—Guarda das Tulherias.—Russa ou austriaca.—Embaixador impertinente.—Aposentaçãõ.—Boatos malévolos.—Lição decorada.—Baile de reis.—Pauco indescriptivel.—A fuga da morte.—Portuguez galante e destemido.

Uma das perdas mais sentidas por Napoleão I foi a do general Lasalle. A sua fama de *sabreur* emérito ainda hoje nenhum outro official do exercito francez a excedeu ou sequer a apagou. Nin-

guem, narra Marbot, conhecia melhor a guerra dos postos avançados e possuia golpe de vista mais seguro. Bonito, espirituoso, instruido, bem educado, fazia um tanto gala no contrario. Bebia, praguejava, cantava, quebrava tudo e jogava a propria camisa. A sua bravura degenerava sempre em temeridade.

Simple capitão de hussares na batalha de Rivoli, em 1796, assiste à derrota dos austriacos. Estes retiram do sitio da lucta por todas as saídas. Uma das suas columnas esperava escapar, descendo ao valle através das montanhas. Lasalle segue-a com dois esquadrões. O inimigo, espantado, precipita a sua retirada. Lasalle alcança-o e faz-lhe alguns milhares de prisioneiros, na presença de Bonaparte e do exercito que, no cume dos montes vizinhos, admiram uma tal coragem. No Egypto, já coronel, n'um dos numerosos recontros com os mamelucos, o fiador que prende o sabre de Lasalle ao pulso parte-se e a arma cae. Apeia-se no mais accésso da pelcja, e, sem se preoccupar com o perigo, apanha a espada, atira-se lesto para cima da montada e arroja-se de novo sobre os arabes.

Lasalle ligara-se intimamente com uma senhora franceza de alta cathegoria. Durante a sua demora no Egypto os inglezes apprehendem-lhe a correspondencia e o governo britannico manda-a publicar, o que foi censurado mesmo em Inglaterra. Esta indiscreção determina o divorcio da

dama em questão. Promovido a general, toma o commando da guarda avançada do Grande Exercito. Distingue-se na campanha de Austerlitz e na da Prussia, onde, com dois regimentos, n'um rasgo de inaudita audacia, se apresenta deante da praça forte de Stettin e intima-a a render-se. O governador, apavorado, entrega-se.

O imperador amimava-o de forma quasi inacreditavel. Ria de todas as suas partidas e pagava-lhe as dividas. Lasalle estava para casar com a dama a que atraz alludimos e Napoleão mandara-lhe dar duzentos mil francos do seu bolsinho. Oito dias depois encontra-o nas Tulherias e pergunta-lhe:

— Então essas bodas?

— Não de effectuar-se, Sire, quando tiver com que comprar o enxoval e a mobilia.

— O quê?! Mas eu dei-te duzentos mil francos a semana passada... Que lhe fizeste?

— Metade foi para pagar as minhas dividas: o resto perdi-o ao jogo.

Uma tal declaração arruinaria a carreira de qualquer outro general. O imperador sorriu. Limitou-se a puxar com força o bigode de Lasalle e ordenou ao marechal Duroc que lhe desse outros duzentos mil francos.

No fim da batalha de Wagram, a divisão Lasalle ainda não combatera. O seu commandante pede licença para perseguir o inimigo. Massena consente na perseguição com a condição de ser

feita *com prudencia*. Apenas Lasalle inicia o movimento, depara-se-lhe uma brigada de infantaria inimiga que, ficando á retaguarda e acossada de perto, se apressa a chegar ao logar de Leopoldau, afim de ali obter uma capitulação em regra, ao passo que na planicie temia a furia do vencedor. Lasalle adivinha o projecto do general austriaco, e receando que escape aos seus esquadões, mostra a estes o sol prestes a esconder-se, e exclama:

— A batalha vae acabar e somos nós os únicos que não contribuimos para a victoria. Vamos, sigam-me!

E arremessa-se de sabre em punho, acompanhado dos seus regimentos. Afim de impedir os batalhões de entrar na aldeia, o general dirige-se para um espaço muito circumscripto, que existia ainda entre Leopoldau e a testa da columna inimiga. Esta, vendo interceptado o asylo que procurava, pára e começa um fogo por pelotões dos mais vivos. Uma bala bate na cabeça de Lasalle. Cae redondamente morto!

A sua divisão perdeu uns cem homens e teve muitos feridos. Os batalhões austriacos abriram passagem e occuparam a aldeia, mas a chegada de algumas divisões francezas, de infantaria, obrigaram-n'os a depôr as armas. Os seus chefes declararam que era essa a sua intenção ao buscar refugiarem-se em Leopoldau. A carga realizada por Lasalle tornou-se, pois,



Os dois amigos — Celebre quadro de Meissonier

inutil. Pagou bem cara a inserção do seu nome no boletim!

É n'esta perseguição do inimigo, encorporada nas forças de Lasalle, que a cavallaria portugueza perde ainda mais dois officiaes. Napoleão I chega a Znaim a 11. Ahi os nossos esquadões illustram-se de novo. Loulé acutila os austriacos em duas soberbas cargas, com a Legião de Honra posto ao peito, a 8 de agosto. É tambem ahi, que o imperador dirigindo-se aos nossos compatriotas, na Ordem do dia, diz:

«Estou contente comvosco: uma parte da victoria de Wagram vos é devida.»

Pactuado o armisticio, forças da nossa cavallaria entram na escolta que custodia os prisioneiros austriacos enviados a Augsburgo.

O decreto de 14 de agosto de 1809, datado de Schoenbrun, contempla com copiosa distribuição, de medalhas e promoções, differentes officiaes, sargentos e soldados portuguezes, pela corajosa maneira como se bateram. Junto com a Legião de Honra é-lhes concedida a annexa pensão. Entre outros, Sabugal, conde de Ohidos, que merecera a recompensa de ser escolhido pelo marechal Oudinot para seu ajudante, recebe essa condecoração, que todo o resto da sua vida ostentou com orgulho.

O ministerio da guerra envia para Grenoble um dos nossos batalhões, ás ordens do conde de S. Miguel. Cabe-lhe a missão de cobrir as perdas

soffridas pela 13.^a meia brigada. Diversas causas impedem o cumprimento d'essa determinação. Ordenam-lhe que guarneça o Hanover. Um segundo batalhão de marcha, sob o commando do Marquez de Valença, parte para a frente. Quando entra na Baviera, assigna-se a paz, segue para Nuremberg e não transpõe as fronteiras da Austria. As demais unidades portuguezas estacionam em Grenoble, sob o commando nominal, perfeitamente nominal, de Gomes Freire.

A 14 de março de 1810 pisa, pela primeira vez, o solo de França, a archiduqueza Maria Luiza, filha do imperador de Austria Francisco I, casada já, em Vienna de Austria, por procuração, com o vencedor dos exercitos de seu pae. Um pouco antes, o principe de Eckmül, Davout, á frente de uma guarda de honra de trez mil homens, aguarda em Brannau, para a saudar, a nova imperatriz. As tropas portuguezas occupam perto uma posição na fronteira austriaca. Davout lembra-se dos nossos e distingue-os determinando que toda a infantaria seja a primeira a cumprimentar, militarmente, a soberana. A nossa cavallaria galopa ao lado e atraz da sua carnagem até New-Ottingen. Á noite, no sarau offerecido á consorte de Napoleão I, para o qual a nossa officialidade é convidada, o marechal apresenta-a a Maria Luiza, e valoriza a apresentação enaltecendo-lhe a bravura. Quando se acerca Loulé, diz: «O bravo Marquez. . . »

Em principios desse anno, de 1810, algumas das unidades portuguezas acantonam-se em Ratisbonna. Na cidade depara-se aos nossos um sacerdote, seu compatriota, que depois de ter vivido bastante tempo em Roma, desempenhava então o cargo de bibliothecario das varias sédes do bispo de Francfort. O bom do padre exulta com a presença dos conterraneos e não se cansa de conversar com elles no idioma em que aprendeu a falar, e que, para não o esquecer de todo, se via obrigado a exercitá-lo em soliloquios. Igualmente em Ratisbonna, o marquez de Loulé, um dos mais esbeltos officiaes da Europa, galanteador e genuinamente fidalgo, se apaixona por uma filha da condessa de Bingen, que o obsequia a elle e aos camaradas com consecutivas festas. A mão da aristocratica bávara chega a ser pedida, mas n'um baile, o ciúme origina um arauto, e o planejado consorcio desfaz-se sem consequencias de maior.

Convem registrar que a nossa cavallaria não gosara os ultimos mezes de 1809, no doce remanso das guarnições, os louros colhidos em Wagram. Aproveitaram a sua resistencia e coragem em suffocar a insurreição do Tyrol, que reagira contra a annexação do seu territorio à Baviera. N'aquellas localidades, nimiamamente montanhosas, supportou não pequeno numero de riscos e fadigas. Compenson-a o acolhimento

hospitaleiro da nobreza de Munich que se extremou em gentilezas.

A 7 de feveiro de 1810 os portuguezes, com a divisão Friant, occupam Innviertel e Salzburg até a devolução d'estas terras á Austria. A 13 de maio, Gomes Freire, commandante dos portuguezes na Allemanha, parte para Maiença. Constituem a columna a meia brigada de *élite*, dois batalhões de marcha e os dois regimentos provisionaes de cavallaria. O total da infantaria, com officiaes e sargentos, é de 2:018 homens. A 26 de junho o general, francez, da 26.^a divisão, revista os nossos e no relatorio que envia ao ministro da guerra e ao imperador elogia-lhe a «boa disciplina». Expõe n'esse mesmo documento que existem na Legião bastantes feridos e inutilizados e pede instrucções acerca do procedimento a seguir com esses militares estrangeiros, no ponto de vista de premios a conceder, principalmente aos mutilados de Wagram.

Gomes Freire, brigão, e Carcome Lobo despeitado, e até, sendo valente, de espirito um tanto curto, não se entendem. Quando em Nuremberg Gomes Freire assume o commando, Carcome Lobo enfurece-se. Muito mais rancoroso se torna quando o principe de Eckmül enaltece a Legião e o novo commandante. Após quinze mezes de residencia na Allemanha, durante os quaes pelejaram com denodo e resistiram a trabalhos, intemperies, hostilidades dos habitantes

e odios surdos dos vencidos, enfim a todos os percalços de uma campanha violenta e mortifera, os portuguezes voltam para França e descansam, em Metz a 13 de agosto de 1810. De cidade em cidade, acantonam-se em Meaux.

Carcome Lobo aproveita com habilidade qualquer explosão de Gomes Freire, avesso ao senso pratico, urde em volta d'elle um paciente enredo e alcança o commando da brigada escolhida, que, de Meaux, deve seguir para Paris.

Veremos adiante que especie de encargo confiam a Gomes Freire.

A columna do commando de Carcome Lobo compõe-se de cinco batalhões de infantaria e da cavallaria. A segunda instala-se com a artilharia da Guarda no quartel da *Axe Marie*, à beira do Sena, a segunda no então denominado de *France*. Segundo a descripção dos escriptores militares o imperador passa-lhes revista por duas vezes. A primeira d'essas paradas realiza-se a 23 de agosto de 1810. N'ella Napoleão I prende, pela sua propria mão, a cruz da Legião de Honra ao peito de dez officiaes: majores Balthazar Ferreira Sarmiento, José Joaquim Caldeira e Luiz Francisco Trinité; capitães ajudantes de campo Manuel Cordeiro da Silva e Joaquim Franco; de atiradores, José Maria de Brito e Fernando Antonio Pimentel; do ajudante Balthazar Pimentel; e dos alferes Francisco Marçal e Ducouret, francez, addido ao estado maior. A Carcome Lobo

promovem-n'o a general de divisão e concedem-lhe a venera da Legião de Honra.

A mente do vencedor de Austerlitz sazona outro plano. Deseja aproveitar com o maximo rendimento as tropas portuguezas, que se evidenciaram em tantas batalhas, combates, refregas, marchas e contra-marchas. A 20 de setembro escreve ao marechal Davout, de Saint Cloud:

«Meu primo:

«Terei domingo em Paris parada da Legião Portuguesa, que está em Meaux. Encontrar se-hão uestsa parada os batalhões de marcha da divisão da vanguarda do exercito de Hespanha, a Guarda hollandeza e a minha Guarda franceza. A minha Guarda dará n'usse dia de jantar a todos os soldados portuguezes, e vós dareis de jantar aos officiaes.

Napoleão.»

No domingo seguinte effectua-se a parada. Depois de varias manobras, Napoleão manda formar a nossa infantaria em quadrado e mette-se dentro d'elle com o estado-maior. Discursa ás tropas. Inectiva os inglezes. Pergunta aos nossos compatriotas se lhes agradaria baterem-se contra elles em Portugal. Responde-lhe um silencio profundo. O entusiasmo pela auréola imperial não lhes faz esquecer o amor pelo paiz onde nasceram. A maior parte estremece e em seguida immobiliza-se. Contra a patria? Nunca. O imperador reconhece a impraticabilidade de addir a Legião portugueza ás forças invasoras de Massena.

No entanto os officiaes da Velha Guarda convidam os nossos para um banquete. Os soldados, depois de jantar com os seus camaradas de reputação universal, assistem a diversos espectáculos em varios theatros parisienses, onde lhes tinham sido reservado logares, com bilhetes distribuidos gratuitamente.

Durante um mez os nossos prestam serviço de guarnição em Paris, o que todo o exercito imperial considera distincção e premio. A 19 de outubro de 1810 fazem a guarda de honra das Tulherias, ao lado dos celebres *grogards*, o que até ahí nunca se concedera a tropas estrangeiras.

Agora um episodio pouco conhecido entre nós.

A entrevista de Tilsitt aproxima Napoleão I do tzar da Russia Alexandre I. Quando o imperador dos francezes pensa em se divorciar da imperatriz Josephina, afim de se casar com uma princeza de sangue real e dar à dynastia fundada por elle um herdeiro, Caulaincourt, embaixador da França em S. Petersburgo, entabola negociações para obter a mão, primeiro da gran-duqueza Catharina, depois da gran-duqueza Anna, irmans do tzar. Essas negociações esbarram na irreductivel opposição da tzarina Maria Feodorowna, mãe de Alexandre I, que exerce sobre o filho decisiva influencia. Napoleão irritado com a surda contrariedade da imperatriz mãe, manda sustar todas as diligencias n'esse sentido e faz incidir a sua escolha na archidnqueza austriaca Maria Luiza.

A guerra da Russia, conclue um historiador, John Vienot, Moscovia, a campanha de França, Waterloo e a abdição de Fontainebleau são as ultimas e tragicas consequencias do mallogro d'esses dois casamentos. A imperatriz russa Maria Feodorowna modificou os destinos da França com os seus eserupulos de se tornar sogra de Napoleão.

A Russia e os russos assignalam constantemente na carreira do primeiro capitão do seculo xix o ponto negro do seu estonteante destino.

Já primeiro consul, encontra no embaixador da Russia, Arcadii de Markof, uma hostilidade latente e incommoda, manifestada a cada passo. Acoimava-o sempre de «parvenu» e não se angustiava que lh'o dissessem ou que elle o ouvisse. Um dia, n'uma recepção das Tulherias, o Primeiro Consul entra n'um salão onde alguns dos seus convidados estão reunidos. Antes de ter visto o embaixador, dirige a palavra a outras pessoas. Markof offende-se com o que considera uma falta de attenção e sahe do palacio sem ter cumprimentado Bonaparte.

Outra vez, em seguida a um jantar, provoca uma conversação acerca de jardinagem e gaba deante do Primeiro Consul a belleza dos jardins do palacio. Bonaparte propõe-lhe conduzi-lo ali para lh'os fazer admirar. Mas ao chegar á escadaria, em frente da qual esperava a carruagem do embaixador, este faz signal ao cocheiro de se

acercar, mette-se n'ella e parte, deixando assim suppôr ás testemunhas d'esta scena que o Primeiro Consul o acompanhara até à porta das Tulherias.

Pouco tempo depois, Markof admittia na embaixada russa o seu amigo Christino, suiso, accusado de conspirar contra o Primeiro Consul. D'esta vez Bonaparte zanga-se a valer e exige a retirada do embaixador. O tzar Alexandre I concedeu a Markof a gran cruz de Santo André, mas auctorisou-o a aposentar-se. Viven desde esse momento, no verão, nas suas propriedades da Podolia: de inverno, no sen palacio de S. Petersburgo. Consorciara-se com uma franceza, Mlle. Hus, de quem teve uma filha, casada em 1813 com o principe Sergio Galitzine.

Se a população parisiense nunca sympathizara com a desditosa rainha Maria Antonietta, tambem não nutria nenhuma especie de estima pela imperatriz Maria Luiza. Afigurava-se-lhe um erro o segundo casamento de Napoleão com a filha dos Césares austriacos. Antes da archiduzezza entrar em Paris já ali corriam singulares e malévolas lendas. Classificavam-n'a de pateta, desastrada, má, ardilosa e feia. Uns affirmavam que não sabia contar até 3, mas que comia como seis; que se alimentava exclusivamente de farinhas e doces: que não sabia ler nem eserever, e que tudo quanto dizia o repetia como um papagaio pacientemente ensinado. . . Quando a prin-

ceza appareceu, no dia da celebração do casamento official, narra Lenôtre, o seu olhar apagado, as faces salientes, o ar apathico não lhe atrahiram os corações. No arco de triumpho levantado nos Campos Elyseos, ao cumprimento do prefeito do Sena, respondeu :

— Estimo a cidade de Paris, porque sei que ella estima o imperador.

Isto foi proferido n'um tom tão em absoluto indifferente de lição decorada e recitada, que a phrase já de si banal, tornou-se ridicula. No entanto a juvenil imperatriz ostentava tantos diamantes, a pompa do cortejo era de tal maneira esplendida, as festas do casamento tão deslumbrantes, que o povo acclamou a nova soberana como acclamara tantas outras.

Pouco depois do tão pouco auspicioso consorcio o embaixador de Austria em Paris, o principe de Selwarzemberg, offerece aos imperiaes noivos um baile na sua residencia da Chaussée d'Antin.

Por falta de uma sala sufficientemente vasta para conter tal somma de convidados, construiu-se, no jardim do palacio, um salão de madeira, de amplas dimensões, ornamentado com magnificencia. Agglomeram-se ahi vinte reis, rainhas, principes ou princezas, uma porção de altezas imperiaes, reaes ou gran-ducaes, uma turba de marcheas, de embaixadores, ministros, dignitarios de toda a especie.

O imperador chega com a imperatriz. A orchestra toca o hymno. Ha apresentações, beija-mão, passeios nos jardins maravilhosamente illuminados, regresso ao salão e inicio do baile. Dansam a primeira quadrilha o vice-rei de Italia, a rainha de Napoles, o rei Jeronymo, a princeza Paulina, o principe Esterhazy e a embaixatriz austriaca.

De subito alguem vê uma chamma que lambe um pannejamento. Os pares não avaliam bem o perigo. Dão ainda algumas voltas. N'um instante todo o tecto arde. Da luxuosa multidão que baila por baixo d'este brazeiro de ameaçadoras labaredas salhe um immenso clamor de pânico. Segue-se-lhe um tumulto, uma agitação, uma serie de empurrões indescriptiveis. Tudo se precipita para Napoleão. Os officiaes rodeiam-n'o de espada desembainhada suppoundo um attentado. O imperador não perde a sua costumada serenidade. Arrasta a imperatriz e põe-n'a a salvo.

Apenas o soberano desaparece a desordem transforma-se em pavor. É uma corrente insensata de reis, principes, damas a gritar, em direcção de salidas muito estreitas, uma confusão medonha de uniformes brilhantes, de seios nus, de vestidos inflammados, de grupos em desvario, luctando para passar, derrubando-se, espesinhando-se. Não ha titulos. Esquecem-se as precedencias, nivelam-se as magestades, atropelam-se as altezas. De todas essas vaidades humanas apenas restam

creaturas que fogem á morte. Todos eguaes ante o medo. Os lustres cahem uns após outros. Os barrotes, calcinados, deslocam-se e desabam incandescentes. O sobrado flammeja. O fogo cerca os desventurados n'um circulo insuperavel.

É na critica conjuntura que um official portuguez da Legião, dos convidados, de notavel sangue frio, dedicação e intrepidez, salva algumas senhoras. Infelizmente a brochura franceza d'onde extrahimos este episodio não regista o nome do pundonoroso official.

No jardim a collisão não é menos terrivel. As mulheres que escapam da fornalha cambaleiam com os olhos esgazeados, com os vestidos em fogo, com os cabellos rútilos de diamantes, crestados. As vietimas contam-se por dezenas. Todos esses trajes seintillantes, todas essas ornamentações sumptuosas se transformam em farrapos, mutilados pelas ehammas, manchados de lama, rasgados, pendidos como andrajos. Aos eumprimentos respeitosos, ás mesuras estudadas e profundas, aos mil requintes da etiqueta, succedem-se sem transição, os murros, as pragas, os encontrões brutacs.

Ao menos o desconhecido official portuguez salvou a galantaria das tradições nacionaes.

A passagem do Niemen

Projectos de Napoleão I.—Tonnel das Danaides.—Juizes favoraveis.—Espanhoes e portuguezes.—Novo commando de Gomes Freire.—Encontro doloroso.—Deserção de officiaes.—Situação difficil.—Regresso a França.—Mais uma reorganização.—Commandos.—Novas guarnições.—Influencia do Marquez de Loulé. Cordialidade de relações.—O bloqueio continental.—Receios do tzar Alexandre I.—Obstaculos á invasão da Russia.—O Grande Exercito.—Cortejo de soberanos.—Ausencia de precauções.—Misto de nacionalidades.—João Bernardotte.—Odio irreductivel.—Exautorção publica.—Resolução pundonorosa.—Attrictos.—Má camaradagem.—Falta grave.—Mudanças de opinião.—O apoio dos polacos.—Passagem do Niemen.

Por meados de 1810, Napoleão projecta addicionar á França o cantão suizo de Valois. Envia então para Genebra o general Cesar Berthier, á frente de diversas columnas de infantaria e ca-

vallaria. Para ali já tinha marchado o general Gomes Freire com alguns batalhões da Legião, devido, em parte, como esplanamos, aos emaranhados ardis de Carcome Lobo.

A infantaria da Legião, organizada em 1808. de um effectivo, no decreto, de cêrea de nove mil homens, nunca attingira esse numero. Rótas as hostilidades de Portugal com a França, tornava-se impossivel preencher as baixas com homens recrutados no nosso paiz. O ministerio da guerra, francez, tomou então o expediente de as supprir, alistando na Legião os prisioneiros hespanhoes. Os batalhões provisionaes, mandados para a Alemanha, sob o commando do marquez de Valença e do conde de S. Miguel, compunham-se na sua maioria de naturaes de Hespanha.

Não se louvou o ministro pelo resultado. O duque de Feltre n'um relatorio dirigido ao imperador escreve:

«Estes recrutas hespanhoes não são recrutas escolhidos, e tem sido necessaria toda a firmeza do major Cathelin para os manter um pouco na ordem. . . »

O ministro baseava-se ao expôr isto, naturalmente, na carta recebida do major Cathelin, em que este official, ao referir-se aos dois citados batalhões provisionaes, prestes a marchar, relatava:

«Em conformidade com as ordens recebidas o batalhão



Samuel Pierpont
Eschscholtz (1848-1897)

em marcha da Legião partiu hontem. Os soldados vão fornecidos de artigos novos, mas aposto que antes de meio caminho terão vendido tudo. A mochila de um hespanhol e de um portuguez assemelha-se ao tonnel das Danaides. Os castigos não são capazes de os conter. Na guerra batem-se bem, mas em guarnição são detestaveis.»

Tambem em 27 de abril, o general Friant, a proposito de algumas unidades nossas, que lhe estavam subordinadas, participou para as estancias superiores que: «as tropas da Legião estão desorganizadas por culpa de Carcome, que é em demasia benévolo para os officiaes.»

Napoleão I escreve ao ministro a 12 de julho de 1810:

«O recrutamento da Legião portugueza entre os prisioneiros hespanhoes é uma má coisa. É preciso enviar um official general rigoroso para que lhes passe revista e reenvie aos depositos de prisioneiros todos quantos se portarem mal. É pôr as armas na mão de homens muito perigosos e impedir que me possa servir d'esses quadros.»

As ordens do imperador cumprem-se. Depois de uma revista severa passada em Metz, a Legião, são transferidos d'ali para o regimento de José Napoleão seiscientos e quinze hespanhoes e mandados immediatamente para Antuerpia. Transitam egualmente para outras unidades uns sessenta e sete italianos, alguns allemães e irlandezes. Ficam apenas certos francezes, antigos prisioneiros na guerra da Peninsula. A transferencia

de taes elementos, pouco ordeiros, melhora o espirito do corpo. Sabe-o o duque de Feltré por informação do commandante da 9.^a divisão que eselaree: «... os soldados portuguezes são bem disciplinados, animados de um excellente espirito e do desejo de *bien-faire*, mas não acontece o mesmo aos soldados hespanhoes; muitos d'elles são inclinados ao roubo.»

Ainda n'outro relatorio, datado de setembro d'esse mesmo anno, o ministro da guerra comunica ao imperador:

«Os portuguezes nos quadros dos cinco regimentos de infantaria e nos dois de cavallaria, estacionados na 6.^a e 7.^a divisões, são quasi todos officiaes inferiores, tambores, musicos, artifices e enfermeiros. Os homens válidos e aptos para o serviço d'esta Legião, encontram-se na meia brigada de *elite*, que S. M. inspecionou em Paris, unicamente composta de portuguezes. Todos os hespanhoes, em Metz, foram d'ella passados para o regimento de José Napoleão. O general Muller afirma-me que se pode contar com os hespanhoes que ficaram na Legião depois d'esta transferencia.»

Os batalhões com que Gomes Freire se apresentou ao general Cesar Berthier, em Valais, tinha quadro de officiaes e sargentos portuguezes e cerca de quarenta compatriotas nossos por companhia. As restantes praças eram, na quasi totalidade, hespanhoes. Organizara esses batalhões o general francez Muller. Cominandavam-n'os Antonio José Baptista Carneiro e os majores

Blanc e Bernardino Antonio Moniz. Decorridos dois mezes reuniu-se-lhes em Genebra outro batalhão, commandado por Alexandre de Martigny, official francez que emigrara e entrara no exercito portuguez em 1803; collocado em infantaria 24, foi para França em 1803, incorporado na Legião. Mantendo-se esses territorios em socego e mudando o imperador de plano, Berthier ordenou que retitasse d'ali a cavallaria do general Fiteau. Assumiu o commando das demais tropas o nosso Gomes Freire, que por ultimo tambem regressou a França em março de 1811.

A despeito da frieza com que os nossos soldados acolheram a proposta feita por Napoleão, na revista que lhes passou em Paris, de irem combater os inglezes em Portugal, o imperador não arredara completamente de si tal idéa. A eloquencia dos factos, porém, chama-o ao bom caminho. Massena soffre na invasão os primeiros revezes. O imperador faz sustar a marcha das tropas portuguezas para além dos Pyrineos. A infantaria aquartela-se em Bourges e a cavallaria em Chateauroux. Occorre n'essas evoluções um episodio emocionante. O segundo regimento de cavallaria atravessa Issoudon. D'ahi segue una fracção, ás ordens do capitão David Pinto de Moraes Sarmiento, em direcção de Toulouse, onde estaciona tres mezes. Durante essa étape descansa dois dias em Orléans. Qual não é o seu espanto e a sua pena quando se lhe deparam

n'essa cidade diversos prisioneiros de guerra e entre esses alguns officiaes da nossa infantaria 24. Encaminhavam-se para Léon, localidade escolhida para o internamento dos prisioneiros portuguezes. Conversaram, trocaram impressões. Os da Legião souberam pelos seus conterrancos as vicissitudes e calamidades soffridas pelo paiz commum n'essa agitada época. Singular encontro e extraordinaria situação! Uns achavam-se ali por ter defendido pundonorosamente a sua patria, outros por serem obrigados a bater-se com valentia ao lado dos inimigos d'essa mesma patria. As considerações d'esses compatriotas e d'essas camaradas acêrea dos dictâmes da sorte devem ter sido bem dolorosos e lancinantes.

Para Hespanha, com destino a Portugal, são enviados em 1810, afim de se reunirem ao exercito invasor de Massena, o marquez de Alorna, Pamplona e o seu ajudante de campo Antonio Nobre, os marquezes de Valença, Loulé e Ponte de Lima, os condes de Sabugal e de S. Miguel, D. Manuel de Souza, José de Vasconcellos, Manuel de Castro, Candido José Xavier, o tenente Antonio Severino de Gusmão e muitos outros. Alguns d'estes officiaes não querem pôr os seus conhecimentos especiaes do solo patrio à disposição dos generaes invasores e desertam. Tomam esta briosa resolução, apesar das contrariedades e riscos que vão arrostar, os marquezes de Ponte de Lima, de Valença e José de Vasconcellos.

A ambição de Bonaparte e a conflagração originada por ella colloca esses trinta officiaes nas circumstancias mais difficeis e precarias que podem illaquear um militar. Esses officiaes tinham partido para França, na Legião, de uma forma perfeitamente legal. Ali, não podendo regressar ao seu paiz, sabem com pasmo, que o governo e os tribunaes de Lisboa os condemnaram, por contumacia, á morte, por traidores, e lhes confiscaram os bens. Na verdade, poucas vezes alguem se encontra, tão implacavelmente e tão sem sahida airosa, entre a espada e a parede. No entanto o general Foy na sua *Historia da guerra na Peninsula*, referindo-se a esses officiaes, escreve: «Os chefes do exercito francez tiveram a delicadeza de poupar-lhes missões em que elles pudessem encontrar-se, com armas na mão, contra os seus compatriotas.»

Laura Junot, a denominada, á franceza, marquezia de Ahrantes, que tanto escreveu nas suas *Memorias* sobre o nosso paiz, conta que interveio favoravelmente junto do generaes Cacault e Fournier para que o conde de Sabugal não combatesse contra os seus patricios. Ficou ás ordens do ultimo d'esses generaes, como já fôz na Wagram, ajudante de Oudinot. Fournier ficou encantado por encontrar n'elle um bom rapaz, espirituoso e bravo.»

A maioria dos officiaes portuguezes, addidos ao quartel general de Massena, volta-

ram para França. Breve conheceremos o seu rumo.

Dissuadido Napoleão 1 de utilizar os portuguezes, principalmente depois do desastre do Bussaco e do invencível obstaculo das linhas de Torres Vedras, pede a 7 de março e a 17 de abril de 1811, ao ministro da guerra, informações acerca da Legião e dos seus generaes. Responde-lhe o duque de Feltré que: «O melhor e mais habil dos generaes portuguezes, que estão em França, é sem contradicção o general de divisão Gomes Freire.»

O decreto de 2 de maio de 1811, datado de Saint Cloud, reorganiza a Legião. Formam-n'a trez regimentos de infantaria, um batalhão de deposito e um regimento de cavallaria. Cada regimento de infantaria tem dois batalhões, cada batalhão seis companhias de fuzileiros e cada companhia cento e quarenta homens, incluindo os officiaes. O batalhão de deposito compõe-se de quatro companhias de fuzileiros. O regimento de cavallaria congloba quatro esquadrões de cento e setenta e seis homens, com exclusão dos officiaes. Cada esquadrão tem duas companhias. Os primeiros, segundos e terceiro batalhões, que fazem parte da meia brigada d'*élite*, e da força de doze companhias, constituem o primeiro regimento. Este primeiro regimento conta dois batalhões. O primeiro é formado por atiradores, o segundo por granadeiros. Recebem o pret de granadeiros ou



LEGIÃO PORTUGUEZA
Oficial d'Estado Maior (1808-1813)

atiradores. Na sua composição só entram portu-
guezes.

Commanda o primeiro regimento o coronel Francisco Antonio Freire Pego, o batalhão de atiradores o major Luiz Francisco Trinité, o de granadeiros o major Caldeira. Os dois batalhões do segundo regimento commandam-n'os os majores Bernardino Antonio Moniz e Balthazar Ferreira Sarmiento. Os dois do terceiro são commandados pelos majores Francisco Claudio Blanc e Alexandre de Martigny. Para commandar o regimento de cavallaria é nomeado, a 8 de julho, o coronel marquez de Loulé e majores João de Mello (Sabugosa) e D. José Benedicto de Castro. Os capitães Antonio Pego e José Pereira Piuto são promovidos a majores por influencia do general Carcome Lobo.

Esta nova organização completa-se em outubro de 1811. O deposito de cavallaria marcha para Grenoble para se juntar à infantaria. Alguns officiaes, sargentos e soldados, com direito à reforma, escolhem o departamento da França onde desejam residir e recebem ahí os seus vencimentos. Como o merito obtem sempre recompensa e supera todas as intrigas, Gomes Freire recebe o commando da Legião, e Carcome Lobo carpe o mallôgro das suas aspirações n'uma commissão inactiva de pouca importancia, mas onde, ainda assim, é prestavel aos seus camaradas da Legião.

A infantaria parte para Toul e a cavallaria para Epinal. Nesta ultima cidade o marquez de Loulé dedica-se de corpo e alma a tornar modelar o seu regimento. Faz mais do que isso. Não se esquece dos seus subordinados. Solicita uma pensão para o capitão Silveira, de familia uobre, com mulher e filhos, que está impossibilitado de receber qualquer rendimento de Portugal, visto o soldo ser insufficiente para a sua manutenção. Dirige a mesma solicitação a proposito do ajudante Torme. Pede para o ajudante Rieben, com vinte e quatro annos de serviço, o commando da 8.^a companhia do deposito. Impetra a Legião de Honra para o major Mello, para o capitão David Pinto e para o alferes Venancio que se distinguiram em Wagrau. Empenha-se por que o brigadas Nuno Jayme obtenha a sua promoção a alferes. Interessa-se pelo sargento ajudante Gambôa, que diligenciou afogar-se para não ser mandado para o deposito.

O tenente coronel do regimento portuguez é o marquez de Jumilhac, francez, embaixado do duque de Richelieu. O general barão de Ponget, governa o departamento dos Vosges e reside em Nancy. Da effusão e galhardia das suas relações com a nossa officialidade falam gentilissimamente as suas *Memorias* e ainda um quadro, pintado por um juvenil artista francez, Malespina, pensionista de Nancy em Paris, que representa esse general e os marquezes de Loulé e Jumilhac,

fardados com o uniforme da Legião, no momento em que galopam ao encontro do chefe francez, que ia passar em revista o seu regimento, e que terminada ella lhe offereceram um jantar, verdadeiros retratos e documentos preciosos para a historia militar do tempo e respectiva indumentaria.

*

* *

Porque resolveu Napoleão 1 invadir a Russia? Por causa do bloqueio continental. Origem da sua decadencia, da perda do throno e do enorme poder que conquistara até ahi.

O imperador quiz obrigar o tzar Alexandre 1 ao cumprimento do tratado assignado em Tilsitt em 1807, tratado que fechava todos ou quasi todos os portos ao Reino Unido, projecto gigantesco da ruina da Inglaterra, e que este paiz ou por meios diplomaticos, ou suborno ou á mão armada conseguiu quasi sempre illudir. Mas a verdadeira causa, como affirma Marbot, que levava o soberano russo a oppôr-se ás pretensões de Napoleão originavam-se no receio de ser assassinado como seu pae o imperador Paulo 1, que ferira o amor proprio nacional alliando-se á França, e em segundo logar, o ter destruido o commercio russo declarando guerra á Gran-Bretanha. Alexandre 1 começava a comprehender que alienara as sympathias pela deferencia e amizade que patenteara

a Napoleão nas entrevistas de Erfurt e de Tilsitt. Não lhe convinha addicionar mais uma razão de queixa suspendendo o commercio com a Inglaterra, unica salida que se apresentava á nobreza russa para exportar os productos accumulados nas suas immensas propriedades e obter por esta forma rendimentos compensadores. Demais a mais não depositava extrema confiança nos officiaes que o rodeavam, os mesmos do sequito de seu pae, e entre estes o chefe do estado-maior Benningsen.

É a fraqueza que faz baquear todos os poderosos autócratas.

Napoleão I não pondera nenhum d'estes motivos e persiste nas ameaças. No entanto hesita. Consulta varios officiaes que conhecem bem a Russia e mais particularmente o tenente-coronel de Panthon. Este official expõe-lhe toda a verdade. Indica-lhe os obstaculos que se oppõem aos seus designios invasores. Os principaes são: a apathia e a falta de concurso das provincias lithuanias avassaladas ha muitos annos á Russia; a resistencia fanatica dos antigos moscovitas; a escassez dos viveres e das forragens; regiões quasi desertas que tem de se atravessar: caminhos impraticaveis para a artilharia depois de chover algumas horas; os rigores do inverno e a impossibilidade physica de combater na época das neves que começam a cahir nos primeiros dias de outubro.

Vinha de longe o preparo de Napoleão para o infeliz apprehendimento. As primeiras bases são lançadas em abril de 1811. Constitue o chamado exercito da Allemanha em trez nucleos de observação, os corpos do Elba, do Rheno e de Italia. Inclue n'elles nove batalhões portuguezes.

A 2 de janeiro de 1812 o jornal official insere o decreto da organização do Grande Exercito. São seiscentos mil homens de quasi todas as nacionalidades europeias. Os francezes apenas entram por metade.

Napoleão I sai de Paris a 9 de maio acompanhado pela imperatriz. Dirigem-se a Dresde. Aguardam-n'os ali o imperador de Austria, seu sogro, e quasi todos os principes da Allemanha. O unico que falta é o rei da Prussia, por não fazer parte da confederação do Rheno, e porque não tendo sido convidado não se atreve a apresentar-se sem licença de Napoleão, mas que lhe supplica que leve como ajudante de campo o seu filho primogenito, mais tarde o rei Frederico Guilherme IV.

Os protestos de fidelidade, que de todos os lados sussurram aos ouvidos de Napoleão, perturbam um pouco a habitual serenidade e segurança do seu juizo. Commette faltas no agrupamento dos diversos contingentes. Em vez de exigir da Austria e Prussia, suas inimigas de hontem, o maximo numero das forças disponiveis, collocá-las na vanguarda, «tanto para poupar o sangue francez»

como para as vigiar, apenas requisita trinta mil homens a cada uma e forma com ellas as duas alas do exercito. O erro evidencia-se. As alas das tropas invasoras, constituidas por estrangeiros, mantem-se proximo dos paizes respectivos, podendo formar em caso de revez dois exercitos á retaguarda dos francezes. N'estas circumstancias, a Austria fica com cento e setenta mil homens de reserva e a Prussia com sessenta mil. Nenhum dos subordinados ousa expôr ao chefe tão grave inconveniente.

O Grande Exercito compõe-se de quatro corpos principaes: o 1.º, commandado pelo marechal Davout, contém a 1 de junho 67.000 homens, sendo d'estes 58.000 francezes e os restantes badenses, mecklemburguezes, hessenses, hespanhoes e polacos. O 2.º, ás ordens do marechal Oudinot, comprehende 34.000 francezes, 7.000 suissos, 1.800 croatas e 1.600 portuguezes, englobados no 3.º regimento da Legião, tendo á sua frente Manuel de Castro Pereira de Mesquita, e pertencente á 1.ª divisão d'esse corpo de exercito. O 3.º corpo, do commando do marechal Ney, enfileira 23.000 francezes, 3.000 illyrios, 14.000 wurtemberguezes e 3.000 portuguezes, arregimentados no 1.º de infantaria, sob o commando do coronel Pego e pertencente á 1.ª divisão, e no 2.º até uma certa época sob a obediencia de Balhazar Ferreira e depois da de Candido José Xavier, e pertencente á 3.ª divisão. Os 4.º e 6.º corpos

reunem-se ás ordens do príncipe Eugenio e ascendem a 77.000 homens, com 38.000 francezes, 1.700 croatas, 1.200 hespanhoes, 2.000 dalmatas, 20.000 italianos e 12.000 bávaros. Á frente da reserva de cavallaria caraeoleia Murat que dispõe de 44.000 combatentes, onde ha 27.000 francezes, 1.400 prussianos, 600 wurtemberguezes, 1.100 bávaros, 2.000 saxonios, 6.000 polacos e 3.000 westphalios. Uma parte dos chefes cingem corôas. Abundam nos postos superiores os príncipes, archiduques, grão duques, etc.

Na prodiga distribuição de thronos a que procedeu Bonaparte contemplando, não só os membros da sua familia, mas ainda alguns generaes mais apreciados, enxertando assim nas velhas arvores genealogicas das familias imperiaes, reaes e ducaes europeias basto numero de «escadros» de origem burgueza e até villan, houve um marechal francez que tambem se viu escolhido para príncipe real, sem ser por immediata e directa vontade de Napoleão I, embora a eleição se realizasse com o seu beneplacito. Referimo-nos a João Bernardotte, príncipe de Ponte Corvo, rei da Succia em 1818, com o nome de Carlos XIV ou Carlos João, por morte de Carlos XIII, que o adoptara.

Entre os numerosos rivaes de Napoleão I salientaram-se dois pela irreductibilidade da sua inveja e do seu odio—os marechaes Moreau e Bernardotte.

Bernardotte, general de valor, antigo commandante em chefe do exercito do Rheno, ministro da guerra, marechal em 1804, vencedor na campanha de 1805, tomando parte importante nas operações de 1806 e 1807, sentiu augmentar-se-lhe immensamente a já funda irritação, que sentia pelo imperador, com o succedido na batalha de Wagram.

Eis como o barão de Marbot narra o incidente.

Os saxonios commandados por Bernardotte e mal dirigidos por elle, em Wagram, são repellidos, e acommettidos pela cavallaria inimiga. Lançam-se em desordem sobre o corpo de exercito de Massena, que quasi arrastam na fuga. Bernardotte, de coragem individual acima de qualquer duvida, cede ao impulso das suas tropas destroçadas, e seguido do seu estado-maior, atira-se á desfilada pela planicie, a fim de tomar a frente dos fugitivos e detê-los. Mas apenas sahe d'esta barafunda, d'onde se destacam gritos de extrema angustia que cecóam longe, encontra-se cara a cara com o imperador, que lhe pergunta ironicamente:

— É com esta *habil manobra* que conta obri-gar o príncipe Carlos a depôr as armas?

Bernardotte já muito impressionado por vêr as suas tropas em completa derrota, ainda mais se perturba ao saber que o imperador estava informado das phrases inconsideradas que soltara na vespera. Fica estupefacto!... Depois, sere-

nando um pouco, procura balbuciar algumas palavras de explicação, mas o imperador, em tom severo e voz alta, diz-lhe:

— Retiro-lhe o commando do corpo de exercito que o senhor dirige tão mal!... Vá para longe de mim immediatamente e afaste-se do Grande Exercito dentro de vinte e quatro horas: não quero nada com um tal atarantado e turbulento.

Proferidas estas palavras volta as costas ao marechal, toma momentaneamente o commando directo dos saxões, restabelece a ordem nas suas fileiras e condú-los de novo ao inimigo.

Em qualquer outra circumstancia, Bernadotte incommodar-se-hia enormemente com tal arrechamento, mas como essa expulsão fôra determinada no momento em que galopava á frente dos fugitivos, o que podia facultar comentarios á maledicencia a proposito da sua coragem, embora o seu objectivo fosse o de deter os soldados, comprehende quanto a sua situação se aggravara e assegura-se que, no seu desespero, quiz precipitar-se sobre as baionetas inimigas e ali perder a vida.

Os ajudantes seguram-n'o e afastam-n'o das tropas saxoias. Vagucia todo o dia pelo campo de batalha. Ao cahir da tarde pára á retaguarda das linhas da ala esquerda franceza, na aldeia de Leopoldau, onde os officiaes o convencem a passar a noite no lindo palacete d'esse sitio. Mas

apenas ahí se aloja, chega Massena, pois resolvera fixar n'este ponto o seu quartel general, por isso que o seu corpo de exercito envolvia Leopoldan. Bernardotte deliberou ceder o logar a Massena. Este, que ignorava ainda a desgraça do camarada, pede-lhe para ficar e parlar com elle da moradia. Bernardotte accceta, mas enquanto se preparam os aposentos, um official, testemunha da scena passada entre o imperador e Bernardotte, conta-a a Massena que, ao saber do infortunio retumbante do collega, reconsidera e acha que a casa não é bastante vasta para abrigar dois marechaes e seus estados-maiores. Pretendendo, no entanto, simular generosidade, declara aos seus ajudantes:

— Este alojamento pertence-me de direito, mas, como o pobre Bernardotte cahiu em desfavor, cedo-lh'o; procurem-me outra casa, ainda que seja uma herdade.

Em seguida torna a metter-se na carruagem e afasta-se do palacete sem procurar, nem prevenir Bernardotte, que se sentiu muito com este procedimento.

O seu desespero obriga-o a commetter uma nova e gravissima falta, commenta Marbot. Não obstante o commando das tropas saxonias lhe ter sido tirado, dirige-lhes uma ordem do dia, na qual enaltece as façanhas d'essas tropas, e por consequencia as suas, sem esperar, conforme os usos militares, que o chefe supremo do exercito

distribua a cada um a sua parcella de gloria. Esta infração aos regulamentos augmenta ainda mais a colera do imperador. Bernardotte é obrigado a retirar-se do exercito. Volta para França. Não perdôa nunca ao imperador essa humilhação.

O principe real da Suecia quando chega o momento de Napoleão invadir a Russia deixa-se dominar pela Inglaterra e allia-se com o tzar.

Uma anecdota ainda, a proposito de Bernardotte, narrada pelo coronel Veling.

A 2 pluviose, 21 de Janeiro de 1797, celebra-va-se na praça de armas de Toul, a cerimonia civica do «odio á realza». O general de divisão Bernardotte, que atravessava a cidade, quiz assistir á cerimonia com as tropas ás suas ordens. Depois das auctoridades civis e a Guarda Nacional terem pronunciado o juramento, Bernardotte entra no centro do quadrado, formado pelas tropas, e com voz forte, pronunciou:

— Juro odio á realza e fidelidade inviolavel á República!

Em seguida o general dirige-se á *mairie* e assigna o termo da solemnidade. Este termo ainda existe nos archivos municipaes de Toul. Quatorze annos depois era principe real.

A fallibilidade dos juramentos politicos! . . .

Emfim, Napoleão 1, privado do apoio da Turquia e da Suecia, que calculara estarem do seu lado para conter os exercitos russos, só dispõe dos polacos como alliados. Mas «este povo tur-

bulento, cujos antepassados nunca se harmonizaram quando formavam um unico estado independente, não offerecia nenhum apoio moral nem physico». Todavia o imperador cheio de confiança nas suas forças resolve atravessar o Niemen. A 23 de junho de 1812, relata ainda Marbot, Napoleão, acompanhado do general Haxo, e resguardando-se com o barrete e capote de um polaco da sua Guarda, percorre as margens do Niemen. N'essa mesma noite, ás dez horas, ordena a passagem por varias pontes de barcas. As mais importantes prolongam-se em frente da cidadezita russa de Kowno, que os invasores occupam sem sombra de resistencia.

«A infantaria negra»

Espectaculo sorprendente.—O ermo.—Coincidencia notavel —Primeira refrega.—Wilna e seus heroldes.—Calamidades.—A escola de Italia e do Allemanha.—Ducout e a disciplina.—Sentença implacavel.—Promoção do marquez de Alorna.—Remonta.—Officias portuguezes em commandos e governos importantes.—Censuras injustas.—Ney em perigo.—A travessia do Dnieper.—Nos heraldes de Smolensko.—Tributo de sangue.—Valtina.—Inacção inexplicavel.—Mais demonstraões de apeço.—Color e chuvas.—Fusão de batalhões.—Resposta de Ney.—O «Terrivel.»—Penuria.—A batalha de Moscoria.—Disposições dos russos.—I reliminares do drama.—A noite de 6 de setembro de 1812.—O sol de Austerlitz.—O ataque.—Erupção formidavel.—Hesitação.—O drus da guerra.

O alvorecer de 24 de junho faculta a quem o queira admirar, um dos espectaculos mais sorprendentes que possam ser contemplados. Na

collina mais proeminente da margem esquerda do Niemen erguem-se as barracas do imperador. Em redor d'essa aldeiasita garrida, polychroma, quanto se torna susceptivel de comportar uma unidade, encostas, valles, barrancos, quaesquer accidentes de terreno, tudo se cobre de Iracções do Grande Exercito. São, segundo as proprias notas escriptas pelo punho de Napoleão, 325.000 homens, dos quaes 155.400 são francezes, 170.000 alliados, e 984 bôccas de fogo. Esta massa enorme de pessoal e material transpõe o rio n'esse mesmo dia, n'este e n'outros pontos, e dirige-se para Grodno, Pilony e Tilsitt.

Arido e ermo o terreno que se apresenta ao Grande Exercito. De ora em quando, na planicie sem fim, quasi sem horizontes, verdeja uma floresta, sombria, triste, onde as agulhas dos pinheiros imitam pontas de bayonetas. Nas raras choupanas, que orlam os caminhos, ninguém. O calor é suffocante. Por toda a parte a desolação e o silencio. O deserto com todos os seus horrores e desalentos. Só se lobriga n'uma visão sinistra de morte e ameaça o perfil esguio, quasi fantastico, de algum cossaco, que apparece e se some, bifurcado no cavallo das lendas scandinavas, empunhando a lança de haste escura e de ponta sem fulgurações — o que quer que seja de suggestivamente mysterioso, de apavorador, para os espiritos mais intrepidos.

Não tarda muito que se deseneadeie uma tem-

pestade inesperada e formidavel. A extemporanea borrasca inutiliza dez mil cavallos e centenas de homens succumbem ao frio, consequencia da tormenta. É o primeiro desanimador aviso, o lugubre prenuncio que a Desgraça envia ao genial capitão.

Coincidencia digna de registo. Na noite de 23 para 24 de junho, exactamente quando o exercito de Napoleão se preparava para invadir o territorio moscovita, o tzar Alexandre I por um triz que não morre n'um baile em Wilna. O sobrado da sala cede debaixo da cadeira, em que se assenta, á hora em que a primeira barca com tropas francezas atraca á margem direita do Niemen.

Primeira contrariedade. O imperador espera tomar contacto com o inimigo apenas cruza o rio ou a algumas leguas d'aquelle curso de agua e destroçar ali os russos n'uma d'essas decisivas batalhas de que possue o segredo. Não succede assim. Os moscovitas attrahem-n'o á profundeza das steppas.

Só no dia em que o imperador entra em Wilna as tropas do marechal Oudinot encontram o corpo russo de Wittgenstein, em Wilkomir, e peleja-se a primeira refrega séria da campanha. Napoleão demora-se n'essa cidade desde os ultimos dias de junho até 16 de julho.

Como Wilna ha de ser mais tarde, no retirada. theatro de pungentes tragedias, faremos d'ella uma succinta descripção.

Irão-lhe os arrabaldes encantadores pomares, matiza e rodeia as casas particulares e praças basto e verdejante arvoredo. Os jardins primam pela sua magnificencia. Os polacos chamam-lhe Wilno, os lithuanios Wilnuja, capital do antigo grão ducado da Lithuania, e situa-se n'um soberbo valle circumdado por elevadas saibreiras. O terreno que constitue hoje o governo d'esse nome, cercado por uma cadeia de outeiros, forma uma elevação parallela ao mar Baltico e contém cerca de quatrocentos lagos de variadas dimensões. Só começa a desenvolver-se no seculo xvi. Sigismundo 1, o *Velho*, e Sigismundo Augusto outorgam-lhe uma certa prosperidade. Pela sua posição geographica soffre todas as calamidades das invasões. Ora em poder dos suecos, ora na posse dos russos, experimenta inauditas vicissitudes. De 1708 a 1710 a fome ceifa-lhe trinta e cinco mil habitantes. No decorrer da primeira metade do seculo xviii incendeiam-n'a e saqueiam-n'a seis vezes.

Alguns historiadores lançam sobre os hombros de Maret, duque de Bassano, e do marechal Davout, principe de Eckmül, as principaes responsabilidades da expedição à Russia. A este proposito e sobre alguns factos succedidos em Wilna, estuda o conde de Lort de Serignan, professor de historia militar em Saint-Cyr, na sua obra *Napoleon et les grands generaux de la Révolution et de l'Empire* a tactica d'esses afamados chefes. Divi-

de os em duas escolas: a do exercito de Italia e a do da Allemanha. Na primeira colloca Napoleão e Davout; na segunda Morcan, Lecourbe, Desaix e Gouvien-Saint-Cyr. Na sua opinião Davout, que tanto distinguiu sempre os portuguezes, é o unico verdadeiro discipulo de Napoleão, o unico representante da escola napoleonica. Só elle parece ter tido a intuição das theorias do Mestre; só elle adivinhou, senão o seu methodo, porque o imperador não o tinha em absoluto, pelo menos os seus grandes principios de direcção e de pôr em acção as massas; só Davout soube como elle, abranger a serie complexa e racional das operações de uma campanha e teve a comprehensão nítida e racional das combinações estrategicas e das amplas concepções tacticas.

Davout mantinha entre os seus subordinados severa disciplina. Em 1810, em Rothemburgo, o marechal é chamado a pronunciar-se sobre o caso de dois soldados que o prebostado acaba de prender em flagrante delicto de pilhagem. Os generaes que os commandam observam que, não se tendo feito nenhuma distribuição de víveres ás tropas, o delicto é perdoavel. O marechal admite circumstancias atenuantes. Consequentemente em vez de serem passados pelas armas os dois culpados, ordena que fuzilem só um.

— Vamos, tirem á sorte — determina com frieza Davout para os dois desgraçados que acabam de conduzir á sua presença.

Trazem dados e atiram-n'os sobre uma mesa. O que perde é sem demora fuzilado. Era um antigo guarda fiscal, pae de familia, que se apresentara no exercito, na vespera.

Ali em Wilna manda fuzilar o primeiro sargento de cavallaria Reding por ter roubado uma gallinha e inflige egual castigo a um soldado que se apropriara de um cacho de uvas.

Voltemos á nossa Legião.

O marquez de Alorna regressara a França em 1811. Odiando com todas as veras da sua alma os inglezes, não quer bater-se ao lado d'e-lles. A 21 de março de 1812 promovem-n'o, em Paris, a general de divisão e nomeiam-n'o inspector da Legião, afim de a preparar para tomar parte na campanha da Russia. Já falamos na infantaria. A cavallaria, com o seu effectivo, em homens, completo, escasseiam-lhe os cavalloos. O coronel, marquez de Loulé, marcha com cento e cincoenta officiaes e soldados, os montados. O major João de Mello segue para o Hanover com duzentos e cincoenta subordinados seus, para ali remontarem, e reunirem-se depois ao regimento. Dois esquadrões encorporam-se na Nova Guarda Imperial, ás ordens de Mortier. Durante alguns dias protegem os comboios que por essas localidades transitam. D. José Benedicto de Castro demora-se em Épinal, á espera de remonta para outros dois esquadrões. Promptos, encamiuham-se para a Russia, e entram

em Moscovia pouco depois de ali se achar o grosso das tropas.

O marquez de Alorna jornadaeiá com os seus camaradas até Mognuicia. N'essa cidade esbarra com a nomeação de governador de Mohiloff.

A 22 de março o imperador confia o commando da praça de Mayença a Pamplona; em maio, porém, aggregam-n'o ao segundo corpo da divisão Legrand e um pouco mais tarde assume a responsabilidade de governar Polotsk, onde a sua energia e faculdades lhe proporcionam ensejo de se distinguir. Gomes Freire não se queda muito tempo inactivo. Em maio determinam-lhe que se apresente no Grande Exercito. Toma a direcção superior do districto de Dsjisma, na Lithuania, de julho a outubro de 1812; ao fim d'este ultimo mez chamam-n'o á Moscovia. Na joruada depara-se-lhes o exercito, já em retirada, em Smolensko, e retrocede com elle até Koenigsberg, na Allemanha. Só Carcome Lobo não sahe de França.

Baseamo-nos, no que se segue na narrativa de Marbot, testemunha presencal e insuspeita do que occorreu em Smolensko.

O imperador estaciona em Witepsk, d'onde dirige o conjunto das operações dos seus numerosos corpos de exercito. Ha quem censure Napoleão, por se ter demorado em Wilna e Witepsk trinta e seis dias, que poderiam ser melhor empregados n'um paiz onde o verão dura pouco e o

inverno começa em fins de setembro. Em primeiro lugar o imperador esperava que os russos entrassem em qualquer accordo, em segundo tornava-se necessario levar a um centro commum as diversas columnas dispersas em perseguir o general Bagration, em terceiro era indispensavel conceder algum descanso ás tropas que, além das marchas regulares, se viam obrigadas, todas as noites, a ir buscar viveres fóra dos seus hivaques. Os russos tinham queimado tudo á sua retaguarda.

Houve uma excepção — a do corpo do marechal Davout. Antes da passagem do Niemen esse chefe organizara immensos comboios de pequenos carros, que seguiam o exercito. Estes vehiculos carregados de bolacha, de carnes salgadas e de legumes eram puxados por bois. D'estes, abatia-se um pequeno numero todas as tardes, o que assegurando o alimento da tropa, contribuia para manter os soldados nas fileiras.

A 16 de agosto o exercito descobre Smolensko. Murat e Ney são os primeiros a chegar ali. Pensa-se que os russos tinham abandonado a praça. Ney avança para a porta com uma fraca escolta de hussares. De repente, um regimento de cossacos, mascarado por uma dobra de terreno coherito de hervas, precipita-se sobre os francezes, obriga-os a retrogradar, envolve o marechal Ney, e tão de perto o acommettem que uma bala de pistola, disparada á queima roupa, lhe queima

o peito da farda. Felizmente a brigada Dumanget acorre e liberta o marechal. A infantaria do general Razout acerca-se da cidade o suficiente para todos se convencerem que os russos estão resolvidos a defender-se.

A despeito da opinião do general de artilharia de Eblé, que tinha vindo a Portugal, e que aconselhara o imperador a tornear a praça, por causa do grande numero de bocas de fogo assentadas nas muralhas, e a passar o Dnieper duas leguas acima d'esse local, Napoleão, conformando-se com o parecer de Ney, que assegurava que a praça seria facilmente tomada, ordena a investida. Trez corpos de exercito, o de Davout, de Ney e de Poniatowsky arremessam-se por diversos lados sobre as fortificações, que fazem um fogo mortifero, mas não tanto como o das baterias russas postadas nas eminencias da margem opposta. É na apertada conjuntura que o 1.º batalhão do nosso 2.º regimento, commandado pelo major Bernardino Antonio Moniz, atravessa o Dnieper, a nado, para tornar possivel o lançamento de uma ponte de barcas, sendo assim a primeira força do exercito invasor que parte para além. Trava-se um combate dos mais sangrentos. As balas, a metralha, as granadas dizem aos assaltantes sem que a artilharia franceza abra brecha nos muros de Smolensko. Os portuguezes inexoravelmente incommodados com o tiro-teio dos soldados e camponezes moscovitas, que

defendem os approxos da cidade, acommettem-n'os à bayoneta. Determinam-lhes n'essa altura que incendeiem a parte do arrabalde occupada. Executam a determinação audaciosamente, embora o inimigo peleje com desespero e resista palmo a palmo, fuzilando das janellas quem se acerca. Conquistado o arredor, o major Moniz e os seus subordinados estabelecem-se perto do rio, no lugar onde se correra a primeira ponte. Ahi se lhe junta o commandante do mesmo nosso regimento com o outro batalhão.

Ao cahir da tarde os francezes arremessam-se desesperados contra Smolensko. O nosso 1.º regimento constitue a testa de columna da 1.ª divisão do 3.º corpo. Varre tudo deante de si. Os russos retrocedem e evaeuam a praça, mas antes lançam-lhe fogo. Só no dia seguinte os atacantes entram na cidade, um montão de ruinas fumegantes, um acervo de cadaveres ainda quentes. Com o fumo e as labaredas esvae-se a esperança de Napoleão de possuir uma localidade que se suppunha, e com razão, abundantemente provida. A acommettida de Smolensko custa ao Grande Exercito doze mil mortos ou feridos. Os nossos regimentos, ambos muito experimentados nos ataques de 16, 17 e 18 de agosto, perdem: o 1.º, o tenente Vicente, morto; feridos: os capitães A. Pimentel, F. Pimentel e Barreto; os tenentes Lieutar, Escorse e Vasconcellos e o alferes Francisco de Sá. O 2.º, morto: o tenente Branco; fe-



O RETRATO DO REI DE ROMA - Quadro de Hippolyte Bellengé

ridos: os capitães A. M. da Silva, B. Real e J. Moniz de Souza.

Os russos, depois de queimar a ponte, estabelecem-se momentaneamente nas alturas da margem direita e breve se põem em marcha sobre Moscovia. O marechal persegue-os com o seu corpo de exercito, reforçado pela divisão Gudín, destacada do marechal Davout. A pouca distancia de Smolensko, o corpo de Ney alcança, em Valutina, o exercito russo entaipado n'um desfiladeiro. A acção torna-se grave. Trava-se uma verdadeira batalha. Tornar-se-hia funestissima para os russos, se o general Junot, chefe do 8.º corpo de exercito, que effectuara muito tardia-mente a passagem do Dnieper em Pronditchewo, duas leguas abaixo de Smolensko, e que ali descansa quarenta e oito horas, acorresse em auxilio de Ney, em combate a menos de uma legua. Embora advertido pelo marechal não se mexe. Baldadamente o ajudante de campo Chabot lhe leva em nome do imperador ordem para se juntar a Ney; em vão o official ás ordens Gourgaud lhe confirma essas instrucções. Junot permanece immovel. Seria a primeira manifestação da loucura que se declarou depois?

O corpo de Ney vê-se seriamente comprometido e deve em boa parte a salvação ao sacrificio do general Gudín, que morre n'essa noite, e ao seu substituto, general Gérard, que perde mil e oitocentos homens, mas que mata ou fere seis mil

inimigos e fica senhor do campo. O nosso 1.º regimento deixa ali mortos, ou tão gravemente feridos que morrem pouco depois: os tenentes Veiga e Mattos; feridos: os capitães B. Pimentel, Henrique, Piuto, Brito, Coelho; os tenentes Correia de Lacerda, Manuel e alferes Philippe. O 2.º, mortos: os capitães Correia, Villar, os tenentes Pessanha e Teixeira; feridos: os tenentes Nogueira, Fonseca e alferes Torres.

A conducta dos portuguezes agradara tanto a Ney, o *bravo dos bravos*, que reclamou, logo no principio da campanha, para o nosso 2.º regimento, o direito de formar companhias de *élite*. Nunca desaproveita o ensejo de patentear a sua consideração pelos nossos compatriotas, que em Portugal tivera como adversarios, e de honrar, utilizando-os nos lances mais perigosos, os dois regimentos que servem sob as suas ordens. Poupa assim sangue francez e estimula os estrangeiros.

A 24 de agosto o imperador sae de Smolensko. O calor abraza. As columnas marcham sobre areia movediça. Os generos faltam para uma tão avultada massa de homens e de animaes. Os russos não deixam atraz de si mais que aldeias e casaes incendiados. Quando o exercito entra em Wiasma a linda cidade fumega. Quanto mais se aproxima de Moscovia, menos recursos offerece o paiz. Morrem bastantes pessoas e muitos cavallos. Decorridos poucos dias, a temperatura

intoleravel pela sua elevação, succedem chuvas frias que duram até 4 de setembro. O outomno acerca-se. O exercito dista apenas seis leguas de Mojaisk, unica cidade que resta occupar antes de chegar a Moscovia. Avistam-se numerosas forças da retaguarda inimiga. Tudo indica a imminencia de uma grande batalha.

Tão severas perdas experimentaram os portuguezes e os outros nos combates anteriores que o imperador determina a fusão dos quatro batalhões de cada regimento em dois. Desde esse dia o nosso 2.º regimento une-se ao 1.º, na 1.ª divisão, e manobram ambos ás ordens do coronel Pego. No percurso do Smolensko para Borodino Napoleão cruza pelo corpo de Ney e observa que os portuguezes mais uma vez occupam um posto de distincção na testa da columna, posto que com raridade se concede a estrangeiros em que se deposita pouca confiança. Interroga o marechal a este respeito. Ney, n'esse tempo duque de Elchingen, textualmente, responde:

— Sire, são portuguezes, são os nossos guias; quem os seguir não se desviará nunca do caminho da honra.

A resposta depressa se torna conhecida do exercito e breve transita para proverbio.

A 5ª a guarda avançada franceza é detida um instante por uma forte columna moscovita entrincheirada n'uma eminencia, guardada por doze peças. O 57 de infantaria, francez, o ter-

river das campanhas de Italia, apodera-se da posição. Os invasores pisam já o terreno onde se vae ferir, quarenta e oito horas depois, a batalha que os russos denominam Borodiuo e os francezes chamam Moscovia. A 6 o imperador annuncia, por uma ordem do dia, que se pelejará uma batalha campal no dia seguinte. O exercito espera com impaciencia, relata Marbot, essa data historica, que suppõe deva pôr termo á sua miseria. Ha um mez que as tropas não recebem nenhuma distribuição. Cada um vivia como podia.

As forças moscovitas esperam as hostes do Occidente em semi-circulo, desde o riacho Koloza, affluente do Moscova, ao norte, até o limite da aldeia de Utitza. Não desprezam nenhuma medida para disputar o passo ao inimigo. Á direita, na nova estrada para Moscovia, a levante da aldeia de Borodino e o plató de Gorki, defendem essa linhas duas obras. Ao centro ergue-se o grande reducto ourigado de peças. Aqui se fere a principal briga. Á esquerda correm trez ordens de entrincheiramentos n'uma pequena altura, a oeste da aldeia de Semenoffskoiè. O grosso das forças russas concentra-se na direita.

Commanda em chefe o provecto general Kutusof. Com sangue tartaro, opera com morosidade, mas com segurança e astucia; vingativo, opina por uma guerra implacavel. O primeiro exercito, ala direita, 70.000 homens, recebe ordens do general Barclay de Tolly. Provém de uma familia

escegeza e nascera na Livónia. Dotado de uma energia fleumatica, dispõe de um caracter de açõ. Antigo commandante supremo, o seu plano de campanha, o adoptado, consiste em retirar sempre, ante a onda da invasão, sem lhe supportar o choque. O afastamento da base de operações do inimigo corresponde, para os defensores, a inapreciáveis victorias. Á frente do exercito da esquerda, 62.000 homens, collocara o tzar o general Bagration, rebento de um troneo principesco da Georgia. Servira com Savarof na Italia e na Suissa, presenceara a batalha de Austerlitz e conquistara a Finlandia. Ao centro acha-se o hetman Platow com os seus cossacos e 30.000 infantes de reserva.

Após a retirada do exercito moscovita de Smolensko, a opinião publica faz explosão. Exige que o exercito nacional aguarde os francezes. Eis o motivo porque o solo em redor da aldeia de Borodino se accidenta de trincheiras e as eminencias proximas se cobrem de reductos. No campo russo estacionam 162.000 homens, mais ou menos, parapitados; da banda dos francezes manobram 140.000 a peito descoberto. A artilharia orga por seiscentos canhões em cada arraial. Em volta de Napoleão, o sol d'aquelle céo parda-cento da Russia, gravitam. á esquerda o principe Eugenio, Davout á direita, Ney no centro, o rei Murat com a cavallaria. A Guarda imperial forma a reserva. O exercito francez desenha o con-

torno do adversario. A noite de 6 decorre de maneira diversa em cada bivaque.

Os russos, cheios de unction, passeiam aos clarões das fogueiras e dos archotes a sacrosanta imagem da Virgem de Smolensko, salva milagrosamente do incendio. Kutusoff caminha á frente da procissão com os archimandritas revestidos das suas preciosas vestes talaes. Os francezes e estrangeiros, de ordinario ruidosos, limpam as armas em silencio e cosem os uniformes em pedacos. Napoleão 1 ouve em Schwarдино, da bôcca do coronel Fabvier, ajudante de Marmont, chegado de Hespanha, a narrativa da batalha de Arapiles, e manda expôr á admiração concentrada dos velhos *grogards* da Velha Guarda o retrato de seu filho, do rei de Roma, recebido n'esse momento de Paris.

Na madrugada de 7 de setembro de 1812 a atmospha vela-se e um vento frio levanta turbilhões de pó. Durante um momento o sol expulsa a bruma e mostra-se com todos os seus esplendores. Napoleão sorri e virando-se para os officiaes que o cercam, exclama :

— O sol de Austerlitz.

A enorme planicie e as elevações oscillam n'um immenso tragal de lâminas faiscantes. O imperador, que soffre de uma horrivel enxaqueca, desce para uma especie de barranco, onde passa a maior parte do dia. D'este ponto só descobre uma parcella do campo de batalha. Para o abrau-

ger, por inteiro, tem que subir a um monticulo visinho. É todavia um sitio central onde se acha com as suas reservas e onde pode receber as constantes mensagens do que occorre em toda a linha, ao passo que se se postasse n'uma ala ou n'outra, percorrendo um terreno accidentado, os ajudantes de campo portadores de noticias urgentes não o avistariam nem o encontrariam com facilidade. Napoleão i sente-se doente. O vento glacial que soprava, impetuoso, impede-o de montar a cavallo. Evidentemente não é o mesmo assombroso caudillo de Austerlitz.

Inicia o ataque o principe Eugenio. Ouvem-se os primeiros tiros dos lados de Borodino. O 103 de infantaria toma, n'um arranco admiravel, a ponte e a aldeia de Koločka. Sem que os seus chefes o consigam refrear escala as eminencias de Gorki, mas a artilharia russa ceifa-o, como feno, n'uma metralhada á queima-roupa. Salva-o de ser completamente aniquilado o soccorro rapido e denodado do 92.

É então que o imperador expede os seus ajudantes com ordens de começar o ataque geral. A successão de plainos, cortados aqui e ali por algumas rapidas collinas, convulsiona-se n'um estremeção gigantesco, como se ali se excavasse a cratera de um vulcão e de lá jorrasse um jacto de estrepitosa e mortifera lava. Trôam ao mesmo tempo cento e vinte peças. Os projecteis associam, as detonações retumbam. Davout, com

trinta canhões na vanguarda, avança. Na frente marcha a divisão Campans. Um biscainho mata este general e derruba ceree todos os officiaes, mortos ou feridos. As tropas ficam um momento sem commando. Rapp, ajudante do imperador, substitue Campans. Os francezes irrompem pelo primeiro reducto n'um salto de tigre. Rapp conta ahi a sua vigesima segunda ferida. Toma o seu lugar outro camarada, que cae tambem. Davout não tem melhor sortie. Murat assume a direcção da teimosa e denodada investida. A perda de tantos valentes abala momentaneamente os atacantes.

É n'este momento critico que surge o marechal Ney, conforme historia Paul Casson. A testa da columna ennegrece com uma mancha cor de castanha escura. É a infantaria *negra*. São os caçadores portuguezes. O futuro principe de Moscovia apresenta-se soberbo de coragem. É, na verdade, um deus da Guerra. As balas russas envolvem-lhe o corpo. Nenhuma lhe toca. O destino reservava-lhe o ser erivado, decorridos meia duzia de annos, por balas francezas. As tres ordens de trincheiras são conquistadas umas após outras.

VII

A visão do Kremlin

Murat e os seus esquadrões. — Galopada doida. — A Guarda imperial. — A carya de Grouchy. — O ataque ao reducto. — Perdas portuguezas. — Recompensas. — Alegria official. — Mollesa dos polacos. — Suspeitas de defeecção. — A montanha da saudção. — O fustijio do poder. — O vacuo. — Sonhos ou projectos? — Exodo. — No Kremlin. — Riquezas inapreciaçeis. — Renasce a esperanza. — Força aprisionada. — Marcha longa. — Clarão sinistro. — Deuuncias. — Flagello conjurado. — Recrudescce o incendio. — Throno de labaredas. — Naufragio. — A dura realidade. — A descida. — A Comedia Franceza. — Illusões desfeitas. — Negociações baldadas. — Discurso extravagante. — Epigramma. — Medalha hem ganha. — Os sobreviventes portuguezes. — Sabres lusitanos. — Primeiros passos no cateario.

A esquerda inimiga cede. Napoleão incumbce a cavallaria da gloriosa, mas difficil missão, de terminar a victoria. Murat posta-se à frente dos esquadrões. Minutos depois autila inexoravel-

mente os adversarios. Não obstante a sua corajosa impetuosidade os cavalleiros retrocedem. Os moscovitas adensados em massas profundas assaltam os trez reductos perdidos. Os francezes não tinham podido organizar ahi o seu triumpho. Apodera-se d'elles um momento de pânico e recuam. Para maior infelicidade, os westphalios enganam-se e atiram sobre elles.

A cavallaria russa aproveita habilmente o ensejo. Precipita-se como um alude. A Murat só lhe resta tempo para se refugiar n'um reducto. Encontra ahi os seus camaradas desalentados. Pega n'uma espingarda, faz oscillar o seu flamejante pennacho e pronuncia algumas phrases adequadas que os reanimam. É ainda Ney, com quem está sempre a infantaria portugueza, que reformando as suas divisões, contém a avalanche dos cossacos e os obriga a abandonar o terreno. Murat, furioso, reúne os regimentos de Bruyères e de Nansouty e parte como um cyclone. Nenhum obstaculo suspende a doida galopada. N'uma hora a derrota da esquerda contraria é completa.

A batalha, no entanto, conserva-se ainda indecisa. Os onteiros da aldeia de Lemenuwska mantem-se intactos. Os francezes obrain prodigios, mas a fadiga entorpece-lhes a energia. Os marcheas, que reclamaram uma primeira vez a Guarda imperial, sem obter o consentimento do imperador, insistem no pedido. O general Bel-

liard, enviado por Murat, repete a requisição de levar, ao menos uma parte, d'essas tropas escolhidas. Napoleão hesita. Então o marechal Bessières, commandante superior do corpo, argumenta :

—Permitta-me Vossa Magestade que lhe observe que estamos n'este momento a setecentas leguas da França.

Napoleão recensa terminantemente. Há um instante em que tudo parece acabado. Os soldados de Friant perdem a serenidade. Acode à situação a artilharia de reserva. Oitenta peças retumbam nas alturas readquiridas. Os esforços dos russos quebram-se e neutralizam-se ante aquelle vomito constante e destruidor de granadas e planquetas.

No grande reducto repetem-se as mesmas scenas. O principe Eugenio, general Morand, Montbruu, Canlaineourt, estes dois mortos, tomam e retomam a disputada fortificação. São, por fim, Ney e Murat que rematam o triumpho. A batalha termina por uma carga homérica de Grouchy. O mesmo a quem Napoleão deve a derrota de Waterloo.

Os portuguezes portaram-se ali brilhantemente, ao lado dos francezes e estrangeiros, como os seus camaradas na Península, exactamente na mesma época contra elles.

Que coisa tão caprichosa e paradoxal é a historia!

No ataque à baioneta ao reducto e n'outras investidas ficaram mortos: o major Antonio, filho do coronel Pego, os capitães Lemos, Abreu; tenentes Freire, Figueira, Buhiring; morreram pouco depois, em consequencia dos ferimentos recebidos: o major Caldeira, Moniz de Souza; capitão Cunha; tenentes Emygdio, Costa Marcos, Peixoto, Calado e Fouseca. Feridos: majores Candido José Xavier, com um estilhaço de granada no peito; capitães A. Pimentel, Silva, Souza, Silva, Miranda, Bonicho, Miranda; tenentes Zagallo, Almeida, Lobo, Sembrano, Teixeira; alferes Garcez, Pina, Veiga, Almeida, Jeronymo, C. Macedo, J. Macedo. A totalidade das baixas dos nossos dois regimentos de infantaria, em Moscovia e Borodino, foram superiores em officiaes e soldados a quinhentas. Essas unidades ficaram reduzidissimas. Setenta mil homens, dos invasores, de todas as nacionalidades, ali jazeram, entrando n'este numero vinte e sete generaes francezes.

Na proclamação com que o imperador agradece às tropas o seu denodo, datada d'esse mesmo dia 7 de setembro, na parte que se refere aos nossos, diz: «Que a posteridade mais remota cite com orgulho a vossa condueita n'esse dia.» Na revista passada às tropas no dia immediato, Napoleão I distribue largamente promoções e mercês honorificas. O marechal é elevado a principe de Moscovia, o nosso coronel Pego ascende a ge-

neral de brigada, o major Balthazar Ferreira Sarmento, official que sempre merecera acrisolado interesse a Ney, a coronel. Concederam-se em larga escala, aos nossos, graus de cavalleiro da Legião de Honra, e aos que já possuíam qualquer grau, o immediatamente superior.

Kutusoff, general em chefe dos russos, que não gostava de abandonar a apreciação dos seus meritos a criterios estranhos, participa ao tzar que ganhara uma decisiva victoria sobre o inimigo. A falsa noticia chega a S. Petersburgo no dia onomastico do autócrata Alexandre I. A corte e população rejubilam. Canta-se um *Te-Deum*. Kutusoff attinge as culminancias de salvador da patria e elevam-n'o a feld-marechal. Quando a verdade rebenta como um petardo já a alegria official seguira os seus trâmites. Não se podia voltar para traz. No entanto a ruina dos invasores não vinha muito distante.

Relata quem assistiu á batalha que os polacos, ordinariamente tão bravos, e principalmente os organizados ha cinco annos no grão-ducado de Varsovia ás ordens de Poniatowski, bateram-se com tanta molleza que o imperador os mandou censurar pelo seu major general.

O nosso regimento B de infantaria, reunido ao corpo de Oudinot, participa das operações d'essa unidade. O marechal suspeita d'elle, de uma certa quadra em deante, e talvez com justos motivos. Espalha-se que o seu commandan-

te, Francisco Claudio Blanc, mantém relações com os moscovitas, com os quaes planeára bandejar-se. Não realiza o projecto logo, devido á cantela dos francezes, mas consegue-o mais tarde. A deserção effectua-se solicitando os nossos dos russos ajuda para regressar á patria.

Ganha a batalha de Moscovia, o caminho para a capital sagrada das Russias abre-se quasi sem peias. A 8, de manhan, em Mojaisk, fere-se um vivo combate de cavallaria. O general Belliard é ferido. Napoleão demora-se tres dias n'essa localidade, tanto para tomar as medidas exigidas pelas circumstancias como para responder aos numerosos despachos atrazados. A 12 o exercito francez e o pouco que resta dos seus ulliados estugam o passo em direcção de Moscovia. A 13 Napoleão sobe á Poklonnaia Gora — a montanha da saudação — e de lá contempla a velha e santa cidade dos boyardos.

A ascensão a essa emiuencia, tão venerada pelos moscovitas, marca o fastigio do imperador. Na verdade, n'esse momento, a Europa pertence-lhe, dominada ou avassallada. Sobre toda pesa o jugo imperial, sangrento e oppressivo. Os marcehaes, que de tão má vontade encararam até ahí a invasão da Russia, curvam-se ante a realidade dos factos e fitam mais uma vez, com assombro, esse astro de primeira grandeza de quem eram, apesar de toda a sua gloria, pallidos satellites.

Mas em torno da Poklonnaia Gora reina um

silencio incomprehensivel. Os seus pares já lhe renderam preito: onde está, porém, a homenagem dos vencidos? Onde está a municipalidade com as chaves da cidade? Onde estão os notaveis que devem vir cumprimentar o Cesar vencedor do tzar? Admirado, Napoleão, com este mutismo e este isolamento, manda chamar o marechal Sebastiani, e ordena-lhe:

—Traz-me aqui os boyardos.

Discipulo do grande Talma nas scenas de effeito, não quer prejudicar o deslumbramento da sua entrada solemne no Kremlin, e transfere-a para o dia seguinte, 14, asseguram uns, 15, affirmam outros. Passa a noite de 13 n'uma casa qualquer, n'uma estalagem modestissima, proximo da barreira de Smolensko. Se dormiu, que sonhos de ambição lhe povoaram a mente? Se se conservou desperto, que projectos gigantescos architectou aquelle cerebro privilegiado?

Sebastiani atravessa a cidade, de um lado a outro, e vem relatar o que viu. A nobreza, a classe media e o povo desapareceram de Moscovia. Só resta ali a escoria da população, os feridos das ultimas refregas, estrangeiros, servos, creados, uendigos e criminosos sahidos das cadeias abertas de par em par, por ordem do governador Rostopschine, que, ao retirar-se, leva comsigo toda a policia. Tudo quanto tem que perder acompanha-o n'esse exodo. As tropas russas, vencidas, apenas atravessam Moscovia,

d'onde se afastam para se ir reorganizar a mais de trinta leguas de ahi, em Kaluga. O rei Murat persegue-os n'esta nova direcção com toda a cavallaria e varios corpos de infantaria.

Napolcão entra na cidade. Mas que differença da magnificencia ideada para a desoladora e fria evidencia! O imperador entra sem que um unico inoseovita vá ao seu encontro, sem nenhuma especie de homenagem, sem escolta e até sem testemunhas.

A Guarda imperial aloja-se em varios bairros. Napoleão penetra no Kremlin e dá largas á sua fantasia. A cidadella de forma pentagonal, a cerca de cincoenta metros acima do nivel do rio, com as suas muralhas ameadas, as suas dezenove torres mongoes, as suas cinco portas, as suas eúpulas douradas, as suas cathedraes de estylo byzantino, os seus icones venerados, as suas reminiscencias tartaras consubstancia bem a alma russa. O imperador apossara-se d'essa alma. Era o verdadeiro tzar. Era impossivel que o outro, o vencido, o seu amigo, o seu admirador de Tilsitt e de Erfurt, não se conformasse a pedir-lhe a paz. A esperanza renasee na sua alma. Continuará sendo o rei dos reis, o representante do direito divino, por força de conquista sobre os outros mais fracos e menos habeis, o predestinado da sorte, a testa coroada mais em contacto com Deus.

Um erudito indica ao vencedor a cathedral de Uspensky, mandada construir por Ivan Kalita

e que contem imagens antigas e veneradissimas, o throno de Vladimiro 1 e reliquias de santos; os metropolitas e patriarchas ahi são consagrados bem como os tzares desde Ivan iv. Defronte ergue-se a cathedral de Arkhangel com os tumulos dos tzares desde Ivan Kalita até Ivan Alexci-vitch e enormes riquezas. Além descobre-se a cathedral Blagovyeshchensk ornamentada de quadros notaveis. Mais adeante depara-se-lhe a capella privativa dos imperadores, onde se baptizam e se casam. Acolá eleva-se o convento de Vornesensky, sitio do ultimo repouso dos membros da familia imperial. Succedem-se depois o mosteiro Chudov, residencia dos metropolitas de Moscovia e prisão do Estado; perto o campanario de Ivan Veliky coroados por sinos gigantescos; adeante a Bibliotheca, tudo recheado de tesouros inapreciaveis, obras de arte preciosas, gemmas de extraordinario valor, livros, manuscritos, illuminuras unicas.

Cada fracção e cada individuo instala-se conforme as necessidades do serviço e a sua graduação n'este soberbo acantonamento. Acabaram-se as necessidades e as privações. Os celheiros de Moscovia regorgitam de cercaes, as adegas de excellente vinho da Crinéa, os armazens de quantos generos vão á feira de Novgorod, as casas transbordam de opulento mobiliário e objectos de conforto. Nada falta. O serviço de abastecimentos exulta.

A cavallaria portugueza bivaca nas immedições e incumbelhe um serviço rigoroso de vigilancia. No primeiro dia de bivaque descobre-se ao longe um incendio. Arde um palacio nas cercanias, a duas leguas. É enviada ali uma patrolla nossa, constituida por quinze homens commandados pelo tenente Antonio José de Figueiredo. Os moscovitas rondam proximo. Surge de repente uma força inimiga importante que aprisiona o nosso reduzido destacamento e que o compelle a seguir até Tolotsk.

Os portuguezes, como os demais, ao aboletarem-se em Moscovia tem andado duzentas e cincoenta e sete leguas, o que addicionado ás marchas e contra marchas dos dois lados das estradas para procurar provisões, effectuar reconhecimentos, escolher bivaques, obter quanto se torna indispensavel n'uma terra propositadamente fallia de tudo, perfaz mais cem, e dá um itinerario de trezentas e cincoenta e sete leguas ou mil setecentos e oitenta e cinco kilometros.

Os officiaes polacos, que conhecem bem Moscovia, informam os seus camaradas francezes onde se passa a noite alegremente. Comem, bebem, dansam, divertem-se de todas as maneiras os invasores. Quando uma boa refeição e o alcool dispõem o espirito para as mais jubilosas effusões alguém descobre a distancia um clarão sinistro. A ceia exige uma illuminação condigna. Forneceu-lh'a o incendio. Como principiou? Origina-

rain-n'ô, como querem os historiadores russos, a imprudencia e a cubiça dos occupantes? Ateou-o realmente o governador Rostopschine? Ainda hoje não se averiguou ao certo.

Assevera-se que forçados, presos, vadios, rufias, criminosos de toda a especie, se escondem nos palacios abandonados, munidos de archotes à espera de um signal. Alguns negociantes francezes e allemães, escapados da furia do governador, previnem o estado maior do que se prepara. Confirma a prevenção um agente da policia russa.

Napoleão não quer acreditar na perversidade de semelhante resolução, mas toma as suas medidas. Numerosas patrulhas percorrem as ruas e fuzilam implacavelmente diversos bandidos apanhados em flagrante delicto de incendio. O fogo rebenta ao mesmo tempo em diversos pontos e toma rapido incremento por isso que as auctoridades moscovitas, muito precavidamente, tiuham levado consigo todas as bombas. Todavia, graças a esforços energicos, circumscreve-se o incendio e consegue-se dominá-lo na manha de 15. A estrella do imperador parece conjurar o assolador flagello. Vencera os homens; domaria tambem o terrivel elemento. Quem ou o que se poderia oppôr de ali em deante à sua vontade omnipotentissima? Dorme n'essa noite de 15 de setembro, de um somno só, com a plena consciencia do seu poder intangivel.

Mas... D'esta vez os incendiarios russos ti-

nham determinado outra coisa. O incendio reaviva-se na madrugada de 16. O vento sopra com furia do norte. Arde uma boa parte da cidade.

Do alto do monte Borovitsky, onde assenta o Kremlin, contempla-se um panorama excepcional. O que não se inflamma em linguas ardentes é illuminado por ellas. Ao oriente Kitay-Gorod ou a Grande Pousada, o principal centro commercial, accende-se em tons rubros. O Bielyi-Gorod, ainda então cercado por uma muralha, abrange n'um annel de massa ignea esses dois pontos a oeste, norte e nordeste. O grande palacio dos tzars de faiscante domo; o Orujeynaya e Granovitaya Palata, com os seus museus de raras collecções; a praça do Senado, rodeada de historicos edificios, entre esses a igreja do Salvador e o Arsenal; o Zemlyanoy-Gorod com os seus arrabaldes caracteristicos; tudo isso se avermelha n'uma paizagem plutonica.

Os dois bairros do sul — a Piatnitskaia e a Sakimanskaia — depressa se convertem n'um só braseiro. As lufadas recrudescem, incidem na fornalha, torcem-n'a em espiral, transformam-n'a n'um cyclone de fagulhas, impellem-n'a dcante de si em rajadas de satanica inexorabilidade. Todo esse vendaval de fogo e de destruição se precipita n'um fulvo e leonino movimento envolvente em direcção do Kremlin. Napoleão assenta-se n'um throno de labaredas. O ceo purpúreo, espalhando o resplendor immenso, augmen-

tando de intensidade pelo reflexo das neves longinquoas, forma-lhe uma apothese digna do epilogo da sua carreira. As chammas que começam a incandescer as cupulas douradas do velho palacio tartaro, agrupam-se, condensam-se, engrossam como colossacs e rútilas gemmas do diadema unico com que elle projectara eingir a sua frente de homem-deus.

Debruçado n'uma jancilla, mede toda a extensão da sua incommensuravel desgraça. É o naufragio dentro do porto, o maior revez da sua estonteante carreira. Perde a costumada serenidade. Ante aquelle adversario irreductivel, que se acerca temivel e implacavel, como a voz de tanto sangue derramado pela sua desmedida ambição, vocifera, pragueja, anda de um lado para o outro, gesticula, assenta-se e levanta-se, pretende trabalhar e não pode, não consegue socegar e menos ainda socegar os que o rodeiam. Não. Esse oceano flammejante, essa visão do inferno, mais hedionda que a creada pela mente esbrazeada de Dante, não transporá as muralhas do Kremlin.

No entanto o diluvio sanguineo cada vez está mais perto.

Berthier, Eugenio, Murat instam para que abandone o recinto maldito e condemnado. Não os quer ouvir. São os mesmos que sempre se oppuzeram ao internamento nas esteppas traiçoeriras. Deter-se nas margens do Niemen signi-

ficava recuar; ceder ante o incendio equivale a uma fuga. Um incendiario capturado é fuzilado à sua vista. Os jorros de fogo que irrompem de todas as janellas, o eminente desabar da torre do Arsenal convencem-n'o. Consente em ser conduzido ao palacio de Peterskoé. O espirito que manietara a victoria ao seu carro de triumpho nas Pyramides, Marengo, Austerlitz, Iena, Ulm, Wagram, etc., evolara-se do seu corpo obeso e flacido.

Dá os primeiros passos na ingreme ladeira, ao fundo da qual se erguem as penedias de Santa Helena. Desce pela rua Tuerskaia, arteria por onde sobem os cortejos na coroação dos tzars. Ao hospedar-se na sumptuosa vivenda de Pétrowska alguém lhe lembra que os successores de Ivan, o *Cruel*, se demoram ali tres dias, quando veem de S. Petersburgo para reccher a unção em Uspienski Sobor. É um rude golpe vibrado em todos os seus projectos de tresloucada e insaciavel aspiração ao mando supremo. Em volta d'esse genio tão excepcional, que só encontra dois ou tres similares na Historia, apenas existe o arremedo, prestes a dissolver-se, de um exercito; os despojos carbonizados de uma cidade; a Paz que se afasta remissa; a Gloria que se enubla para nunca mais se mostrar a claro.

Napoleão assigna, é verdade, em Moscovia o decreto que reorganiza a Comedia Franceza; outorga à França, ao mundo, um tablado, que



A SAÍDA DO KREMLIN — Lithographia de F. Grenier



será um perenne foco de civilização, um eterno projector de luz artistica, mas a sua typica figura de actor incomparavel perde a linha e o seu perfil de tragico inexcedivel esvae-se n'uma sombra, cada vez mais diluida, que só a Posteridade torna a pôr em relêvo.

O exercito russo reorganiza-se em Kaluga, cerca de quinze mil desertores moscovitas, agentes, espiões, passeiam pelos acantonamentos francezes, sabem quanto ali se passa e ninguem se lembra de os prender. Joaquim Murat, n'uma perseguição exaggerada, apeia metade da cavallaria, e troea presentes com os chefes cossacos, o que incute ao imperador uma falsa idéa de paz proxima. Um dia, quando os invasores se descuidam, os moscovitas introduzem-se no meio d'elles, apresam-lhes varios comboios, aprisionam um esquadrão de dragões da Guarda e um hata-lhão de marcha. Napoleão, que regressara a Moscovia tres dias depois do incendio, prohibe, sob pena de morte, quaesquer relações com o inimigo não auctorizadas por elle.

Napoleão ainda espera uma solução pacifica. A 4 de outubro expede o general Lauriston, seu ajudante de campo, ao marechal Kutusoff. O commandante em chefe moscovita tergiversa e ludibria-o. Um correio d'este ultimo, capturado pelos francezes e uma carta apprehendida, aclara os embustes do estado-maior contrario. O imperador, contudo, não quer acreditar na declinação da

sua estrella. Ainda na esperança de fazer reviver os antigos sentimentos do tzar Alexandre I, n'uma carta que lhe escreve, antes de entrar em Moscovia, adduz: «Guerreiro Vossa Magestade sem animosidade; um bilhete vosso deteria a minha marcha e chegaria mesmo a sacrificar-lhe a vantagem de entrar em Moscovia.» É uma humilhação escusada. O imperador de todas as Russias não lhe responde.

Napoleão projecta primeiro invernar na velha capital do imperio dos tzares. Depois incumbe Coulaincourt, antigo embaixador em S. Petersburgo, e que se manifestara sempre contra a guerra, de partir para ali e ameaçar Alexandre I de que destruirá essa cidade se não ceder aos seus desejos. Coulaincourt recusa-se. Vae Lauriston. O mesmo silencio, o mesmo desdem da parte do autócerata.

A inacção de Moscovia indisciplina o exercito. A ralé moscovita, que permanecera no secular ninho dos boyardos, contamina e gangrena as unidades invasoras. «Tudo aquillo, escreve um critico francez, forma, em conjunto, uma lama que já não se distingue uma da outra, do que foi um exercito e do que foi uma nação.» Os soldados vivendo uma existencia alheia á militar, pilham, permutam, roubam e vendem. A sua brutalidade revolta os emigrados francezes, testemunhas de scenas nas ruas.

Pensando nos assumptos politicos e perdendo

uma parte das suas faculdades, o imperador esquece-se de equipar, de calçar e de vestir o seu exercito. Surgem os primeiros frios. Torna-se indispensavel acercar-se da terra allemã, a fim de não a perder de vista e observar o que ocorre na propria França onde rebenta a conspiração Malet. Mergulha com frequencia em profundas meditações. Em que cogita? No seu passado? Quem sabe se se lembraria do discurso, celebre pela extravagancia nos annaes da oratoria, proferido pelo general Lachaise, prefeito de Pas-de-Calais?

Bonaparte, primeiro consul, em consequencia da ruptura da paz de Amiens, sac de Paris a 23 de junho de 1803 para visitar os departamentos do Norte. Quando chega a Boulogne recebe as auctoridades. É então que o prefeito perora:

«Cidadão primeiro consul.

«Apenas gosamos da Vossa Augusta presença e já o departamento de Pas-de-Calais estremece de alegria. O seu solo, durante muito tempo funesto, não coutem já nenhum dos germens venenosos que produziram monstros. Enriquece-se hoje com mais de quinhentos mil bons francezes que apressar-se-hão a offerecer-vos a sua riqueza e o seu coração.

«Tranquillos sobre os vossos destinos, sabemos todos que, para assegurar a felicidade da França, para outorgar a todos os paizes a liberdade do commercio e dos mares, para humilhar os audaciosos perturbadores do socego dos dois mundos e estabelecer finalmente a paz na terra, Deus creou Bonaparte e depois descansou.»

É verdade que alguns espiritos rebeldes cantavam depois:

«Dieu n'en resta pas là
Il fit encore la chaise
Et puis se reposa
Beaucoup plus à son aise.»

Pouco depois precipitam-se e atropelam-se as ordens de partida. Ouvem-se já ao longe os tiros longinquos e isolados dos soldados de Kutusoff. Mas o exercito francez e os seus aggregados demoralizaram-se. Não cuidam da batalha, só querem repouso, só encaram a hypothese dos quartéis de inverno.

A 12 de outubro o imperador colloca ao peito de Candido José Xavier, commandante do nosso 2 de infantaria, a Legião de Honra. Deve a medalha aos ferimentos recebidos no ultimo encontro. A 18, Kutusoff, aproveitando um descuido de Sebastiani, ataca o seu corpo de exercito e obriga-o a abandonar um numeroso parque da artilharia. A 19, de manhan, o imperador sac de Moscovia, com o grosso do exercito, e toma pela estrada de Kaluga. O marechal Mortier e duas divisões da Nova Guarda demoram-se mais vinte e quatro horas para destruir tudo quanto o inimigo possa aproveitar e fazer ir pelos ares o Kremlin. N'essas fracções encorporam-se quatro esquadrões de lanceiros, as praças de cavallaria sem montadas e os retalhos dos regimentos com

mais baixas nos préteritos combates. Ahi se enfileira o punhado de portuguezes que existe do bravo regimento commandado pelo coronel Pego.

Na lucta constante de procurar forragens e viveres em logares distantissimos, labuta de multiplos perigos, travam-se continuas refregas com os crueis e habilissimos cossacos, que nem sempre levam a melhor com os nossos. Na difficil emergencia da retírada determinam ao Marquez de Loulé que se poste a uma legua do povoado. Organiza ahi um excellente serviço de vigilancia. Compete-lhe patrulhar um designado sector de Moscovia, com pelotões de quarenta cavallos. Ahi apparecem, como fantasmas, para logo se desvanecerem, troços de cossacos, não sem que alguns manchem com o sangue as pedras aguçadas das arterias irregulares, para demonstrar que por ali passaram afiados gumes de sabres, manejados por solidos pulsos portuguezes.

A 22 de outubro de 1812 abandona Moscovia o ultimo soldado do Grande Exercito, e começa a retirada, a epopeia mais sinistra, a agonia mais lenta e afflictiva de toda a Historia Militar.

VIII

A catastrophe do Beresina

O príncipe Eugénio.—Quasi prisioneiro.—Eutroco perigoso.—Varejeiras sinistras.—Visão horrenda.—As primeiras nevadas.—Fome e frio.—O alferes Gama.—Serviço espinhosissimo.—Perdas.—Falta de contabilidade.—A guarda da retaguarda.—A divisão Baraguey d' Hilliers.—Entorpecimento fatal.—A salvação distante.—Em Krasnoe.—Carga e ataque de flanco.—O cadete Palha.—Defecção dos austríacos.—Em Polotzk.—Episodio medieval.—Miséria e brutalidade.—Insania dos marechaes.—Primeira contrariedade.—Alegria e boa camaradagem.—Pamplona em Polotzk.—Impericia do estado-maior.—Acervo miseravel.—A divisão Partouneaux.—O 7 de couraceiros.—A caminho da morte.—Abate a primeira ponte.—Urge passar.

Napoleão deseja poupar ao exercito uma nova visão do campo de batalha de Moscovia. Projecta alcançar Smolensko retirando n'outro rumo.

Após alguns dias de marcha, os homens que ainda o compõem esbarram com o exercito russo postado na cidade de Malo-Saroslavetz. O principe Eugenio, á frente dos italianos e das divisões francezas Morand e Gerard, desaloja os moscovitas mas perde quatro mil homens. No dia immediato, 24 de outubro, o imperador, informado que lhe toman a frente numerosas forças contrarias, demora-se trez dias a meditar no caminho a seguir.

N'um dos reconhecimentos a que procede, quasi o aprisionam. No meio de um espesso nevoeiro, galopam de um pinhal vizinho algumas *sotnias* de cossacos e desfilam a menos de vinte passos de Napoleão. Rapp arremessá-se com dois esquadrões de caçadores e de granadeiros a cavallo, que escoltam o imperador, acutila e afugenta o inimigo. N'esta refrega ocorre um incidente curioso. O ajudante de campo de Berthier, Le Coutenlx, brande a lança de um cossaco, a quem abrira a cabeça, e corre em direcção do estado-maior. Por infelicidade sua veste uma peliça e cobre-lhe a cabeça um barrete de astrakan. Nada transparece através d'este resguardo do uniforme francez. Um granadeiro da Guarda presume-o um official moscovita, e, ao vê-lo correr em busca de Napoleão, atravessa-lhe o corpo com o seu enorme sabre. Não obstante a gravidade do ferimento, transportado n'uma carruagem do imperador, resiste ao frio, ao incommodo

da jornada, aos trabalhos da retirada e regressa a França vivo.

O ambicioso soberano convence-se da impossibilidade de percorrer o itinerario primitivamente escolhido. Marcha para Mojaisk. O exercito abandona uma região fértil para se internar n'uma zona já exausta, assolada. A cavallaria forma a testa da columna e sustenta a cada instante escaramuças com os cossacos, moscas varejeiras a zumbir, a adejar em redor do que esperam ser breve um acervo enorme de cadaveres. O marechal Mortier junta-se em Vereia ao imperador e parte na peugada do grosso das columnas.

O que Napoleão pretendia evitar, contemplam-n'o as forças no seu caminho para a retaguarda—o campo da batalha de Moscovia. O terreno, descreveni varias testemunhas, e entre ellas o nosso Theotónio Banha, lavrado, mexido, revólto, excavado pelas balas, cobre-se de uma infinidade de sinistros despojos, restos de capacetes e barretinas, ferragens, couraças e lâminas oxidadas, reparos virados, fragmentos de rodas sem pinas ou sem raios, viaturas atoladas, canhões atascados no lodo, pedaços de uniformes desbotados, armas de toda a qualidade partidas, torcidas, inutilizadas, e disseminados n'uma extensão enorme oitenta mil corpos humanos em decomposição, semi-devorados pelos lobos que soltam uivos lancinantes e funebres e sobre os

quaes pairam escuras nuvens de corvos, centenas de milhares, avidos, sequiosos, vorazes, implacaveis, crocitando na alegria doida de um banquete lauto e inesperado. Por mais que o espirito esteja habituado à contemplação da Morte e do Exterminio, o descurrolar d'aquelle hediondo espectaculo apavorou o proprio Napoleão, como o declara nas *Memorias* de Santa Helena.

O exercito acantona a 3 de novembro em Wiasma. Até lá deparam-se-lhe por todas as bandas provas sangrentas de refregas frescas e os bivaques realizam-se deitando-se os vivos quasi ao lado dos mortos. Ali mesmo a cavallaria só desembaraça as outras armas à custa de renhidas pelejas. Aos cossacos, à hostilidade surda e inexoravel dos russos, militares ou campouzes, homens ou mulheres, moços ou velhos, à opposição tenaz e perduravel dos elementos naturaes do solo addicionam-se desde esse dia os rigores do clima. O vento impellido das regiões boreacs, acarreta com a velocidade de um meteoro densos e cortantes floeos de neve, que logo se consolidam em blocos e embranquecem a paizagem como se por cima dos homens e das coisas a Desgraça estendesse a alva mortalha com que se enregela no sepulcro.

Morrem de frio e de cansaço, no trajecto, milhares de homens e de cavallos. A carne d'estes ultimos alimenta soldados e até officiaes, para

variari a ingestão de sementes de linho. Os animaes lambem o colmo das isbas russas para enganar a fome, pois já não se encontram nem sequer enfezados olhos de erva nem a mirrada folhagem que cahiu sêeca dos descarnados galhos dó arvoredó. Os portuguezes, os proprios officiaes nutrem-se em Mojaisk de «raizes de couve cozidas sem tempéro algum». Na noite de 8 para 9 a temperatura desce a 27 graus abaixo de zero. Os nossos, na desgraça commum, unem-se, auxiliam-se, coadjuvam-se, fraternizam n'uma tão intima e patriotica camaradagem que o duque de Treviso, marechal Mortier, os elogia e põe em contraste com outras unidades minadas pelo desalento, corroidas pêla indisciplina. Nas proximidades de Smolensko, com o povoado á vista, n'um recontro com um bando de cossacos que se dispunham a rúbear as bagagens, uma lançada despedida por um d'elles mata o alferes de cavallaria Gama, condecorado com a Legião de Honra em Wagram, como a 12 de outubro, n'um combate em frente de Moscovia fôra ferido o alferes Palhares e a 6 de novembro o cirurgião Hetzer. Não será necessario accentuar que aos portuguezes, na sua qualidade de estrangeiros e submissos, cabiam os postos mais molestos e arriseados.

O major Candido José Xavier sae de Moscovia a 19 de setembro commandando o nosso segundo regimento de infantaria. Encarrega-o

Mortier de escoltar mil e duzentos prisioneiros de guerra com destino a Smolensko. E um serviço espinhosissimo. No trajecto determinam-lhe que force o andamento. A accleração constrange-o a deixar à retaguarda, devidamente guardadas, as bagagens do regimento, bagagens que, puxadas por enfraquecidos solipedes, nunea mais o alcançam e só mais tarde se reúnem ao comboio de bagagens do 3.º corpo de exercito. A 8 de novembro, quando o comboio atravessa o Borysthene, tres dias antes de entrar em Smolensko, os cossacos acommettem-n'o. Quanto pertence aos nossos tudo é apprehendido ou atirado ao rio sem excluir a caixa e os documentos da contabilidade. Desleixo ou malvadez?

Candido José Xavier no officio que dirige ao ministro da guerra, de Mayença, em fevereiro de 1813, participa que o official pagador — estrangeiro? — que fugira foi capturado em Wilna. As baixas são severas. Dos capitães, tres jazem no campo para sempre, quatro ficam prisioneiros dos russos, quatro rendidos pelo cansaço recolhem aos hospitaes ou extraviam-se. Só resta um na effectividade. Os sargentos não são mais felizes: cinco curam ferimentos nas ambulancias, um morre, dois feridos que diligenciam seguir o regimento cedem à fadiga; dos quatro aprisionados um consegue evadir-se e apresentar-se no corpo. A contabilidade das companhias durante o anno de 1812 não se pode effectuar. Até ali o

regimento perde na campanha doze officiaes mortos no campo ou fallecidos em virtude de ferimentos, dezenove feridos, dezoito aprisionados pelos russos, e doze que, não podendo marchar, se entregam á feroicidade dos contrarios, á fome dos lobos, á asperza do inverno.

O commando da guarda da retaguarda transita successivamente da responsabilidade de Davout para a do príncipe Eugenio e definitivamente para a do marechal Ney; que a conserva até o fim da malfadada expedição.

A 1 de novembro as columnas bivacam em Smolensko. Na cidade, a soldadesca indisciplinada arromba e saqueia os armazens de viveres. Estraga mais do que consome. Sentirão as consequências do erro muito breve. Os poucos laços ainda existentes de subordinação, afrouxam, embrandecem e acabam de se partir de todo á medida que a penuria e a fadiga augmenta. Á confusão das linguas addicóna-se a das unidades. A cavallaria, sem montadas, constitue-se em batalhões. Os officiaes que ainda conservam cavallos organizam-se em esquadrões sagrados. Ha generaes que desempenham serviço de capitães, de sargentos, e alguns coroneis o de cabos. A situação ainda mais se aggrava quando o general Baraguey d'Illiers se rende com a sua divisão, o melhor auxiliar do imperador, pois conservava-se intacta.

O egoismo e o terror exercem o seu despotismo.

O frio intenso gangrena os membros dos mais lymphaticos. As armas queimam os dedos dos combatentes como ferros em braza. Para se obter agua no incendio da febre é preciso quebrar ás cutiladas e ás coronhadas a chapa de gelo tão resistente e escorregadia como o aço. O sargento da nossa cavallaria Theotonio Banha, a 10 de novembro, sente em redor de si, no bivaque, enquanto espera que o impedido lhe acame um feixe de matto para se encostar, um forte cheiro a trapo e carne queimada. Vira-se. A pouca distancia tropeça com um soldado entorpecido. A perna assa-se-lhe na fogueira. Quando o sacodem e o acordam entrega a alma a Déus. Para se obter o vivificador aconhego do lume os fortes empurram os fracos. Se se escaudam, se recebem queimaduras horriveis tanto peor para elles!

Em Smolensko, onde a administração miilitar franceza os contempla, após tantas vicissitudes, com duas rações de pão, a mesma porção de arroz e um quartillo de aguardente, encontram os portuguezes o general Gomes Freire. Addido ao estado-maior imperial, acompanham-n'o os seus dois ajudantes viseonde da Asseca e Auffiducner. A marcha prosegue a 14, não sem ter sido ferido a 13 o alferes Marcello. Convem chegar depressa a Orcha, o que succede a 19, e ali rechegar os moseovitas. No trajecto de Moscovia até ahi dispendera-se um mez. Ainda faltam *cento e vinte leguas* para aleançar as margens do Niemen.



RETIRADA DA RUSSIA — O marechal Ney apela a guarda da retaguarda do Grande Exército
Quadro de Adolfo Yvon



Ney celebra-se na retirada, cortado, como ficou, de qualquer comunicação com as demais forças de Napoleão. Um milagre de energia e um rasgo de coragem salvam-n'o em Krasnoë. Mortier e o principe Eugenio correm ao seu encontro. Lá vão cem cavalleiros nossos e a nossa infantaria. Um pouco antes, a 16, o duque de Treviso ordena à nossa cavallaria que se poste a dez kilometros da cidade, arrepiando caminho. Fatigadissimos os soldados, pois nunca são poupados, desempenham esse serviço mercê do brio e da eloquencia do marquez de Loulé, que só dispõe já de duzentos cavallos.

Os russos, entre outros, aprisionam o genro do brigadeiro Pego, José Joaquim de Souza, a quem mais tarde o general de divisão Ledru des Essarts, certificando o seu comportamento n'essa campanha, na brigada de *élite*, escreve: «... com honra e distincção, depois de ferido em Moscovia, ficou prisioneiro no ultimo combate de Krasnoë.»

O movimento envolvente dos russos accentua-se em todas as direcções. Marulha e bate os invasores em todos os quadrantes um oceano encrespado de lanças. Na manhan de 17, para cima dos esquadrões portuguezes, e de dois polacos, que lhe estavam annexos, atira-se uma espessa revoada de cossacos. O marquez de Loulé, de sabre ao alto, arremette com elles e os bandos inimigos dispersam-se como passarinhos, aturdidos, ao estralejar de um foguete. O intrepido re-

gimento de Pego, reduzido a cento e cincoenta homens, investe de flanco o inimigo e corôam a sua acção os mesmos louros dos camaradas.

N'esse combate o cadete Palha apresenta-se ao marechal Mortier para cumprir uma determinada ordem. Alto, gentil, sereno, marcial ouve-o. Sauda-o com a continencia regulamentar e parte no desempenho da missão indicada. Os russos expulsos para as suas anteriores posições iniciam de lá um tremendo canhoneio. Uma bala de artilharia, corta cerce a cabeça do galhardo cadete portuguez. No combate de 18 os contrarios matam-nos os tenentes Vasconcellos e Franco: morrem mais tarde dos ferimentos recebidos ahí os tenentes P. Coelho, J. Pinto, alferes Guerreiro e L. Pinto; são feridos os capitães Elvas, Muller e tenentes Rodrigues e Sá.

Os austriacos, como os acautelados suspeitavam, apenas sabem dos primeiros desastres dos francezes, pactuam com os russos ou pouco menos. O principe Schwarzenberg, o antigo embaixador em Paris, onde occorrera o incendio descripto no capitulo v, á frente de trinta mil austriacos, não só não tenta oppôr-se á marcha do almirante moseovita Tchitchakoff, que, depois de ter assignado a paz com os turcos, regressa da Valachia para calir sobre o flanco ou retaguarda de Napoleão, mas ainda lhe segue na cauda e acantona tranquillamente na Vollynia. Não se portam melhor os prussianos, escalonados

perto de Riga, e que obedecem mal ou nada ás ordens do marechal francez Macdonald.

O 2.º corpo francez, commandado agora pelo marechal Saint-Cyr, acampa em Polotzk e corre serios perigos. Governa essa praça, como já dissemos, o nosso Pampłona. O 3 de infantaria, portuguez, combatera na batalha que esse corpo sustentara sob a direcção do marechal Oudinot com as forças contrarias do general Wittgenstein, em 18 de agosto, e onde foi ferido. A 16 de outubro apresentam-se os primeiros exploradores moscovitas, a 17 fere-se um combate que dura todo o dia sem que Saint-Cyr recue. Wittgenstein, desesperado, quer fazer um reconhecimento mais de perto e aproxima-se dos francezes. O major Curély descobre o general contrario e lança-se sobre elle á frente de um esquadrão do 20 de caçadores. Acutila a escolta e chega junto de Wittgenstein, a quem aponta a espada á garganta e obriga a render-se. A escolta russa reconsidera, volta á carga, trava-se uma serie de combates singulares. O cavallo de Curély é morto, alguns caçadores apeiam-se para levantar o seu chefe, Wittgenstein aproveita a confusão e foge á desfilada ordenando aos seus que o imitem. O incidente origina uma controversia calorosa. Uns pretendem que Curély devia, apenas se pronunciou o contra-ataque, ter matado o commandante do exercito russo; outros que procedeu cavalheirescamente, porque tendo-se aquelle cons-

tituido prisioneiro o salvaguardava a honra do seu adversario. Saint-Cyr executa uma retirada magistral, mas é ferido.

A miseria progride dia a dia. Á 18 de novembro a columna de Mortier sáe de Krasnoë em direcção a Dubrowna. Esta cidade mantem-se intacta. Ás forças deparam-se-lhes ali abundantes abastecimentos, mas porque preços? Os judeus, que açambaream o commercio do povoado, aproveitam-se do ensejo e enchem-se de oiro. N'essa tarde os officiaes da nossa cavallaria refastelam-se com um opiparo banquete—papas de milho, carne de cavallo e aguardente—tudo isto saboreado dentro de uma casa rasoavel, aquecida por um lume reconfortante. É a ultima alegria concedida ao estomago. D'ali em diante anccia-se por qualquer nutrição e não existe. Quem possui qualquer parella de mantimento occulta-o avaramente quando não batem-lhe e roubam-n'o. Se se defende, ferem-n'o ou matam-n'o. Para as innumeradas mulheres que acompanham estes farrapos de exercito, algumas de peregrina formosura, extraviadas dos maridos ou amantes, supplices, famintas, com os olhos inflammados pelo pranto, o tratamento não soffre excepções. A brutalidade não reconhece sexos, antes se eeva nos de compleição mais debil.

Os marcehaes francezes, apesar da gravidade da situação, não se entendem. Nenhum quer servir ás ordens d'outro, embora mais moderno.

A indisciplina que campeia no alto não pode reprimir a que se manifesta nos ultimos graus da hierarchia militar. Napoleão planeia atravessar o Beresina. Espalha-se o boato, muito verdadeiro, de que os russos lhe disputarão obstinadamente a passagem. Occupam já Minsk, acontecimento das peores consequencias. O imperador projecta realizar a travessia em Borisoff, local protegido por um forte, guarnecido por um regimento polaco, mas este rende-se. Quem ali domina é o almirante russo Tehitchakoff. Em Orsêba commettera um grande erro. Para aligeirar a marcha do exercito mandara queimar todas as equipagens de ponte. O marechal Oudinot, n'um energico movimento de avanço repelle o inimigo, mas a guarnição do forte a que acima alludimos, a despeito da intrepidez dos francezes, incendeia a ponte.

Vae começar a passagem do Beresina. Napoleão finge tentar a travessia pelos dois vaus situados a baixo de Borisoff, mas tenciona realizá-la em Studianka. Os portuguezes, concentrados na margem esquerda do rio, exultam de jubilo quando a 27 de novembro lhes apparece a guarnição de Mohiloff e as demais das praças da Lithuania com o nosso marquez de Alorna à sua frente. Bem armadas, municiadas devidamente e com farta provisão de generos, dividem uma boa parte dos abastecimentos transportados pelos camaradas, miseros e esfaimados. O marquez dis-

tribue aos seus conterrâneos uma sufficiente ração de toucinho, bolacha e aguardente.

Voltemos um pouco atraz. Pamplona, governador de Polotzk, destemidamente á testa de um regimento de suíços, favorece a entrada do 2.º e 6.º corpos francezes (na cidade, rechaçando os russos que ainda os conseguem encurrular nas ruas estreitas e tortuosas. O nosso 3 de infantaria perde nas luctas pelejadas n'esses dias um official morto e dois prisioneiros, e duzentos soldados entre mortos, feridos e prisioneiros. Alguns desertam durante o estacionamento em Polotzk. O marechal Ondinot, já o consignamos, não confia demasiado no major Blanc, commandante do 3. Conserva, pois, este regimento na reserva, incumbido de velar pelo grande parque de artilharia, postado na margem esquerda do Dwina.

A 27 de manhã, graças ao estratagemma de Napoleão e á crédula impericia de Tchitchakoff inicia-se, depois de lançadas as pontes, o cruzamento do Beresina, sem os francezes serem molestados pelos russos. A 27, á noite, atravessa-o o imperador com a Guarda e estabelece-se em Zawinski. O estado-maior general francez patenteia então uma inhabilidade absoluta. Durante essa noite podiam ter atravessado sem nenhuma especie de incommodo todas as bagagens e os milhares de pessoas, militares ou não, que se arrastam atraz do exercito e que no dia seguinte hão de succumbir n'uma morte horrivel. Nem uma só

passa n'essa tranquilla noite da margem esquerda para a direita. Que grupo de miseraveis esses! Soldados, officiaes, mesmo generaes, velhos, adultos, creanças, mulheres, todas as nacionalidades misturadas, todas as linguas confundidas! Miscellanea embaralhada de gradações, tumulto indescriptivel de categorias! Acervo cahotico de andrajos, de physionomias macilentas, de bôccas negras de escorbuto, de membros mutilados, de expressões de indizível soffrimento, de pés a escorrer sangue apenas protegidos por pedaços de cabedal atado com cordeis, de carnes nuas mal cobertas com boccados de fazenda retalhada por mil rasgões.

Ao alvorecer d'esse nefasto dia 28 de novembro de 1812 o corpo de exercito do marechal Victor marcha para Studianka com o 9.º corpo. Impelle deante de si una numerosa massa dos desditosos que acabamos de descrever. O marechal deixa atraz de si, para lhe proteger a retirada, a divisão Partouneaux. Tão desastradamente manobra o seu chefe que, enganando-se na bifurcação de duas estradas, cõe no meio do exercito de Wittgenstein que o obriga a depôr as armas. Como una desgraça nunca vem só, o marechal Kutusoff opera a sua junção com aquelle general, e ambos, com forças superiorissimas, acommettem Victor, que se defende bravamente.

Em quanto se combate desesperadamente em Studianka, os trinta mil russos de Tchitchakoff

investem furiosamente com os oito mil de Oudinot. Este marechal, n'uma defesa brilhante, consegue repellir os contrarios, mas recebe uma ferida grave, bem como o general Legraud, sendo morto o divisionario Coudras. Ney assume o commando d'essa fraeção. No meio de um pinhal, o 7 de couraceiros francezes arremessa-se n'uma carga violenta. Corta em duas a columna moseovita e aprisiona dois mil homens.

Durante estas rijas pelejas as massas de pro-fugos isolados, que tinham perdido duas noites inertes e immoveis na margem esquerda, querem passar todos ao mesmo tempo. As pontes atulham-se de invalidos, regorgitam de uma turba desordenada, sem nenhuma cohesão militar. De subito as balas da artilharia de Wittgenstein e chovem n'esta multidão de fugitivos e chacinam-os sem piedade. Enhem-se não só as pontes, mas as suas proximidades com homens, mulheres, viaturas, cavallos, toda a enorme bagagem do exercito que ainda existe. Tudo isto obstroe, estorva, tapa, impede que se possa dar um passo para a frente. A artilharia russa vareja-os sempre. Como era de prevêr, os que veem atraz, n'um influxo progressivo, irresistivel, pertinaz, apavorado, egoista, cruel, empurram os da frente. Ouvem-se baques de corpos na agua, gritos lancinantes, berros de panico, brigas desesperadas, supplicas e ameaças, improperios e rogos, pragas e exclamações, todo o horror de milhares

de scres prestes a morrer e sem nenhuma esperança de salvação.

Uma das duas pontes, sobrecarregadas com grande peso de peças, reparos, homens e animais, abate. Tudo corre para a outra. A agglomeração torna-se ainda maior n'essa. Não ha maneira de dar vasão a tal quantidade de gente e vehiculos. Os russos collocados nas duas margens desfecham metralha incessantemente sobre o monte. Morrem pessoas asphixiadas, em terra, trituradas no esmagador ajuntamento; succumbem os que se atiram ou são atirados ao rio. Muitos conductores de viaturas mettem-se pela agua dentro; bastantes, acicatados pelo panico, chocam uns com os outros, derrubam-se e lá vão levados pela corrente. As poucas que alcançam a margem fronteira, como a engenharia não preparara os taludes para lhes facultar a ascensão, recaem na agua e perdem-se como as demais.

Às nove horas da noite Victor recebe ordem de retirar. Urge abrir caminho. A divisão Gerard incide na cahotica horda como uma cunha n'um madeiro que se precisa rachar. Nenhuma especie de contemplação a detém. Domina-a a necessidade imperiosa da conservação; impelle-a o supremo direito do mais forte. A quem não se afasta espesinham-n'o, prostram-n'o, empurrann'o para o Beresina, espetam-n'o, acutilam-n'o, matam-n'o sem mercê. Urge passar, ha de-se passar . . . Custe o que custar.



IX

A fatal retirada

Elogio de Mortier.—Incendio da ultima ponte.—Lista funeraria.—Dizimados.—Alegria dos salvos.—Perseguição inessante.—Encontro com Gomes Freire.—Oasis nas steppas.—O «pulk» cossaco.—Duellos.—Por bem fazer...—Pagamento á vista.—Generosidade.—Despedida sentimental.—Os sobreviventes da Guarda.—Aventuras do visconde de Asseca.—Encontro providencial.—Imploração convincente.—Resolução expedita.—Tres peliças salvadoras.—Um par de botas para' dois.—Surpreza agradável.—Partida de Napoleão.—Morticinios.—Suicidios.—Loulé doente.—Alrocidades nos hospitaes.—O thesouro imperial.—Fora aa Russia.—Estupendo contraste.—Na Prussia.—Morte do marquez de Alorna.—Humanidade dos prussianos.—De 23:000 homens restam 650.—Destino dos nossos officiaes.—Gomes Freire na capital da Saxonia.

A cavallaria portugueza devia marchar, na cauda da Nova Guarda, na travessia do sinistro

curso de agua. Uma parte assim o faz, outra e alguma infantaria da nossa, aguarda o dia seguinte na expectativa de maior segurança e tranquillidade. Nunca mais os seus camaradas os tornam a ver. A morte ou o desterro na Siberia epilgam a prudente mas malfadada resolução. N'essa tormentosa noite a cavallaria portugueza, sempre subordinada ao Marquez de Loulé e constantemente exposta, repelle os cossacos que diligenciam penetrar através dos postos avançados. Tão a contento de Mortier desempenha esse serviço, que o marechal escreve, textualmente: «Estes cavalleiros portuguezes são bravos, conhecem o seu officio e a Nova Guarda deve-lhes grandes serviços.»

A 29, ao romper do dia, o general Eblé manda queimar todas as viaturas que permanecem na margem esquerda. Quando percebe que os russos se acercam da ponte, incendeia-a. Cahem assim em poder das tropas de Wittgenstein alguns milhares de desventurados. O ainda denominado Grande Exercito perde na terrivel conjuntura entre vinte a vinte e cinco mil homens.

Dos nossos, que se pudesse apurar, são feridos e morrem pouco depois: os alferes Costa, Carreira e Borges; são feridos: o major de cavallaria Castro e o tenente Arapha; desaparecem feridos ou aprisionados: o brigadeiro Pego, do 3 de infantaria, o major Blanc, os capitães Antonio Maria, Abreu, Xavier, Vieira, Machado, Beniger, Pi-

inenta, Macedo; cirurgião-mór Silva; tenentes Sousa, Mello, Carvalho, Bravo, Costa Magin, Salgado, Vasconcellos, Padrão, Maré, Lenna, Carlos Damasceno Rosado; alferes Madureira, Pimentel, Rey, Moreira, Semblano, Sardinha, Pelega, J. B. Cardoso, M. Cardoso, Manuel, J. Xavier, Campos, Antonio Campos, Gouveia, Xara. Todos nomes bem portuguezes.

Na travessia do Dwina, Pamplona, depois de pôr a seguro na margem opposta a artilharia e as bagagens, ordena a inutilização das pontes, debaixo da metralha dos adversarios. Uma d'ellas desliza com a corrente e arrasta comsigo o nosso compatriota e as tropas que supportam. Para se avaliar as perdas dos portuguezes nas fataes emergenciaes basta registar que, quando Napoleão entra em Polotzk com o exercito, a 20 de novembro, o 3 de infantaria possui um effectivo de setecentas e setenta praças. A 30 do mesmo mez já não consegue reunir dezoito homens no local onde bivaca o seu commandante.

Napoleão marcha para Zambin. Os russos vão-lhe no encalço. Ney immortaliza-se defendendo a retaguarda. Os cadaveres disseminados pelo trajecto servem de sinistros mareos millia-rios a este itinerario de morte e de horror. O corpo de exercito de Mortier, que acompanha a Guarda imperial de perto, consegue ser dos primeiros a alojar-se com relativa commodidade. Os nossos rejubilam por se lhes depararem papas

- de milho e dormirem em cima de medas de palha sem que os cossacos os despertem ás lançadas. Ahí, como ainda muito mais para deante, quando dois camaradas se encontram, lançam-se nos braços uns dos outros e apertam-se estreitamente com os olhos rasos de pranto por terem escapado á hecatombe sem igual do Beresina, á neve que tantos sepultou, ao rancor feroz dos russos, ás torturas da fome, aos tormentos inquisitoriaes do exilio da Siberia.

Quando a marcha prosegue no dia seguinte pela estrada de Kamen, quando se atravessa uma ribeira, a camada de gelo, muito fraca para tão desmedido pêso, cede, quebra-se e lá mergulham dez dos nossos soldados de cavallaria. Não obstante os esforços empregados pelos demais, com difficuldade se arranca do alvo mausoléo um sargento e um soldado. Os cossacos não lhes permitem um momento de descanso ou um instante de negligencia. Acommettem-nos incessantemente. Ás suas tredas lançadas succumbem mais alguns compatriotas e entre esses o quartel-mestre Durão.

Nas proximidades de Molodstchino Theotonio Banha esbarra com o general Gomes Freire. Apoiase este ao braço do tenente Ribeiro, do 1.º de infantaria, e levam ambos os cavallos á redea. O general sente-se tão doente que pede a Banha que não o abandone. O sargento de cavallaria apcia-se e ampara-o do outro lado. Ao entrar na



PERSEGUIÇÃO DE UM CORREIO — Campanha da Rússia, 1812. — Quadro de Jan V. Chelminski

povoação reconhecem com alegria que os seus habitantes não a tinham transformado n'um ermo. Batem à porta de uma habitação. Os habitantes hospedam-n'os sem repugnancia. Theotonio Banha solicita da dona da casa um pouco de agua quente. Com um desapêgo raro em semelhantes conjunturas assueara-a com algumas pedras, com que o presenteara um tal D. José Clemont, e offerece a bebida ao general, que lh'o agradece reconhecido, pois o aquece e reconforta.

O chefe da familia, mediante a esportula de quarenta e oito francos, dada generosamente pelo mesmo Banha, fornece-lhes, n'essa tarde, uma gallinha, pão e forragens para quatro cavallo e na manhan immediata alguma carne. Duas horas depois de se acolherem a esse oasis das steppas, Gomes Freire toma um caldo de gallinha e dorme n'um rasoavel leito. Os outros contentam-se com arroz de manteiga, bom pão e aguardente à farta, o que lhes proporciona um somno reparador. As montadas são egualmente contempladas com feno e cevada e deitam-se em cama de palha. O general restabelece-se. Visitam-n'o em Juprouni grande numero de officiaes.

Relata Marbot um episodio dramatico em que foi ferido, a 2 de dezembro. Coronel do 23 de caçadores determina-lhe Ney que sacuda uma nuvem de cossacos que perseguem a retaguarda e os flancos do 2.º corpo. O general Maison manda

formar a infantaria em quadrado, na extensa planície, e repelle as successivas cargas da cavallaria moscovita. O 23 de caçadores acha-se de repente em frente de um *pulk* de cossacos do Mar Negro. Ataca-os. Como essa gente nunea combate em linha, fazem meia volta e fogem a galope. Estorva-lhes, porém, a retirada um immenso e profundo barranco. Na impossibilidade de irem mais além, viram-se e esperam os francezes de lança em riste. Os cavallos d'estes, fatigados, e andando por cima do gelo escorregadio, só podem trotar. Não ha choque. Os sabres francezes tocam as lanças russas, mas estas com perto de cinco metros de comprimento não permitem nenhuma offensiva vigorosa.

Marbot impaciente ordena aos seus homens que desviem as lanças com a mão esquerda e invistam. Elle, para dar o exemplo, atira-se por aquella scara de pontas dentro e todo o regimento o segue. A refrega generaliza-se, ou antes, singularisa-se n'uma serie de combates singulares. Um cossaco de barba branca aponta a lança a Marbot e atravessa-lhe a perna direita, por baixo do joelho, de um lado ao outro. Sentindo-se ferido, furioso pela dôr, esporeia o cavallo para acutilar o adversario, quando se lhe depa-ram na frente dois rapazes, de dezoito e vinte annos, com uma farda sumptuosa recamada de bordados. Eram os filhos do chefe do *pulk*. Acompanhava-os um homem, uma especie de

mentor, mas que não desembainhara o sabre. O mais velho dos rapazes precipita-se sobre Marbot.

O coronel franceez, destrissimo no manejo do cavallo e das armas, vê-o tão joven, que, com pena, desarma-o, pega-lhe n'um braço, manda-o para a retaguarda e ordena a Van Berchem, filho de um banqueiro hollandez e seerretario do coronel, que o guarde. Mas apenas pratica este acto de humanidade, sente um corpo duro encostar-se á sua face esquerda, ouve uma dupla detonação e a gola do capote é atravessada por uma bala. Volta-se e o que vê?... O juvenil official cossaco tirara um par de pistolas de dois canos e alvejara-o traiçoeiramente pelas costas. A outra bala faz saltar os miolos ao pobre Van Berchem.

Marbot indignado atira-se sobre o tresloucado que lhe apontava já a segunda pistola!... Mas o seu olhar tendo encontrado o do coronel, que devia ser terrivel, fica como fascinado e exclama em optimo franceez:

— Ah! meu Deus, vejo a morte nos seus olhos!

— É verdade, scelerado, é a morte.

E atravessa-o.

O coronel febril, exaltado pelo ferimento e pela morte do seu amigo — é sempre Marbot quem fala —, corre para o outro official cossaco, agarra-o pelo pescoço e ergue o sabre, quando o velho preceptor, procurando defender o seu discipulo, inclina o corpo sobre o pescoço do ca-

vallo do chefe francez, de maneira a impedi-lo que mova o braço e, em tom supplicante, pe-rora:

— Em nome de sua mãe, perdão; perdão para este que não fez nada.

Marbot commove-se e perdõa. Acrerescenta que o impressionara tanto este rapido drama que não pôde, durante segundos, dar nenhuma ordem ao regimento. O recontro terminara. Um grande numero de cossacos fôra morto, outros deitando-se dos cavallo abaixos cahiram no barranco, onde a maioria encontrou um coval nos enormes montões de gelo que os ventos ali tinham aca-mado.

Na noite d'este incidente Marbot interroga o seu prisioneiro e o mentor. Os dois rapazes eram filhos de um chefe poderoso que, tendo perdido uma perna em Austerlitz, odiava os francezes. Não podendo pelejar mandara os dois rapazes para a guerra. Marbot levou ainda mais longe a sua magnanimidade. Soltou o velho e o moço. Aquelle despedindo-se de Marbot disse-lhe:

— A mãe dos meus dois pupillos, ao pensar no seu filho mais velho ha de amaldiçoá-lo; mas quando tornar a vêr o segundo, abençoá-lo-ha, hem como a sua mãe, por amor de quem poupou o único filio que lhe resta.

Por este frio de vinte e cinco grans abaixo de zero homens e animaes tropeçam e tombam a cada passo, alguns para não mais se levantar.

O que sobrevive da infantaria da Guarda forma um pequeno quadrado no meio do qual roda a carruagem do imperador. A seu lado jornadaeia o rei Joaquim Murat.

No livaque d'essa mesma noite de 2 de dezembro, narra o nosso Garcez que o visconde de Asseca demonstrara a diversos officiaes portuguezes a vantagem de se bandearem com os russos para assim conseguirem regressar mais depressa ao seu paiz. Só dois tomaram esse partido: o capitão Manuel Bernardo e o mesmo visconde. A respeito d'este ultimo titular conta o conde de Rochechouard, emigrado francez que servia no exercito moscovita como ajudante de campo do tzar Alexandre 1, nas *Recordações da Revolução do Imperio e da Restauração* o incidente que vamos resumir.

Em Oschimiana entra n'um khartema, loja de judeu, a fim de comprar uma pellica de carneiro para o creado. Chamam-lhes a attenção dois homens no ultimo gran de magreza, apenas vestidos com umas ceroulas, um collete no fio, sem camisa; nos pés, meias esfarrapadas; na cabeça uma meia de seda preta, com o bico pendido descuidosamente pelas espaldas. Ambos falavam portuguez. Um d'elles diz para o outro:

— É um official, talvez nos possa soccorrer.

Rochechouard interpella-os tambem em portuguez:

— Que desejam, meus senhores?

Pasmados de ouvir falar a sua lingua natal, respondem :

— Se é christão, em nome de todos os santos, soccorra-nos. Chamo-me o visconde de Asseca e pertenco á casa de Sousa. O meu camarada e eu fazemos parte do corpo commandado pelo Marquez de Alorna, reunido ao exercito francez. Um bando de cossacos surprehendeu-nos ante-hontem n'esta estalagem, onde procuravamos aquecer-nos. Roubaram-nos os nossos uniformes e as nossas botas. Não comemos nem bebemos ha já vinte e quatro horas. O patife do judeu declarou-nos que não possue nada nem para elle mesmo.

Depois de uma pausa o mesmo official continuou :

— Enquanto os cossacos nos despiam, conseguí esconder no fogão uma bolsa com dinheiro, que nos permittiria viver se pudessemos sair d'este maldito antro. Toda a nossa esperanza reside no senhor, a quem como official e como christão imploramos que nos auxilie. Salve-nos!

Rochechouard, recordando-se da boa hospitalidade que o acolhera em Portugal em 1801 e 1802, respondeu-lhes :

— Farei o possivel.

O mais urgente era a acquisição de duas peliças. Chama o judeu, mostra-lhe uma nota de cem rublos e exige-lhe trez shubi (pelliças em russo).

— Nem pelo triplo lhe arranjará uma só, — replica o usurario.

Rochechouard, homem expedito, arrepara as barbas do correligionario de Moysés, e explica-lhe :

— Vaes dar-me a que trazes em cima de ti e se não trataes de obter as outras não terás d'aqui a cinco minutos um pello na cara.

Afim de que o hebraico estalajadeiro não supponha que a ameaça estaciona áquem da vulgar rhetorica dos militares, dá-lhe tal empuxão que o avarento berra afflicto. Apparecem immediatamente a mulher e a filha que cedem as suas pellicas e ainda outra. Os portuguezes obteem cada um a sua e ainda outra o creado do conde. Rochechouard pagara mais setenta rublos do que o preço ordinario, o que devia ter attenuado um pouco o soffrimento do Harpagão. Este, satisfeito, não só por não ser roubado, mas ainda por ter realizado um bom negocio, offerece aos quatro homens outros tantos copos de aguardente, rogando-lhes, no entanto, encarecidamente, que não propalem tal rasgo de munificencia, pois ariscava-se a que lhe roubassem quanto monopolizava com avareza.

O creado de Rochechouard brinda os officiaes portuguezes com um par de botas, que apprehendera no Beresina, e do qual se aproveita o que alternadamente tem de andar a pé, ao passo que o outro gosa do conforto do trenó. Os dois ficam em Wilna. Ahi o dinheiro da bolsa sonogada aos cossacos salvaguarda-os de incommodos de maior.

Um dia, na vivenda de Rochechouard, em S. Petersburgo, o creado annuncia a visita do visconde de Asseca. O ajudante de campo do tzar a custo descobre no aristocrata esvelto e luxuosamente vestido que se apresenta na sua frente o andrajoso mendigo de ha dois mezes. O fidalgo portuguez agradece grata e calorosamente os beneficios dispensados e esclarece que em Wilna um general moscovita, das suas relações, o auctorizara a dirigir-se para a capital da Russia e ahi aguardar a sua liberdade como prisioneiro de guerra. Rochechouard ainda se tornou a avistar com o nobre luzitano em Paris, em 1816. O visconde de Asseca desempenha n'essa quadra as funcções de ministro do reino no Brazil e achava-se ali de visita. Nunca se apurou ao certo se na realidade desertara como informa Garcez.

A 5 de dezembro, depois de ter dictado o seu vigesimo nono boletim, que espanta toda a França, Napoleão separa-se do exercito em Smorgoni e encaminha-se para Paris. A partida do imperador produz um effeito immenso no espirito das tropas. O commando dos tristes e desorganizados restos do que fôra columnas aguerridas e disciplinadas é confiado a Murat. Está tudo embaralhado e insubordinado. Os marechaes brigam uns com os outros. Todas as manhans jazem milhares de mortos em cada bivaque. A 6 de dezembro a intensidade do frio augmenta de forma mortifera. A temperatura desce a perto de trinta

graus. A divisão franceza Gratien, constituida por doze mil recrutas, que sahira de Wilna para se juntar aos que retiravam, passando brusca-mente do ambiente tópedo dos quartéis para os bivaques ao ar frio, perde a quasi totalidade do seu effectivo em quarenta e oito horas. Duzentos soldados de cavallaria, napolitanos, da Guarda do rei Murat, morrem *todos*.

Quem pode deserta. A maioria encontra a morte ou na inexorabilidade do frio ou na hosti-lidade systematica dos russos, principalmente dos cossacos. As forças moseovitas limitam-se a se-guir os francezes, quando lhes é facilimo passar-lhes adiante, aprisioná-los e destruí-los. Não procederam assim porque o gelo os impossibilita de realizar tal plano, embora estejam na sua terra e habituados a tão aspero clima. Os pola-cos, não obstante a sua alliança com os fran-cezes, disfarçam-se em cossacos e matam e saqueiam o que lhes apparece ao alcance. O ge-neral Maison toma medidas energicas, a sua policia captura cincoenta em flagrante delicto e são fuzilados, só n'um dia, esses cincoenta. Ha officiaes que propositadamente se deitam, de noite, sobre a neve para morrer. Outros, de to-das as graduações, fazem saltar os miolos.

Poucos dias antes dos fugitivos entrarem em Wilna enferma de gravidade o marquez de Loulé. Salva-o a dedicação de um servo seu, polaco, que lhe obtem um trenó, dentro do qual pode

fazer o percurso acompanhado pelo cirurgião mór Dr. Fernando Fino. Demora-se, o pouco que resta dos nossos, o dia 9 de dezembro em Wilna. Mortier ordena que a marcha prosiga no dia seguinte 10. N'essa noite os cossacos tiroteiam às portas da capital da Lithuania. Os francezes supõem que se trata de todo o exercito de Kutusoff e fogem precipitadamente. Murat é d'este numero. Só Ney organiza a retirada.

Nos hospitaes de Wilna agglomeram-se mais de vinte mil doentes e feridos. Occorrem nas suas enfermarias verdadeiras atrocidades. Os enfermos succumbem aos milhares, de fome, de frio, de desleixo, de absoluta carencia de soccorros. Um rapaz riquissimo, official do 28 de dragões, expira de inanição. Gelam-se-lhes os pés. Roubam-lhe todo o dinheiro. No delirio que precede a morte, o desditoso a agonizar, grita, julgando-se na casa paterna:

—Meu pae, chego da Russia, morro de fome.

Os mortos e os moribundos são atirados pelas janellas logo que os francezes sahem da cidade. O general Lenormant é arremessado para um pateo com outros cadaveres. Succede o mesmo aos generaes Lefebvre, conde de Dantzic, filho do marechal do mesmo appellido e da conhecida *Madame Sans Gêne*, ao barão de Dornés, etc., etc. O espectaculo horroriza tanto os officiaes russos da guarda-avançada, tanto se indignam com a visão dos judeus lançarem da janella

abaixo, completamente nus, os francezes recolhidos em sua casa, que matam alguns.

A poucas verstas de Wilna encontra o troço dos portuguezes o general Pamplona e os majores Castro e Blanc, do 3 de infantaria, o mesmo que desaparecera no Beresina. O marechal Ney, com receio de que o thesouro caia nas mãos do inimigo permite aos soldados que tirem dos cofres o seu recheio. A 12 entram os nossos em Kowno, ultima cidade russa da fronteira. Ahi fallecem bastantes soldados portuguezes victimados pela excessiva ingestão de aguardente. Ahi aprisiona o inimigo o major Blanc, que lá expira. No combate de 5 de dezembro, em Imorgony, perece o alferes Ferreira, e são feridos o major de cavallaria Mello, tenentes Saldanha, Lima, Mesquita e Galvão. Nos combates de 8 e 10 de dezembro, em frente de Wilna, morre o tenente Fallé e recebem ferimentos os alferes Cunha, Pereira e Fallé. A 13 de dezembro avista-se o rio Niemen e a 14 atravessam-n'o os portuguezes. Estavam fora da Russia. Que estupendo contraste offerecia o miseravel e reduzido bando de agora, fugido aos russos, com o brilhante e numeroso exercito que cinco mezes antes impellia as forças moseovitas deante de si!

Apesar dos invasores pisarem já territorio prussiano as columnas do tzar não cessam a perseguição.

O estado maior refugia-se em Koenigsberg. A

19 o capitão Garcez, por ordem de Mortier, junta-se ás frações da nossa cavallaria acantonada n'essa cidade da Prussia, e procede a reconhecimentos em diversas direcções. Communica que descortinara avançadas russas, no quartel-general de Murat, onde acha o marquez de Loulé, que se apresentara com as poucas praças do seu regimento. Ainda em varias escaramuças são feridos a 25 de dezembro o capitão Silveira e a 29 o alferes Janeiro.

A 2 de Janeiro de 1813, após uma doença não muito demorada, entrega a alma a Deus em Koenigsberg o marquez de Alorna, como onze annos antes, a 30 de junho de 1802, ali se finara o almirante D. Domingos, setimo marquez de Niza, quando regressava da sua embaixada em S. Petersburgo. Presencia os funeraes do seu camarada o general Gomes Freire ainda combalido da enfermidade provocada por tantas vicissitudes e miseriás. Não tarda a acompanhar á sepultura o marquez de Alorna, seu sobrinho D. José de Noronha (Tancos), rapaz de genio jovial, mas de compleixão debil, que solta o ultimo suspiro em Ebling, depois de ter vindo já doente de Brademburgo.

Os sobreviventes da Legião marcham pelo caminho da Allemanha, onde tornam a encontrar-se com o marquez de Loulé em Dantzig. N'esta cidade enferma gravemente Garcez. Restabelece-se tempo depois, graças aos desvelos do seu

coronel e bizarra hospitalidade de um banqueiro allemão.

Os habitantes da Prussia acolhem com humanidade as fraeções de maltrapilhos que cruzam os seus povoados. Os nossos, que ainda sustentam combates a 9 de janeiro de 1813, em que é ferido o tenente Faria, e a 15, em que tambem é ferido e se extravia o alferes Vinhas, entram a 25 em Berlim, permanecem na capital até 5 de fevereiro por desejos de Gomes Freire, que timbra em festejar o dia dos seus annos com os seus companheiros de armas.

Dispensa-se a Legião portugueza. O marquez de Loulé, a despeito de um ataque de rheumatismo agudo, reúne-se a 5 de fevereiro, em Bruns- wick aos restos da nossa cavallaria. Em Fran- cfort Theotónio Banha recebe a grata noticia da sua promoção a alferes, enviada por Gomes Freire, que lhe participa igualmente que o pro- poz para seu official às ordens. Dos nossos qua- tro regimentos de infantaria que invadem a Rus- sia, com cerca de cinco mil homens, só regres- sam a França cem. Duzentos tratam-se ou mor- rem nos hospitaes da Russia e da Allemanha. Só permanecem uns quatrocentos e cincôenta, nos depositos, por incapacidade physica. Eis o saldo de nove mil portuguezes a que se tinham addi- cionado quatorze mil prisioneiros hespanhoes.

Em janeiro de 1813 Napoleão reclama escla- recimentos acerca dos soldados lusitanos. A 18

de fevereiro ordena que se forme um batalhão de deposito com os que existem, e desiste de recrutar mais compatriotas nossos, embora na carta de 27, endereçada ao ministro da guerra, declare: « Nunca tive motivo de queixar-me dos portuguezes que tenho. »

N'um memorial datado de 17 de abril, Candido José Xavier solicita do ministerio da guerra francez a patente de coronel. O capitão José Garcez Pinto de Madureira commanda nma columna da nossa cavallaria. Gomes Freire, de quem o general Clarke escrevia em 1810:—«... é o mais firme e o mais habil dos generaes portuguezes, e aquelle cuja bravura e talento são mais notaveis. Devemos ligá-lo a nós. Desprezado seria talvez perigoso.», — estaciona em Francfort em abril de 1813 e de lá vae para Lutzen, onde assiste á disputada batalha, na qual percee o marechal Bessières, querido dos portuguezes, e em que a escassez da cavallaria não permite a Napoleão inflingir um revez decisivo aos exercitos dos alliados.

Gomes Freire segue para Dresde, onde se demora até 18 de maio, com o seu estado maior. O imperador confia-lhe o governo de Iena. Á frente de uma guarnição de trezentos homens de infantaria e cem de cavallaria mantem-se ali como se commandasse um exercito até se pactuar, a 5 de junho, o armisticio de Hlessitz. Tão fundamentada confiança merece ao imperador, que

elle lhe outorga o commando supremo de Dresden, para onde marcha a 21 de junho. Assume o governo da capital da Saxonia, no mesmo dia em que ali entra, 2 de julho, cargo em que o investe o general Douronel, ajudante de campo de Napoleão.

Dresde

A conspiração Malet.—Odio entranhado. — Projecto audacioso. — Realização.—Resposta verdadeira.—Família predestinada.—Lutzow e Colomb.—Hostilidade latente. — Heroes authenticos. — Serviço extenuante. — Salvo por milagre.—Deserções.—Previsão de catastrophe.—Prolegómenos de batalha. — Coalisção formidavel.—O eixo das manobras.—A obra de Gomes Freire.—Aparição theatral. — Reforços opportunos. — O ponto vulneravel. — Desordem. — Retirada.—Castigo merecido. — Derrocada. — Defecções e magnanimidade.—As faculdades de Gomes Freire. — O combate do reducto. — Conselho de guerra. — Capitulação.—Condições honrosas.—Odio e violação.—Gomes Freire prisioneiro.—O seu regresso a França.

Que razões imperiosas obrigaram Napoleão I a abandonar o exercito da Russia em situação tão precaria? Muitas. Mas a principal, a mais instante foi a conspiração Malet.

É a 6 de novembro de 1812, em que a neve começa a cair com abundancia e cobre a terra de uma camada espessa, em Mikhailewska, na estrada entre Dorogobrije e Smolensko, que Napoleão conhece a conspiração Malet. Traz-lhe a extraordinaria noticia um estafeta, o -primeiro que o exercito francez em retirada, encontra ha dez dias. O rosto do imperador não revela nada do que agita a sua alma. Os que o observam de longe não podem lêr nenhuma revelação nas suas feições. Contenta-se em dizer a Daru, intendente geral:

— E se temos ficado em Moscovia?

Quem era Malet e o que praticara que tanta e tão profunda impressão causara no espirito superior de Napoleão?

Claudio Francisco Malet iniciara a sua carreira militar como mosqueteiro. Apenas rebentou a Revolução adoptara os seus principios com convicção e ardor. Á' medida que o movimento revolucionario se desenvolvia assumira o commando da Guarda Nacional de Dôle, desempenhara os postos de major nos exercitos do Rheno e de Italia e recebera os bordados de general de brigada em 1799. Sentindo um entranhado odio por Bonaparte, filiou-se na sociedade dos Philadelphos, patenteou-se sempre hostile ao Consulado e não quiz nunca pactuar com o imperio, apesar de todos os esforços de Napoleão.

Desde o acto do estabelecimento das institui-

ções imperiaes que se consagrou a minar e fazer ruir o regimen. Incompatibilizara-se com o chefe do Estado. Não lhe regateava as mais asperas censuras. Tomou parte n'uma primeira conjura em 1808. Como succede na maioria dos casos, denunciaram-n'o. Napoleão, que sabia ser indulgente, umas vezes por indole, outras por conveniencia dos seus interesses politicos, em logar de o mandar fuzilar, enviou-o, detido, para a Force, á espera da primeira amnistia.

É ahi que concebe e amadurece un plano de audacia rara. Apesar das dedicações fervorosas do exercito pelo imperador, projecta apoderar-se das forças militares de Paris e mudar por este meio a forma de governo. Para o conseguir solicita e obtem a sua transferencia para uma casa de saude. Aproveita a ausencia de Napoleão, então na Russia como o leitor sabe, e, na noite de 22 de outubro de 1812, tendo por cúmplice o abbade Lafon, realista, põe ousadamente o trama delineado em acção, principiando por se evadir do estabelecimento onde estava internado.

A 26, acompanhado pelo cabo Rateau, munido de ordens falsificadas, consegue persuadir os coronéis Rabbe e Soulier, chefes de duas guarnições importantes, de que Napoleão morrera em territorio moscovita e que um governo provisório lhe confiara o commando superior de Paris. Obtem egualmente substituir o duque de Rovigo e o barão Pasquier, ministro e prefeito da poli-

cia, pelos generaes Guidal e Sahoric, prêsos na Force, mas soltos por sua ordem. Tudo isto se realiza n'uma noite com um atrevimento inacreditavel e uma felicidade inaudita.

Não dura muito a victoria.

Na manhan seguinte um sargento reconhece o general Malet e não hesita. Prende o chefe da conjura com os que o acompanham, de boa fé, a quem toma por cúmplices, e encerra todos na Abbadia. O pasmo é geral. Sobrevem uma réacção formidavel. Instaura-se um processo rapido. Decorridos trez dias, a 29, o general Malet é fuzilado com quatorze dos conniventes da sua rematada loucura. Ficou celebre na historia das conspirações a resposta dada por Malet ao presidente do tribunal, quando este lhe perguntou quaes eram os seus cúmplices.

— Os meus cúmplices? — respondeu-lhe — A França inteira, e o proprio senhor presidente, se eu triumphasse.

Vencido Napoleão 1, na Russia, não tardaram as potencias, oprimidas por elle, a diligenciar sacudir a goliha de baionetas com que as jungia. Effectua-se então a denominada campanha de 1813. Produz-se uma enorme reacção. A Russia, a Prussia, a Austria e uma parte da Allemanha levantam-se contra o imperador dos francezes. Para se fazer idéa da acuidade da aversão, principalmente dos prussianos, basta ler as memorias de Fernando Augusto Jeter von Colomb,

hollandez de origem, mas que morreu commandante de um corpo de exercito, na Prussia, em 1854. Os caçadores negros de Lutzow e os cavalleiros vermelhos e brancos de Colomb incommodaram seriamente os generaes de Napoleão com a sua offensiva de guerrilhas. Ambas as cabeças são postas a preço.

A temeridade de Colomb merece especial registo. Dispõe de menos de cem homens, mas tenta uma vez capturar o velho rei da Saxonia fiel a Napoleão, outra aprisionar o principe Eugenio. De uma occasião, entre Chemnitz e Zwickau, ataca um comboio de artilharia, que parte de Augsburg em direcção de Bayreuth, escoltado por trezentos homens; toma-lhe sete peças e destruc uma porção de viaturas. As suas perdas, durante um anno de guerra, são apenas de um official, um medico e quatro praças. Convem acerescentar que ali como em Portugal, do Vistula ao Rheno, cada pedra, cada feixe de erva, cada esteva prestavam ajuda aos guerrilheiros. Os camponezes da Silesia, da Saxonia ou da Thuringia tinham uma divida de honra a pagar. Os soldados saxonios, bàvaros, badenses ao serviço de Napoleão entregavam-se aos seus compatriotas sem um vislumbre de resistencia. Assim se explica como as victorias de Lutzen e de Bautzen redundaram em completa esterilidade para o imperador, a despeito da intrépida conducta da Nova Guarda, constituída por moços de qua-

torze e quinze annos, o que levou Ney a exclamar:

— São authenticos heroes estas ereanças!

Voltemos a Gomes Freire.

O serviço em Dresde torna-se de uma exigencia extenuante. O general portuguez só dorme duas ou tres horas durante as vinte e quatro e nunca se despe. Para o alliviar um pouco, requisita para seu chefe de estado-maior o major Achilles, antigo ajudante do marquez de Alorna, e para primeiro ajudante de campo o capitão de cavallaria Luiz Mendes de Vasconcellos, que só mais tarde se apresentam em Dresde.

Napoleão experimenta o desgosto de perder em Bautzen os generaes Bruyère, Kirgener, cunhado de Lannes, e o seu mais antigo e melhor amigo, grande marechal do palacio, marechal Duroc. Uma unica bala victimara os dois ultimos.

N'esta quadra ocorre um incidente tragi-comico, no castello de Herzogwaldau, muito commentado no exercito francez. Um soldado do 23 de caçadores, Tantze, embriaga-se e ameaça um official que o manda metter no calabouço. O conselho de guerra condemna-o á morte e a sentença é ratificada. O pelotão de execução, commandado pelo brigadas Boivin, homem corajoso, mas pouco intelligente, encontra o condemnado completamente nú a pretexto de que fazia um calor insupportavel. Em vez de o obrigar a vestir, en-



111. Na entrada do palácio da Corte, Braziliada e família se apresentaram a 14 de Junho
aos officiaes da Guarda Nacional.

volve-o n'um capote e partem. Chegada a escolta à ponte levadiça do castello, o sentencado atira com o capote à câra dos camaradas, lança-se aos fossos cobertos de agua, mette-se pelo campo e atravessa para o lado de lá do Oder, onde foge para o inimigo.

Não devia ser essa a unica deserção. Outras se verificaram e bem mais importantes: a do general Moreau, inimigo irreconciliavel de Napoleão e que veio de proposito da America, onde se refugiara, para commandar os exercitos colligados contra o imperador; a do general de origem suissa, Jomini, chefe de estado maior de Ney, que passou a fazer parte da comitiva do tzar Alexandre I; a dos dois generaes saxonios Thielmann e Langreneau, que se bandearam com aquelles a quem tinham por missão combater.

A denominada festa do imperador celebrava-se a. 15 de agosto. Napoleão ordena a sua antecipaçãõ, em consequencia do armisticio terminar a 10. Effectuaram-se os regosijos publicos do S. Napoleão. Foi a *ultima vez* que o exercito solemnizou o anniversario natalicio do seu prestigioso chefe. Não primou pelo entusiasmo. A maioria da officialidade previa uma catástrophe. Não só o imperador [perdera uma parte da sua auréola com a retirada da Russia, mas ainda o exercito que occupava a Allemanha, formado de elementos heterogeneos, trezentos e vinte mil homens em frente dos oitocentos mil dos alliados,

era mais para mostrar e fazer a paz que para guerrear.

Napolcão entra em Dresde a 5 de agosto onde breve se lhe vae juntar o rei da Saxonia, que se refugiara em Praga quando os russos e os prussianos tinham invadido a sua capital. A 10 as forças ali aquarteladas marcham a reunir-se ao exercito e Gomes Freire permanece na cidade apenas com trez mil homens. A 21 surgem as primeiras columnas inimigas e postam-se nas cercanias. A população sobressalta-se. O governador portuguez prepara-se para se defender até à ultima. O imperador, porém, que adivinha as intenções dos adversarios previne Gomes Freire do seu proximo regresso. Na manhan de 23 as tropas avançadas concentram-se a um quarto de legua das fortificações. Ney acerca-se a 25 com algumas divisões e unidades da Guarda. A 26 apparece Napolcão que modifica as disposições tomadas pelos seus.

Esta coalisção de 1813 assume proporções de esmagamento completo. Pelo menos os colligados alimentam essa esperanza. Contra um exercito de noventa mil francezes — os que se entileiram em volta de Dresde, — marcham: o exercito do norte, ás ordens de Bernardotte, já principe real da Suecia, com cento e dez mil russos, prussianos e succos; o da Silesia, commandado por Blücher, constituido por cento e trinta mil russos e prussianos; o da Boheímia, sob o commando do

principe Schwarzenberg composto de cento e oito mil austriacos, russos e prussianos.

Dresde torna-se o eixo das manobras de Napoleão. Trez corpos de exercito, commandados por Oudinot, defrontam-se com Bernardotte; trez outros ás ordens de Ney, com Blücher; um outro, o de Gouvion de Saint-Cyr, vigia os montes da Bohemia. O fogoso Blücher estaca primeiro e obriga Ney a executar um movimento de recuo. Napoleão acode e derrota Blücher em Goldberg, mas não pode ir mais adeante pois sabe que Schwarzenberg marcha sobre a Saxonia, onde só um corpo se lhe pode oppôr.

Dresde occupa o centro da circumferencia em que se desenvolvem as tropas francezas, unico ponto da passagem do Elba. Adquire para Napoleão uma importancia vital. Gomes Freire puzera-a ao abrigo de qualquer surpresa. Uma primeira linha de trincheiras corre pelo parque e pelas hortas e jardins que se estendem até o rio; a segunda prolonga-se pela orla da circumvalação e reforçam-n'a varios reductos; a ultima, mediocre, abrange toda a cidade. A 25, no mesmo dia da chegada de Ney, descobrem os defensores as columnas de Schwarzenberg, com um effectivo de cento e cinco mil homens. N'esse momento os francezes a custo lhe podem oppôr vinte mil.

Não se pode offerecer melhor occasião. O general austriaco não a aproveita. Não quer ata-

car sem que o reforçe um dos seus corpos, o de Klexau. Assim decorre essa noite e o dia de 26 até as quatro da tarde. A essa hora Schwarzenberg, cansado de esperar, ordena a accommettida. Os alliados, divididos em seis columnas, precedidas de numerosas baterias, trezentas peças, convergem sobre a cidade. A fraca linha franceza esmagada pelas balas, não se sustenta em parte nenhuma. O parque é tomado quasi ao primeiro arranco. A linha dos reductos offerece uma resistencia um pouco mais demorada, mas cede egualmente. Só resta um ultimo obstaculo a vencer: o recinto da cidade. Superado este, Dresde pertence aos alliados. Napoleão tem a retirada cortada, a campanha acaba. São vinte annos de derrotas e de humilhações vingadas n'um dia em virtude de um triumpho brilhante. Os colligados comprehendem isso. Cheios de alegria, formam-se para a investida suprema contra a porta de Plauen, gritando:

— A Paris! A Paris!

De subito a porta abre-se e mostram-se as barretinas dos caçadores a pé da Velha Guarda, de fileiras unidas, de armas perfiladas, immoveis. O general Gros, que os commanda, desembainha a espada. No meio do silencio que acolhe esta apparição ergue-se um grito:

— Viva o imperador!

E o bravo regimento com o seu commandante de brigada à frente, general Cambronne,

arranca sobre o inimigo que recua atemorizado. Os veteranos precipitam-se contra os adversarios por todas as sahidas. Ao longo do Elba, Ney carrega à frente das duas divisões da Guarda. O combate muda de face em toda a linha. Os alliados fluctuam e retrogradam. Defendem mal os reductos ha pouco conquistados. Quando desce a noite tinham perdido todo o terreno adquirido.

A Guarda, com o imperador, observa no centro da cidade a successão dos acontecimentos. Durante a noite, Napoleão recebe reforços importantes: os corpos de exercito de Marmont, de Victor, a cavallaria de Latour-Maubourg e Nansouty. Envia rapidamente estas nidades para o campo de batalha, onde bivacam debaixo de uma chuva torrencial.

O exercito de Schwarzenberg descreve um semi-circulo nas alturas que dominam Dresde. Napoleão monta a cavallo ao romper do dia e percorre as posições. Descobre sem demora, relata Reginald Kann, o ponto fraco da linha inimiga que o profundo barranco de Welsersitz corta em dois. No sector formado por esta ribeira e o curso inferior do Elba os corpos austriacos não tinham podido levar a sua esquerda até o rio. Ficava como no ar. O imperador manda atacar essa parte das forças contrarias pela infantaria de Victor, ao passo que o grosso da cavallaria de Latour-Maubourg, guiada por Murat, deve

acommetter o flanco direito, que ninguem protege. Na parte oriental do campo de batalha Marmont mantem-se á direita; Gouvion Saint-Cyr occupa o centro; a Nova Guarda a esquerda, apoiada no Elba e sustentada pelos esquadros de Nansouty. A Velha Guarda forma a reserva.

A batalha decide-se quasi logo para além de Welsertitz. Murat carrega com a sua impetuosidade habitual, encrava-se na divisão Metzko e no corpo de Giulay, que reflue sobre a aldeia de Plauen, mas já a infantaria de Victor se apodera d'este ponto e corta a retirada dos fugitivos. Ao meio dia, toda a esquerda dos alliados se dispersa na mais terrivel desordem.

No terreno da acção principal, os francezes não tardam a mostrar a sua superioridade. Napoleão manda bombardear toda a frente do inimigo. Troam unisonamente seiscentos canhões. Em seguida a infantaria ataca. Na esquerda franceza, as quatro divisões da Nova Guarda, entusiasmada por Ney, recalcam vivamente o corpo de Wittgenstein que lhes disputa o passo. No centro os progressos são menos rapidos até o momento em que a destruição da esquerda austriaca descobre, na direcção de Plauen, a linha de Schwarzenberg. Ás quatro horas, o general em chefe austriaco, vendo-se contornado por toda a parte, ordena a retirada, que se effectua com difficuldade pelas estradas de Dippoldiswalde e de Claashutte, as unicas livres.

No dia seguinte Napoleão, acommettido por crises violentas, vê-se obrigado a regressar a Dresde. A perseguição torna-se molle. Os marechaes não coordenam os seus movimentos. O tzar da Russia e o rei da Prussia contemplam o revez das suas tropas. É junto d'estes dois soberanos que Moreau, antigo general da França, arvorado em conselheiro e mentor do estado maior dos inimigos da sua patria, recebe um ferimento grave. Uma bala parte um dos joelhos do celebre transfuga, atravessa o ventre do cavallo e despedaça a outra perna. Morre poucos dias depois em resultado da amputação soffrida.

Sobrevem a derrocada. Oudinot perde a batalha de Gross-Beeren, Macdonald a de Katzbach, Vandamme a de Kulm, o marcehal Ney deixa-se bater em Julterbach pelo seu compatriota Bernardotte. O imperador sae de Dresde com o rei da Saxonia a 1 de outubro. Guarnecem a cidade vinte mil homens de infantaria, quatro mil de cavallaria e duzentas peças. Na batalha de Leipzig, chamada *das nações*, o rei de Wurtemberg previne lealmente Napoleão que «a Allemanha em pêso, a instigações dos inglezes, se vae levantar contra elle.» Durante trez dias, 16, 17 e 18 de outubro de 1813, os francezes combatem sem descanso contra representantes de todos os exereitos da Europa. São cento e eincoenta mil francezes, quasi todos recrutas, a supportar o combate de trezentos e cincoenta mil colliga-

dos, saturados de odio contra as tropas de Napoleão. No mais renhido da lucta toda a cavallaria e toda a infantaria saxonia, um corpo de exercito completo, deserta para o lado dos russos, declarando eynicamente o seu general: «que depois de ter queimado metade das suas munições a favor dos francezes, ia empregar o resto contra elles.» O vacuo, ao centro, que a deffecção determina, enche-o a bravura das forças napoleonicas. Imitam o exemplo dos saxonios os wurtemberguezes e os bávaros do commando do general Wrede. O recuo impõem-se. Ha uma maneira de retirar com segurança e salvar o exercito francez — é incendiar Leipzig. O imperador, por magnanimidade e por contemplação para com o seu alliado o rei da Saxonia, que permanecera fiel ante o aleivoso procedimento das suas tropas, não consente. As perdas soffridas attingem cifras importantes. O glorioso vencido de-tem-se em Franefort.

Principiam os embaraços para Gomes Freire. O governador portuguez e Douronel contéem em Dresde os manejos dos partidarios da colligação, que começam por deitar fogo aos vastos depositos de forragens ali amontoadas. Saint-Cyr, commandante do corpo de exercito incumbido da defesa da capital da Saxonia, escasso de abastecimentos e de cartuchame, prevendo a immimente capitulação e querendo torná-la o mais honrosa possivel, melhora sem cessar as fortificações

e effectua sortidas que molestam os alliados. Gomes Freire multiplica-se. A 3 de novembro os russos iniciam um investimento em forma. A divisão Tolstoi assalta o reducto que protege a porta Naszem. Os moscovitas, momentaneamente senhores d'ella, a um ataque vigoroso, pela gola, ordenado por Saint-Cyr, saltam pelas canhoneiras e parapeitos. As suas baixas são de dois mil quinhentos e sessenta mortos. Ás onze da noite termina a peleja, os assaltantes retrocedem até os seus anteriores postos e solicitam uma tregua para sepultar os que succumbiram.

A 7 de dezembro, ás dez da manhã, celebra-se um conselho de guerra, na moradia do marechal Saint-Cyr. Comparecem os generaes condes de Lobau, Douronel, de Bonet, Dumas, Gomes Freire, Baltus, Marion, Dumanceau, Claparède e Berthezene. A 12 publica-se a capitulação. Assignam o brioso documento Gouvion Saint-Cyr e os generaes russo e austriaco. Convenciona-se ali que os sitiados não tornarão a pegar em armas, até à permuta do mesmo numero de prisioneiros dos colligados. A guarnição deve marchar em escalões regulamentares até Strasburgo. Todos os officiaes conservam as suas armas, bagagens e cavallos. Aos batalhões da Guarda imperial concede-se-lhes as suas armas e bagagens, marchando, ao sahir, metade na vanguarda, metade na cauda da derradeira columna, acompanhados de meio parque de artilharia do arsenal de Paris, ladeada

das respectivas guarnições, com munições e de morrões accezos. Com relação às outras tropas estipula-se que entreguem os cavallos e deponham as armas na esplanada á medida que transpõem a porta da cidadella.

A 13 parte a primeira columna. A 18 a ultima, ás ordens de Gomes Freire, distincção que muito ufana até o seu triste fim o desditoso general portuguez. A má fé e o odio dos alliados não respeitam o estatuido na capitulação. Quando a guarnição de Dresde atravessa a Bohemia, apriõnam-n'a ali toda. Só a paz de 1814 permite a Gomes Freire, internado na Hungria, que regresses á França n'aquelle anno.

XI

A cavallaria portugueza

A sua sorte. — Vestigios da historia de Portugal. — Em Lutzen. — Transformação. — Duas situações bem differentes. — Calumnias em Portugal. — Desconfianças de Napoleão. — Conversações. — Metamorphose. — Boa apparencia . . . — Labuta incessante. — Commando de responsabilidade. — Em Rudolstadt. — Resolução acertada. — Numa roda viva. — Encontro em Lindenau. — De escolta a Napoleão. — Baixas importantes. — Offerta tentadora. — Amor da patria. — A caminho de Metz — Dissolução da Legião portugueza. — Batalhões de pioneiros. — Protestos. — O major general Cathelin. — Ultimas operações. — Napoleão e Garcez. — Desanda a roda da Fortuna. — Cansaço e ingratitude. — Superstições. — M.^{me} de Stael e Napoleão. — Madrigal negativo. — Nobre arrependimento. — O «mair» de Beaurieux. — O «paizano» do imperador.

Loulé e a cavallaria portugueza descansam o mez de março de 1813 em Brunswich. Pagam-lhes ali os vencimentos em atrazo. Vestem-n'os

e equipam-n'os. A Garcez enviam-n'os a fazer remonta ao Hanover. Na jornada, proximo de Munden, visita o solar do conde de Lippe, muito tempo commandante do exercito de Portugal. Conversa ahi com alguns servos, descendentes dos que o antigo general levara consigo, e que ainda falam portuguez. Mostram-lhe n'uma dependencia da moradia principesca, as seis peças de artilharia de ouro com que D. José e o marquez de Pombal recompensaram os excellentes serviços do principe allemão.

Na batalha de Lutzen um esquadrão da nossa cavallaria carrega sobre os atiradores russos e desempenha varias commissões de reconhecimento e exploração.

A José Garcez, promovido a chefe de esquadrão, incumbem-n'os durante o armisticio de se dirigir ao deposito de Grenoble, sédo da infantaria e á qual se reunira a cavallaria, sem montadas, de Gray; de ahi juntar o resto dos infantes existentes, uns cem homens, ensinar-lhes os rudimentos da equitação e do manejo de armas a cavallo e nomear para os commandar os officiaes e sargentos da arma, disponiveis. Garcez esbarra com serios estorvos para realizar a transformação. Emfim, como quem quer pode, aproveita todos os ensejos durante o itinerario para os instruir. Em se lhe deparando alguma planicie logo os antigos infantes trotam, galopam, carregam,

effectuam conversões, isto intercallado com as inevitaveis quedas.

A 4 de julho de 1813 repousam em Lyon, a 10 aboletam-se n'uma villa sita a beira do Saône. Ahi encontra Garcez um militar que, pelo talhe do uniforme coçadissimo, lhe desperta a curiosidade. Acerca-se e interpella-o. É um compatriota, o capitão Magalhães, de infantaria 16, prisioneiro de guerra, munido de guia de marcha para Nancy. Trocam impressões. Queixa-se-lhe o camarada que desde Bayona não lhe satisfazem o minguido soldo e que de terra em terra aportara ahi n'aquella miseria. Garcez impressiona-se com a desventura do conterraneo, convida-o para jantar e declara-lhe que jornadearão de companhia. Terminado o repasto Garcez obtem que a auctoridade militar franceza salde o debito do pobre official.

O capitão relata-lhe n'esse momento que os officiaes e praças da Legião portugueza são mal-sinados em Portugal, e que, para concitar ainda mais a animosidade contra a França, se espalhara que ali os tratavam como prisioneiros, sem nenhuma especie de consideração e quasi mortos de fome. A quasi totalidade estava convencida d'essa calumnia. Concluiu por expôr que se os demais prisioneiros fossem informados do amparo que lhes podiam dispensar os patricios da Legião solicitariam a sua transferencia para junto d'elles.

Garcez refuta este argumento esclarecendo

que o imperador se oppõe terminantemente a tal aspiração. Ordenando o recrutamento de soldados d'outros depositos de prisioneiros para os alistar na nossa Legião recommendou que não entrasse n'esse numero, nem um só dos trez mil portuguezes agglomerados em Toulon e aprisionados durante a guerra Peninsular.

Quando o capitão Magalhães pergunta o motivo, Gareez esclarece que se fundamenta em que os militares da Legião já se tinham habituado a considerar a França uma segunda patria, esquecendo-se n'uma certa proporção da antiga, e que os compatriotas lhe suggeririam idéas, lembranças, saudades que os incitassem a desertar. Napoleão tornara-se desconfiado desde as successivas defeções praticadas pelos saxonios, wurtemberguezes e bávaros.

Assim discretando, ouvindo e fazendo a narrativa dos acontecimentos em Portugal e dos factos essenciaes da campanha n'esse paiz e em Hespanha, entram em Chalons-sur-Saône, onde Gareez reparte os alojamentos, determina as horas da instrução, etc. Cumpridos os deveres do seu posto, acompanha o camarada e compatriota aos estabelecimentos do algibebe, do sapateiro, e ainda que se vista de novo e com decencia. No regresso ao quartel a transformação é completa. Homem ainda novo, o capitão Magalhães não se demora em tornar-se attraente, como bom portuguez que é, ás damas com quem convive.

Seguindo o itinerario marcado chegam a Neufchateau a 22 e a 25 a Nancy. Installada a columna, Garcez apresenta-se ao general Legrand e solicita auctorização para fazer o mesmo ao seu companheiro de jornada, o que o chefe francez concede de prompto e leva a sua amabilidade a convidar ambos para jantar. A rainha Izabel de Inglaterra, entendida em preceitos de galantaria, estabeleceu como praxe que «boa appárencia é meia apresentação». O aspecto galhardo e elegante do capitão Magalhães seduz a familia do general. Todos se interessam por elle. A esposa do caudilho empenha-se com o marido para que o moço prisioneiro permaneça em Nancy, onde, sob tão valiosa égide, as agruras da sua situação se attenuem na medida do possivel. Tanto mais que se offerece como mantenedor do seu cavalcirismo um official dedicado ao imperio e de larga folha de serviços prestados á França.

Garcez depois de assim patentear os sentimentos da sua boa camaradagem prosegue na marcha. A 30 está em Sarrebruk, a 3 de agosto entra em Moguncia; os soldados acantonam-se nas cercanias. A 11 passa-lhes revista o general Walni, que os louva, e determina que se encorporem nas forças do general Girardin. A 15 aquartelam-se em Francfort. O pobre do major Garcez que, por assim dizer nunca mais gosara um instante de tranquillidade desde a invasão da Russia, e que após essas trabalhosas e mortiferas

operações ainda labuta indefessamente nas commissões que acabamos de relatar, enferma e não pode acompanhar a sua unidade a cavallo. Vae de carruagem até Gotha. N'essa cidade o general Girardin dissolve a columna. A Garceez entregam-lhe o commando da sua cavallaria e de mais dois destacamentos francezes, um de oitenta e outro de trinta cavallos, sob a direcção superior do general Dalton, que lhe ordena a utilização d'essas fracções no serviço de patrulhas e exploração de estradas e terrenos.

A 28 de agosto nova incumbencia. Determinam a Garceez que reuna n'uma só columna toda a cavallaria enviada de França, um batalhão de infantaria de marinha e uma bateria de artilharia de campanha. Encarregam-n'o de tomar o commando d'essas forças e de varrer dos caminhos, que dão accesso á fronteira, as guerrilhas que as enxameiam. Compõe-se a columna de trez esquadrões, quatrocentos infantes e duas bocas de fogo com serventes montados. A 2 de setembro o general passa-lhes nova revista e marcham em seguida indo dormir a Tolstet.

A 4, escolta uma leva de trinta mil prisioneiros enviados de Dresde. Em Rudolstadt, Garceez apresenta ao marechal Augereau, que ali estaciona, um relatorio. O duque de Castiglione sanciona todas as deliberações do official portuguez e recommenda-lhe que se mantenha onde está. O nosso compatriota fortifica-se n'essa capital do

principado, convergencia de muitas estradas, dominadas pela ponte de Saole, que se prolonga ao abrigo das muralhas. Entrincheira a testa da ponte e prepara-se para todas as eventualidades. Na madrugada de 12 de setembro ouve o ribombar do canhão na direcção de Iena, distante aproximadamente seis leguas.

Á uma da tarde d'esse dia o inimigo ataca os postos avançados e fere-se encarniçada lucta. Os contrarios, acutilados pelos esquadrões francezes, diligenciam á viva força, passar além. Garcez, sereno, apcia a cavallaria, une-a á infantaria e investem n'um contra-ataque vigoroso. Pronunciada a retirada, os cavalleiros galgam para cima das montadas, despenham-se sobre os prussianos e cossacos até Blukonhaim e aprisionam-lhe cinco mil homens, embora o grosso da força alcance cruzar o Elster em Gera.

Decorridas horas partem para Weimar e de lá pelo caminho de Leipzig, a juntar-se ao general Lefebvre Desnouëttes, que coadjuvam até o fim do mez, época em que bivacam em Erfust. Ahi sofrem uma acommettida dos cossacos com a baixa de algumas praças. A 29, no combate de Halberstad, extravia-se o tenente Camara. A 2 de outubro novo arranco dos cossacos, na marcha para Arnstadt, onde os habitantes os recebem com alegria e onde os soldados gosam de um tratamento pouco frequente em emergencias semelhantes. Não lhes dura muito o gaudío. A 7, tra-

va-se nova refrega, Gareez carregu e aprisiona cem contrarios na perseguição. A 8, regressam a Erfust. O general Dalton, ao ouvir o relato das ineumbeneias desempenhadas pela columna, elogia-a e determina que a infantaria apoie a artilharia no trajecto para Leipzig. A cavallaria parte para Weimar para trazer abastecimentos para Erfust e realizada esta missão reune-se ao grosso do exercito.

A 17, estacionam em Lindenau com o corpo do marechal Mortier, onde ainda manobram algumas unidades da Legião, umas seiscentas praças de cavallaria, portuguezes e hespanhoes, sob o commando do alferes Alvaro. Compatriotas, que não se encontram ha mezes e alanceados por tão successivos transes, abraçam-se com effusão.

A 18, é o mais renhido da formidavel batalha de Leipzig. A cavallaria de Gareez, ás ordens de Mortier, bate-se ao lado da Nova Guarda. É das primeiras unidades a penetrar na disputada posição de Rendnit. No desastroso recuo de Lindenau, o inimigo fere o cavallo do nosso conterraneo, apeia bastantes soldados e mata o destemido sargento Moreira, dois cabos e vinte soldados. Envia-m'n'a em seguida a guardar um comboio de provisões destinado a Erfust. Após um escasso descanso de algumas horas o general Dalton determina-lhe que siga para Ollendorf para se encontrar com o imperador, em jornada de Erfust.

À meia noite Garcez avista ao longe, através dos farrapos da bruma uma intensa claridade — é Napoleão e a sua comitiva. Cercam-n'o os ajudantes, escolta-o a guarda imperial e allumiam-lhe o percurso numerosos lacaios de archotes incendiados. O soberano manda chamar, por um dos seus officiaes às ordens, Garcez, reconhece-o, trata-o pelo seu appellido e dirige-lhe diversas palavras agradaveis.

*

* *

A estrella de Bonaparte declina a olhos vistos. Os desastres succedem-se ininterruptos. A 30 de outubro peleja-se a sangrenta batalha de Hanau em que o general bávaro, um dos transfugas de Leipzig, experimenta uma monumental derrota. Durante o prélio a nossa cavallaria fracciona-se para apoiar a artilharia no cairel de um pinhal. Reforçam-n'a depois varios batalhões da Velha Guarda. O calor da referta progride. Os hávaros exaltados acommettem leoninamente os canhões francezes, defendidos com a bravura do desespero. Garcez providencia no sentido de se desmontarem alguns pelotões e combaterem a pé, como atiradores. Apenas em meia hora de fogo, mas vivissimo, os nossos cavalleiros perdem cem combatentes entre mortos e feridos. Ahi succumbe o cabo de esquadra Salles,

hespanhol corajoso, esvelto e alegre, que n'esse dia, ao contrario do costume e como se presentasse o seu proximo fim, se mostrara preocupado e taciturno. Garcez apreciava-o muito pela sua intrepidez, character e dedicação pelo serviço.

Napoleão, desejando fulminar os alliados com a rapidez das suas manobras, como outrora, ali geira as columnas das bagagens. Expede-as para Coblentz, guardadas pela cavallaria dos generaes Millaud e Lefebvre Desnouëttes. Os esquadões portuguezes flanqueiam a direita do extenso comboio.

Ao alvorecer de 1 de novembro marcha o exercito francez em direcção de Francfort. A 4 pára em Moguncia. Ahi annexam a cavallaria portugueza á Nova Guarda. Passados dois dias, a 6, Garcez comparece ante Mortier, a pedido d'este, que communica ao nosso valente major ter-lhe sido concedida a Legião de Honra e o felicita calorosamente. Em seguida declara-lhe:

— Como sabe, o 6 de cavallaria, de guarnição em Coblentz, tem os seus effectivos reduzidissimos, é preciso completá-lo, enviando para lá algumas praças dos seus esquadões. . .

O marechal cala-se por segundos e logo adduz:

— Esse corpo não possui officiaes superiores, quer assumir o seu commando?

Garcez fica perplexo. Medita. A proposta fascina-o. Rapaz, adorando a carreira que abraçara, coronel na sua idade, nada mais tentador. A pa-

tria longinqua brada mais alto que a sua ambição. Perfila-se, faz de novo a continencia, e, textualmente, responde:

— Meu marcehal, muito obrigado. Aceitando a sua honrosa offerta, devo para sempre considerar-me francez, ligar-me por vinculos inquebrantaveis á minha nova patria. Não posso. Sou estrangeiro e pertença á Legião portugueza, que ainda existe. O imperador não quiz até agora metter n'ella nenhum official estrangeiro, senão os dois maiores generaes para ensino da escripturação, assim como não deu passagem a official algum para os regimentos francezes. Partindo d'este ponto de vista desculpe-me não aceitar.

O duque de Treviso estende a mão ao major Garcez, aperta-lh'a com força e esboça no rosto marcial um sorriso de assentimento.

Comprehendera o motivo da recusa e a dignidade do juvenil official ainda mais cresceu no seu julgamento. Garcez affagava com carinho o regresso mais ou menos proximo ao torrão onde nascera. Pretendia vir aqui repousar, trazer ao seu paiz o valor da sua espada lealissima, reu-der a Portugal o preito do seu denodo comprovado em tantos lances arriscados.

Constrangido Garcez a mandar soldados para Coblantz remette o menor numero de patrieios que pôde. Envia trinta e cinco de nacionalidade hespanhola e uns vinte francezes, escolhidos pelo seu capitão, Rolin. Partem sob o commando do

alferes Gusinão, que não primava pela disciplina, nem gosava de sympathias nas filciras e de trez sargentos.

Os restantes quatrocentos cavallos saem de Moguncia a 20 de novembro, encorporados nas columnas de Mortier, em direcção de Metz, onde se demoram até janeiro de 1814. Ainda n'esse tracto os nossos esquadrões experimentam baixas sensiveis na exploração e reconhecimentos que lhe commettem.

A somma de injustificaveis traições que envolvem Napoleão determina a dissolução da Legião portugueza, como a de todas as outras unidades não francezas. A 8 de outubro de 1813 o imperador promulga um decreto em virtude do qual se desarmam todos os estrangeiros. Em todo o caso referindo-se aos nossos, observa: «Os officiaes portuguezes podem entrar em França e irem para os logares que lhes forem designados, embora desarmados. É necessario continuar a tratá-los bem.» A 25 de novembro escreve ao ministro: «No estado actual das coisas não podemos fiar-nos em nenhum estrangeiro:» (Já o exercito anglo-luso invadira a França por Bayonna). N'essa mesma data publica-se o decreto que dissolve a Legião e que estabelece: «As tropas portuguezas serão desarmadas, formando-se com ellas batalhões de pioneiros. . . As espingardas provenientes dos desarmamentos ordenados serão empregados no armamento do exercito francez.»



Illustration des classes bravales aux environs de Valenciennes (Nord) en France.

On a vu dans ces classes bravales aux environs de Valenciennes (Nord) en France, un grand nombre de personnes, hommes et femmes, portant sur leur tête des fardeaux énormes, et marchant avec une grande rapidité, et en même temps avec une grande légèreté.

Cada batalhão de pioneiros compõe-se de um determinado numero de companhias, com duzentos e onze homens cada uma incluindo os officiaes. A 18 de dezembro o ministro da guerra expede ordem ao general Delaroeche, commandante da 1.^a divisão, afim de que «deixe os officiaes portuguezes em Grenoble, mas não com os seus soldados e que examine depois se convem que os batalhões de pioneiros portuguezes sejam commandados por officiaes d'esta nação.»

Iniciam-se agora os protestos.

O general Delaborde, n'um officio enviado ao ministro, elogia a conducta dos officiaes da Legião no instante do desarmamento dos seus subordinados, principalmente dos majores Sarmiento e Xavier, ambos «d'um raro merito», por terem falado aos soldados conforme os «principios da verdadeira honra» e terem-se «offerecido voluntariamente para acompanhar o batalhão e conduzirem-n'o elles mesmos sem nenhuma especie de escolta a Moulins, seu destino. Prometteram que manteriam a mais perfeita disciplina no caminho e assim o levaram sem occorrer nenhuma deserção.»

O que aquelles dois officiaes tiveram principalmente em vista foi de, apesar de n'elle já existirem poucos portuguezes, poupar a soldados aguerridos serem escoltados como vencidos ou prisioneiros.

O major general de infantaria Cathelin, que

por mais de cinco annos, dirigiu a sua organização e escripturação, escreve ao ministro da guerra que: «acabando de se realizar o desarmamento da Legião Portugueza, admira-o e afflige-o a maneira porque finaliza esta tropa.» Como as suas funções vão cessar pede para que o auctorizem a deixar Grenoble o mais depressa possivel, por isso que a residencia ali se lhe torna insupportavel.

A 16 de janeiro a nossa cavallaria está em Langres. A 26 chega a Troyes, depois de energeticamente disputar passo a passo os Vosges ao exercito austriaco, que por ali desce. Os portuguezes perdem bastantes homens nos recontros, aggravados por um serviço aspero e extenuante. Nos bosques de Dar effectuam contra os prussianos uma offensiva de reconhecimento, que lhes rareiam as filas, mas que lhes valem entusiasticos louvores por parte do general. A Mortier, como aos outros chefes, determinam-lhe que dissolva as unidades estrangeiras, mas o marechal promette a Garceez mantê-lo a seu lado o mais tempo que possa. A 12 de fevereiro, u'uma perseguição impetuosa contra os alliados, nas alamedas de Chateau Thierry, ainda ao effectivo dos nossos esquadrões são abatidos dez homens e ao seu destemido caudilho fazem um ferimento no pescoço.

N'essa mesma cidade Napoleão revista a Nova Guarda e surprehende-o encontrar lá encorpo-

rada a cavallaria portugueza. Determina então categoricamente ao duque de Treviso que cumpra relativamente a ella o estatuido no decreto sobre os corpos estrangeiros. Para attenuar o effeito d'esta ingrata determinação o imperador chama Garcez á sua presença, agradece-lhe com phrases enaltecedoras os serviços prestados e affiança-lhe que essa fracção da Legião Portugueza gosará, em quanto se demorar em França, de um tratamento privilegiado.

Não se cumpre a promessa. Os acontecimentos precipitam-se. A Fortuna, que sempre mostrara a Napoleão o mals fascinador dos seus sorrisos, patenteia-lhe agora o cariz severo e volta-lhe redondamente as costas. Os infortunios rolam uns sobre os outros n'uma catadupa caudalosa de vicissitudes. A adversidade alerra-o e nunca mais o abandona.

Os marechaes, a maioria dos collaboradores de Napoleão, militares e civis, ricos, a regorgitar de honrarias, de mercês, de doações, de titulos, querem fruir tranquillos a alluvião de benesses e atraçoam-n'o ou abandonam-n'o. A França, exausta de homens e de dinheiro, depois de attingir as culminancias da gloria e da prosperidade, de irem para o matadouro das batalhas as creanças de treze annos, de vêr o seu territorio invadido, assolado, indigna-se e repudia o imperador. A Europa, transformada n'um vasto e ininterrupto campo de carnificina, sacudida por

abalos sociaes constantes, ensanguentada por vinte e um annos de consecutivas guerras, alarmada com a insaciavel ambição de um unico homem, resolve neutralizá-lo, sequestrá-lo para sempre. Nem as mulhères lhe perdôam, ellas sempre tão generosas para os vencidos, tão repletas de abnegação pelas victimas de um destino infausto.

Facto curioso. Napoleão que soube, como ninguém, fascinar os homens, nunca soube despertar affeições radicadas nas mulheres.

Nenhuma o amou profundamente, nem sequer a condessa polaca Walewska. Conquistava as amantes como o inimigo nos combates, *tambour batant*. E, como pretendem os supersticiosos, a rútila constellação que presidiu ao seu nascimento principia a eclipsar-se em seguida ao divorcio de Josephina.

Entre as muitas inimigas que o seu espirito duro lhe creou, duas tornaram-se implacaveis e infuirmam poderosa e nefastamente nos ultimos annos da sua estonteante carreira.

Uma foi M.^{me} de Stael, outra Barbara Julia de Wietinghov. A primeira, nascida em 22 de abril de 1766, filha do ministro de Luiz XVI, Neeker, oriunda da Suissa, casada a primeira vez com um succo, a segunda com um piemontez, sempre reclamou para si a nacionalidade da França, embora crivasse de epigrammas a nação franceza. Conta M. Paul Gautier, num livro pu-

blicado ha pouco, que quando Bonaparte regressou da Italia em 1791 M.^{me} de Stael tentou durante alguns annos subjugá-lo. Commetteu diversos erros n'essas tentativas, como por exemplo quando o heroe de Arcole andava mais apaixonado por Josephina, e depois de o comparar a Scipião e a Taneredo, escrever que era «uma monstruosidade a união do genio com uma pequena e insignificante creoula, indigna de o apreciar e de o comprehender». Napoleão nunca se inclinou para o feminismo. Embirrava supinamente com as mulheres ambiciosas e avidas de auctoridade.

O desapontamento e o despeito experimentado por M.^{me} de Stael minou muito a dentro. Uma mulher nunca perdôa o mallogro das suas garri-dices. Desde esse momento fomentou contra o Primeiro Consul toda a especie de más vontades, e entre ellas a de Benjamin Constant. A guerra estava declarada entre os dois potentados: o das letras e o das armas. Fouché, ministro da policia, por conta propria ou alheia, mandou publicar no *Journal des Hommes libres* com referencia a M.^{me} de Stael o seguinte madrigal: «Não é culpa vossa, o sêrdes feia; mas é culpa vossa sêrdes intrigante. . . Sabeis o eaminho da Suissa; fazei uma viagem até ali, se não quereis que vos aconteça mal. . . Levae o vosso Benjamin. Que elle se livre de vir perturbar um povo que está cansado do manejo de ambos». Os realistas não

se mostravam mais galantes. A folha *Ange Gabriel*, que lhe chamava *Curchodine*, declarou: «Escreve sobre metaphysica, que não entende; sobre moral, que não pratica; sobre as virtudes do seu sexo, que não possui».

Napoleão leva longe de mais o seu rancor. Exila de Paris essa parisiense que não podia passar sem o convívio dos salões, onde reinou como soberana autocrática do talento e da graça espiritual. Hoje considera-se esse exílio como mesquinho, até ridículo. É verdade que M.^{me} de Staël conspirou sempre com as côrtes e governos europeus contra o imperador. Quando n'esse fatal anno de 1814, data de expiação para a França como o de 1914, a illustre litterata percebe que, pretendendo demolir Napoleão, prejudica o seu paiz, arrepiá nobremente caminho e arrepende-se ainda com mais nobreza de ter concorrido para a invasão do solo francez.

As portentosas faculdades do imperador parecem diminuir depois da fatal retirada da Russia. Avigoram-se, readquirem o seu coruscante brilho, quando os colligados transpõem as fronteiras. A campanha de França é um deslumbramento do seu genio incomparavel. Mas que pode o exercito e a população contra o diluvio de soldados, de canhões, de cavallos, que contra elle e ella despejam, sem fraquejar um momento, todas as nações da Europa, das maiores ás mais pequenas?

Um episodio entre muitos, narrado por T. Gosselin, que demonstra que nem tudo foram de feecções em redor do glorioso veneido.

Em 1814, o *maire* de Beaurieux, era um fidalgo. Servira como tenente no regimento de La Fère, de guarnição em Auxonne, onde Bonaparte tinha o mesmo posto. Nunca se deram bem. Chegaram mesmo a desafiarem-se para um duello, porque M. de Bussy, tocava desesperadamente n'uma buzina de caça perto do quarto onde o tenente corso estudava com affinco. O conselho de honra do regimento evitou o encontro. Durante toda a prosperidade do imperador, de Bussy conservou-se em Beaurieux a caçar, a tratar dos interesses do municipio, a dizer mal do seu antigo camarada. Os colligados invadem a França. Trava-se perto de Beaurieux um obstinado combate. De Bussy apresenta-se ao seu velho companheiro de regimento. Napoleão, necessitado de officiaes de artilharia, confia-lhe o commando de varias baterias. Tão bem se recorda o gentilhomem «campagnard» das lieções de outrora, que se lhe deveu em grande parte o exito da jornada.

O velho tenente de La Fère não se separa mais do imperador durante o fim da heroica campanha. Bate-se em Lasu, em Arcis, em Fère-Champenoise. Promovido a coronel de artilharia não tem tempo nem ensejo de se fardar. É com fato de caça que galopa no estado-maior imperial.

Os veteranos da Guarda, ao vêrem-n'o n'aquelle arranjo, no meio dos marechaes cobertos de bordados e das escoltas de uniformes vistosos, alcuham-n'o de *paisano* do imperador.

Permanecêu-lhe fiel até o fim. Nas horas augustas de Fontainebleau, Napoleão, abandonado de todos, encontra por piedosa testemunha das suas lagrimas, das suas raivas, dos seus desesperos, o seu antigo camarada de Auxonne, com quem nunca mantivera boas relações.

A abdicação de Fontainebleau e os portuguezes

Partida de Maria Luiza. — O sequito. — Comboio numeroso. — Uma phrase do rei de Roma. — Itinerario humilhante. — Esperanças fallazes. — A inyratilão. — Heceios e missiens. — Derradeiros esforços. — Muito tarde. — Ataque e defesa. — Preliminares de capitulação. — Defesa de Montmartre. — Um moleiro lendario. — Bravura de Moncey. — Desvario dos parisien-ses. — Aspecto da capital. — Louge. — Ingratidão. — Odio eutranhado. — Novo juiz de paz. — Vendetta corsa. — Cegueira na ringança. — Bandidos temiveis. — Inveja de adolescentes. — Bonaparte e Pozzo di Borgo. — Temperamentos antagonicos. — Incta implacavel. — Requiute de ferocidade. — Inversão de posições. — Delicias do triumpho. — Inerorarel ringança. — Os portnyezes em Bourges. — Despedida de Grenoble. — Sorte dos yeneraes luzitanos. — D. Mannel de Souza Holstein. — Offerta generosa. — Petição justa.

A 25 de janeiro de 1814 Napoleão pisa os primeiros abrolhos da senda escorregadia que o

conduz à ilha de Elba. N'esta tarde abraça muito commovido a imperatriz Maria Luíza e saca das Tulherias para só ali voltar durante os Cem dias. O futuro d'aquella que, n'essa instante, é ainda regente, apresenta-se nebuloso e sombrio. Caffarelli recebe despachos do imperador ás nove da noite de 28 de março. O conselho a que preside a imperatriz addia-se para o dia seguinte de madrugada. Reunem-se ahí os grandes dignitários da corôa, entre os quaes avultam alguns dos nomes mais illustres do imperio. Deliberam os conselheiros que a neta de Maria Thereza parta ás seis da manhan para Rambouillet. Tomam essa decisão a instancias do rei José, tenente geral do imperio, segundo instrucções de Napoleão. Paris deixa de ter governo regular. Os alliados convergem de todos os pontos sobre a vasta metropole. Vinte e seis empregados de confiança mettem em dezoito vehiculos o thesouro e os objectos preciosos. Indecisões successivas, entre esperanças e temores, prorogam a partida para as onze da manhan. No Louvre os artistas que copiam as obras primas encerradas n'esse museu, ouvindo desusado rumor do lado das Tulherias, largam pinceis, paletas e cavalletes e precipitam-se para as janellas. Os olhares ironicos da mocidade fixam-se n'aquella que deserta do seu posto. Não se ouve uma aclamação. Precedem a carruagem imperial, puxada por trez parelhas, um esquadrão de granadeiros e dois pelotões de

caçadores, seguem-n'a dois fortes piquetes de lanceiros. A segunda carruagem transporta o rei de Roma, M.^{mo} de Montesquieu e Soufflot. O príncipe imperial veste o uniforme da Guarda Nacional. Tagarela.

Seguem-se-lhe em oito carruagens: as damas de honor, camaristas, prefeitos, açafatas, reposteiros. Na terceira secção: a imperatriz mãe, a rainha da Westphalia, os príncipes, os ministros, os dignitários, etc. Dragões e cavallos ligeiros escoltam o grosso do comboio: Na cauda rodam enormes carroças, carregadas de pagens, de creados, de bagagens.

Nas praças e ruas accumula-se a gente dos arrabaldes fugida á aproximação do inimigo. Nem uma voz se ergue para sandar a que foge. O prestito imperial aloja-se em Rambouillet. Sussem ali por algum tempo nos joelhos o rei de Roma. Este ao atravessar uma galeria diz para Cúdin:

— Quero os meus soldados para que se batam com os russos.

Maria Luiza lê a proclamação que José Bonaparte dirige aos habitantes da capital. Ninguém aerecita que a situação melhore. Pelo contrario. Todos se sentem pouco seguros ahi e decide-se a partida para Tours. Depois, como as noticias recebidas cada vez são peores, escolhem outro itinerario. A primeira paragem effectua-se em Chartres. A etiqueta afrouxa de terra para

terra, o respeito e as mesuras convencionaes diminuem. O cortejo entra por fim em Blois. Maria Luiza hospeda-se no antigo bispado. Espera que a intervenção de seu paê se exerça utilmente em favor de Napoleão. Esereve-lhe duas cartas e depois um bilhete n'esse sentido. Nada consegue. Assigna ainda uma proclamação, que nenhum effeito produz.

A 4 de abril a imperatriz ouve missa, concede audiencias, janta com appetite e á noite joga como em Saint-Cloud em tempo normal. A 5, Cambaeères participa-lhe, quaes as resoluções do governo provisorio, que expulsa do throno o marido. Maria Luiza, ao ouvir-lhe os nomes, observa :

— Todos devem quanto são ao imperador !

O tzar Alexandre I envia a Maria Luiza o general Schuvalof afim de proteger a mulher do vencido. O ajudante de campo do autócrata afasta do lado da regente todos os dignitarios. Reccia que una columna da Guarda imperial, commandada por Cambronne, que se aeerca, leve com ella a imperatriz. A 7, apresenta-se o coronel Galbois, portador do acto da abdição e de instrucções verbaes. A 8, de Saint Aignan entrega á dama de honor, duqueza de Montebello, uma carta, assignada por Caulaincourt, duque de Vincencio, na qual Napoleão manifesta o seu desejo de que a esposa parta sem demora para Fontainebleau onde a aguarda.

Não vac. Maria Luiza nunca mais se torna a encontrar com o genio, pae do seu filho.

Que succedera em Paris?

Os restos do Grande Exercito e os recrutasitos denominados de *Maria Luiza* rivalizam de heroismo contra os invasores. O imperador projecta cohrir Paris, ignorando a sua situação desesperada. É a 29 de março que recebe os despachos de la Valette, com dez dias de atrazo e vóa. Chega a 30, a Frourentean, estação de posta, apenas a cinco leguas de Paris, ás dez da noite, n'uma corrida com Bertrand e Caulaincourt. Bebe um copo de agua e dispõe-se a continuar a viagem quando ouve bulha de tropa a marchar. É a columna do general Belliart. Sabe então o que occorreu—a capitulação—e que os alliados entrarão no dia seguinte na capital. Sofre e encoferiza-se. Na manhan immediata dirige-se a Fontainebleau.

O inimigo fecha o circulo em volta de Paris. O exercito francez, commandado por Marmont, duque de Ragusa, abandona as suas posições de Bondy e retrocede para a capital. Demora-se por um momento nas alturas de Belleville e de Montmartre. O seu adversario, o emigrado francez Langeron, ataca Montmartre do lado de oeste, por Clichy, ao passo que os corpos prussianos de York e de Kleist se dirigem para la Villette e la Chapelle para o acommetter por leste. Mortier defende o espaço entre la Villette e Charentou:

a Guarda Nacional, ás ordens do marechal Moncey e as forças do general Hullin, a serie de cabeços desde Fontarabie à Etoile.

Ás seis horas, o rei Joseph e o ministro da guerra Clarke postam-se no monticulo dos Cinq-Moulins, no Chateau Rouge. Ainda quando José observava os movimentos do exercito da Silesia, o capitão de sapadores bombeiros, Peyre, aprisionado antes pelos cossacos, entrega-lhe da parte do imperador Alexandre as condições da capitulação. Immediatamente José auctorisa os duques de Ragusa e de Treviso a entenderem-se com o tizar e com o generalissimo austriaco Schwartzenberg o que recusam. Pouco tempo depois, afasta-se d'esse logar e pelos boulevards exteriores segue para Rambouillet.

Á tarde, á uma hora, o inimigo toma disposições para arremetter com a collina. Existiam ali em bateria apenas umas trinta bocas de fogo e trezentos homens. Mortier, obrigado a abandonar la Villette onde se intensificara a lucta, faz retrogradar a divisão Charpentier sobre a barreira de Saint-Denis e envia a brigada Robert para o outeiro dos Cinq-Moulins. A despeito do heroismo de Moncey na barreira de Clichy, Langeron surge por Batignolles e os generaes Kopsewitcl^f e Rudesewitch por Clignancourt e Batignolles. Não obstante a opposição de Belliard e dos seus dois mil cavalleiros, com Dautencourt á frente, a in-

fantaria moscovita corôa as alturas de Montmartre no fim da tarde.

Os habitantes da região tentam fugir pela velha estrada, hoje rua de Ravignan, bem como um esquadrão. A meio caminho, os atiradores contrarios, lá de cima, desfecham sobre elles. Os fugitivos param para responder.

Em frente de um dos moinhos de Montmartre, descreve J. G. Prod'homme, quatro molceiros, todos irmãos, servem as peças collocadas na Gallette. Trez baqueiam mortalmente feridos. O quarto, Pierre Debray, continua até o fim a fazer fogo. Apanhado pelos russos, mata o official que lhe deita a mão com um tiro de pistola. Atravessam-no, esquartejam-no acto continuo e pegam os pedaços do cadaver nas velas do moinho. Á noite, a mulher, recolhe piedosamente os despojos do marido e enterra-os no cemiterio onde repousam ainda hoje. O filho foi mais feliz. Ferido por uma lançada no interior do moinho ainda viveu mais trinta annos.

A oeste, Langeron com Horn e Kleist, occupam o outeiro dos Cinq-Moulins, sem difficuldade. Moncey tenta o impossivel com os seus guardas nacionaes para defender a barreira de Clichy. Os alumnos da Escola Polytechnica fazem prodigios. Os officiaes reformados pegam em armas. Reunem-se ahi artistas, sabios, homens de lettras. Mas como resistir? Fuzilados pelas tropas do francez Langeron estabelecidas no

faubourg, alvo da artilharia postada na eminencia, as tropas do marechal rendem-se.

O povo de Paris desvaira-se com o receio de um regresso victorioso dos emigrados. A guerra extenuara-o, as enfermidades dizimam-n'o. A burguezia mantem-se apathica no seu irreductivel egoismo. Os operarios, inquietos e receosos de futuras represalias, agitam-se e concentram-se no coração da cidade. Beranger compõe algumas das suas mais celebres canções patrioticas, assegura o chronista onde fomos colher estes pormenores. Canta-se a *Marselheza* por toda a parte. Os jornaes noticiam os vexames e as atrocidades commettidas pelos colligados por onde passam. Assassínios, roubos, incendios. Violam as mulheres, em pleno dia, nas ruas. Os cossacos são os peores. Devastam os arrabaldes da cidade.

Os cadaveres de homens e de animaes apodrecem á vista de todos. Respira-se um ar infecto. Declara-se a epidemia do typhó. Os hospitaes, onde os medicos morrem victimas do contagio, não teem logares, nem remedios, nem roupas, nem viveres. Vinte mil soldados doentes aggravam esta sinistra accumulacão. Os carros que os transportam pelas diversas arterias, conduzem, n'uma confusão macabra, mortos e moribundos. Todos os espaços livres se transformam em acampamentos dos camponezes das visinhanças.

O trabalho cessu por completo.

No dia seguinte 30 de março de 1814 os allia-

dos estabelecem-se nas alturas de Romainville. Começa o bombardeamento. Caem bombas nas vias principaes. Marmont multiplica-se. Ao passo que no boulevard dos Italianos, no café Tortoni, a burguezia elegante, indifferente vê desfilar os feridos, o marechal e o seu estado-maior carregam, em pessoa, na rua Belleville os primeiros cossacos que penetram na capital. Marmont tem um braço fraeturado. Ha oito dias que se bate sem descanso. Furioso, desesperado, sentindo que a córagem cede ao pezo da fadiga e das responsabilidades assigna um armisticio afim de receber ordens do governo. Mas onde está o governo? Não existe. Fugiu todo. Só um homem surge para o representar — Talleyrand.

Assigna-se a capitulação. A 31, ao meio dia, os alliados entram triumphalmente em Paris. Á noite, por vontade do tzar Alexandre, da do rei da Prussia e da aleivosia de Talleyrand instaura-se o governo provisorio, que depõe Napoleão e proclama Luiz XVIII. O francez Langeron recebe em recompensa, das mãos do autócrata, a grande cruz de Santo André.

Distante de ali, ignorando a traição dos que lhe tinham jurado fidelidade, occupado, com todo o seu genio, em defender contra o invasor o solo sagrado da Patria, o imperador, personagem invisivel e muda, protagonista do estupendo drama, esperança de uns, contra o qual se concitam os rancores e os appetites de muitos,

objectivo das malevolencias e dos crimes de bastantes, não apparece para confundir e esmagar todos os poderes da Europa que se conjuram contra elle.

O destino tem de se cumprir.

No dia em que o imperador assigna a abdicacão em Fontainebleau, 10 de abril, Berthier, principe de Wagram, chefe do estado-maior general e seu braço direito, mas um dos que assignaram a sua deposição, pede-lhe licença para ir passar vinte e quatro horas a Paris, para tratar de alguns negocios urgentes. Napoleão concede-lh'a sem explicação e com indifferença. No mesmo dia ao almoço, diz ao duque de Bassano:

— Berthier foi para Paris e não volta.

— Ah! Sire, que suspeita? Conhece-se bem a fidelidade do marechal.

— Digo-te que não volta. Berthier ruina ha quinze dias a sua casa, o seu Grosbois, o seu dinheiro, Paris, etc. Vae procurar Monsieur; falará de seu pae, de Versailles, chorará, fará a sua paz e eserever-me-ha depois de amanhã para me partieipar que está doente.

O duque de Bassano protesta com todas as veras da sua alma. No dia seguinte ao almoço, trazem uma carta do principe de Wagram. Napoleão abre-a e passa-a friamente ao duque, commentando:

— Lê, meu pobre Maret, verás se eu conheço os homens.

Na verdade Berthier escrevia que se sentia doente e que não podia voltar.

Entre os entranhados odios suscitados por Napoleão evidencia-se um que nunca desarma, nem mesmo depois da morte do excepcional capitão — o de um seu patrieio, um corso, Pozzo di Borgo.

Na Corsega, elucida-nos Albert Quantin no seu suggestivo livro sobre aquella ilha, a espiu-garda é o verdadeiro «juiz de paz». O medico Padovani para vingar a honra de sua irman espiu-gardeia quatro pessoas. Por causa de um insulto dirigido a seu pae, Serpentí sahe aos dezoito annos do collegio de Ajaccio e commette verdadeiras carnificinas. Devido a uma rivalidade politica, a uma diseussão de interesses, a qualquer limite de propriedade, uma rixa depois de beber, o prejuizo determinado por um porco, pratica-se um assassinio. Os habitantes nunca largam a arma, ainda hoje. Pela causa mais futil desfecha-se um tiro e o assassino vae *alla campana*, anda a monte e torna-se *bandido* por corruptela de *banido*.

A *vendetta* ha de ser exercida pelas proprias mãos de alguém da familia. A justiça não entra no litigio para nada. É preciso sangue novo para lavar o sangue derramado. A policia pode prender o criminoso, os juizes condemnarem-n'o á morte. Para nada serve. A vingança ha de surtir effeitos entre corsos. Ha *vendettas* complicadas em que entram paes, irmãos, primos; «transver-

saes» porque lançam os seus fios através das famílias que se tornaram inimigas. Ha gente que leva uma vida de terror, que se parapeita em casa, que protege as janellas contra as balas com palha e colchões. Ao cabo de dez annos ou mais quando julgam poder deitar o nariz fora da porta são areabuzados sem mercê por um inimigo mais paciente que elles.

Se o sangue lavasse o sangue de uma vez, um assassinio determinaria um segundo e tudo acabaria ahi. Não succede assim. O segundo sangue exige um terceiro, este outro, indefinidamente. De tal modo, que de geração em geração chega-se a não se saber bem ao certo a origem da disputa e vão dando cabo uns dos outros sem saber bem o motivo.

Giudicc de Cinarca envia um dia aos consules de Genova um barril cheio de olhos de genovezes massacrados por elle. Poli traz na cabeça o kepi do prefeito, roubado e morto por elle. Ha poucos annos para ser preso o bandido Capa, foi preciso mobilizar oitenta gendarmes, succumbindo sete na lucta.

Entre dois rapazes corsos ergue-se uma emulação, peor, uma inveja inolvidavel. Um conta vinte annos; chama-se Napoleão Bonaparte. O outro mais velho cinco annos, rebento de uma familia humilde da aldeia de Alata, perto de Ajaccio, appella-se Pozzo di Borgo. Ambos são pobres. Os mais previdentes suppõem que a sua

antipathia progressiva não produza mais que simples dissidencias de campanario.

Em 1792, a eleição de Bonaparte para o posto de ajudante de um batalhão de voluntarios, fomenta o azedume de Pozzo. O primeiro é *afrancezado* pela sua frequencia nas escolas militares de Brienne e de Paris; o segundo é simplesmente um corso e faz gala n'isso. Quando se ventila a questão de saber se a ilha será ingleza ou franceza, Bonaparte institue-se campeão da França: Pozzo, por odio ao seu rival, declara-se por Inglaterra. Este ultimo inveja o espirito vivo, o character resolute de Bonaparte, que por sua vez, não pode supportar esse antagonista «de casaca preta coçada», chiclo de fiuura e de manhas, insinuante e pérfido, não atacando nunca de frente nem as questões nem as pessoas.

Trava-se entre os dois implacavel lucta. Pozzo ganha a primeira refrega. A Corsega é entregue aos inglezes; os Bonaparte são obrigados a fugir; a sua casa em Ajaccio é saqueada; buscam abrigo no continente, proscritos, arruinados, só dispondo dos recursos do soldo e da energia de Napoleão. Sabe-se a que alturas este se elevou, como tirou os seus d'embarços e que retumbante foi a sua desforra. Pozzo não desarma. Qualquer outro, que não fosse um corso, ter-se-hia confessado vencido. Elle não.

Espera. Durante annos não se ouve falar de Pozzo. Anda foragido pela Prussia, pela Russia.

Esconde-se, à espreita de um ensejo. O seu omnipotente adversario não o esquece e conserva-se em guarda. Por sua ordem — pois manda nos soberanos — Pozzo é expulso de S. Petersburgo e tem de refugiar-se na Turquia. Em 1812, porém, o tzar lembra-se d'elle. Presente que este homem que não cessa de odiar Napoleão possui algum meio mais secreto de o eliminar. Chama-o, escuta os seus conselhos, segue-os, acha-os bons, promove-o a major general. Quando se forma a coalisção contra o imperador, já repellido, é Pozzo, elevado a angure da Santa-Alliança, que preconiza, affirma-se, a marcha dos exercitos sobre Paris. A *vendetta* não se mostra satisfeita com a deposição do imperador. É Pozzo que afasta o rei de Roma da successão, que repelle a regencia da imperatriz Maria Luiza. É elle quem propõe o exilio na ilha de Elba, escolhida de proposito, por um requinte de crueldade. Do seu carcere o vencido poderá contemplar a Corsega. A recordação da sua aurora ensombrará o seu crepusculo.

Depois da ultima e definitiva derrota, Pozzo é embaixador do tzar em Paris. É elle agora que vive n'um palacio, que recebe homenagens. É elle quem propõe aos inglezes Santa-Helena. Um dia que imploram, a favor do grande exilado, a sua clemencia, pede que lhe deixem a noite para reflectir. Responde-no dia seguinte, fria e astuciosamente: «que depois de ter combatido tanto Na-

poleão não gosava do credito bastante para defender a sua causa.* Mais tarde hade dizer ainda mais hipocrita e cynicamente :

— Eu não o matei, apenas deitei sobre elle os ultimos punhados de terra.

A atroz agonia de Santa Helena não acaluna o seu rancor. Em 1833, de residencia em Ajaccio, offerece quinientos mil francos pela velha casa onde nascera Bonaparte. Levie Ramolino, seu proprietario, recusa esta riqueza que pagava cem vezes as pedras do celebre tngurio. Então Pozzo compra a Punta, o rochedo que domina Ajaccio, alguns milhares de hectares, todo o morro. De lá esmaga a moradia do seu rival, outrora assolada pelos seus desvelos. Traçam-se caminhus no matto arborecente, respeitandoo as ruinas do miseravel povoado a que a familia Pozzo deve o seu nome. Ah! como d'esse fastigio parece mesquinha e humilde a pobre *Casa Bonaparte*, e quanto o vencedor ahi, lembrando-se dos seus principios e da sua casaca preta coçada, devia gosar do triumpho obtido.

Pozzo morre em 1842, mas a *vendetta* sobrevive-lhe. Um odio corso nunca se extingue, insiste Quantin. É preciso que as proprias coisas proclamem o desenlace do extraordinario duello. em furia ha quasi um seculo. Depois de 1871 os descendentes de Pozzo gastam milhões para conduzir para a Punta os materiaes das Tulherias, baleões, alizares, fustes, capiteis, columnas de

Philibert Delorme, o que o Iogo da Communa e a picareta dos communistas pouparam da residencia do tio e do sobrinho. Assim as pedras, castigadas por ter abrigado a grandeza passageira dos Bonaparte, vão ornar a habitação da familia victoriosa «Para conservar à patria como uma preciosa recordação da patria franceza» reza a inscripção do frontão. Mas para que ninguem se equivoque com a intenção, commenta um critico, basta considerar os dois retratos do salão principal em frente um do outro. N'uma das telas, o duque Carlos André Pozzo di Borgo, embaixador da Russia, na pompa dos seus dourados, mostra o rosto illuminado pelo orgullo satisfeito; na outra, o imperador, um imperador já vencido, pintado por David em 1815, curva os hombros à humilhação da illia de Elba e ao sentimento de Waterloo. . .

Inexoravel vendetta!

No decurso dos acontecimentos atraz relatados o que succedia aos portuguezes, que serviam um paiz estrangeiro, e ao qual tinham dado o melhor do sangue?

A 2 de fevereiro de 1814 cento e vinte officiaes são mandados para Bourges, abonando-lhes o soldo da actividade. O batalhão de pioneiros, com os sargentos, marcha para Moulin, com eguaes vencimentos ao dos pioneiros francezes. Em 14 de março a auctoridade competente remette um relatório ao ministro em que esboça

um quadro de composição do batalhão de pioneiros, com officiaes portuguezes escolhidos dos existentes no deposito de Bourges, «dos que mais desejos patenteiem de se incumbir d'essa missão.»

Ao sahirem para sempre de Grenoble, capital do Delphinado, os officiaes da Legião são alvo de carinhosas despedidas. No deposito que ali funcionara sete annos tinham despertado affeições sinceras e tinham-n'as retribuido com todo o sentimentalismo da alma meridional. Por esta época, dos generaes portuguezes finara-se, como dissemos, o marquez de Alorna; Gomes Freire aborrecia-se supinamente internado n'uma praça austriaca; Pego expurgava na Siberia o crime de ser um intrepido soldado; Carcome Lobo assistia em Paris, de braços cruzados, ao drama historico ali representado; Pamplona convalesceia de uma doença recente e das fadigas passadas.

O general D. Manuel de Sousa Holstein, antigo chefe de estado-maior da Legião Portugueza, acompanha os seus camaradas a Bourges. A sua indole aventureira impelle-o aos vinte e um annos, em 1790, a accetar o posto de alferes no exercito prussiano. Por lá se demora sete annos e volta tenente-coronel, após as campanhas do Rheno em 1793 e 1794. Confirmam-lhe a graduação em Portugal. Collocam-n'o no regimento de cavallaria de Elvas e n'esse corpo toma parte nas mesquinhas e vergonhosas operações contra os hespanhoes, em 1801. Quando se organiza a

Legião é já coronel e Junot promove-o a brigadeiro. Addido á comitiva de Massena, em Hespanha, por ali paira até julho de 1812, data em que Marmont, o defensor de Paris na crise já descripta, marechal aos trinta e cinco annos, o nomeia chefe de estado-maior da 4.^a divisão, cargo que desempenha até outubro. N'esse mez, enferma e parte para França. O duque de Ragusa ao separar-se d'elle elogia-o com palavras de afeição pelo zelo com que se «occupou a melhorar a sorte dos soldados nos hospitaes e estabelecimentos de convalescentes em Toledo», bem «como no serviço de adquirir subsistencias para o exercito».

D. Manuel de Sousa Holstein vac ser uma especie de Providencia para os seus compatriotas residentes em Bourges.

São ali, como sempre, generosamente acolhidos. Pouco tempo depois de se lá hospedar informam-n'os que os prisioneiros portuguezes, concentrados em Bayonna, devem mudar a residencia para as cercanias de Moulins. Baltazar Ferreira Sarmiento, de harmonia com os demais officiaes da Legião, requer e consegue, não sem superar bastantes difficuldades, que os seus camaradas prisioneiros se lhes juntem, afim de mais facil e fraternalmente auxiliarem os que precisem nas suas residencias do povoado e vizinhanças. E' ali em Bourges que os nossos pegam pela ultima vez em armas contra os inimigos de Napoleão.

Os austriacos dispõem-se a acommetter a cidade. Então o general Hugiet reúne á Guarda Nacional do departamento a cavallaria ás ordens do marquez de Loulé e a infantaria sob o commando do coronel Trinité. A 23 de março investem denotamente com as forças contrarias e dispersam-nas. O chefe que as dirige louva-lhes a coragem: a cidade não lhes regateia demonstrações de agradecimento e gratidão.

A 12 de abril surprehende-os a noticia da abdição do imperador. A situação dos officiaes da Legião, pelo seu character dubio, adquire fôros de angustiosa. Soldados do imperador, estrangeiros em França, criminosos de lesa patria em Portugal, involuntariamente é verdade, mas condemnados como tal, nenhuma attenuante pode argumentar a seu favor ante o novo governo. Na critica conjuntura a população de Bourges quer patentear-lhe de forma tangivel o seu affecto, offerece-se para pagar o soldo a quem ha pouco os defendera com galhardia e pundonor, durante o periodo que permaneçam dentro dos seus muros. Os nossos compatriotas não possuem recursos para se eximir totalmente ao óbolo tão gentilmente brindado, mas restringem-se e só consentem em receber metade dos vencimentos.

A maioria, após demorada discussão, delibera solicitar do governo de Luiz XVIII que, por consideração de tanto sangue derramado pelos militares da Legião Portugueza em prol da França,

lhes permittam continuar a servir em qualquer uidade ou ramo de administração, ou então que lhes facultem meios sufficientes e decentes para regressarem à sua terra, intercedendo o novo monarca junto do seu soberano para que aqui, em Portugal, lhes fossem assegurados os seus postos e bens de fortuna. Expunham, que bem contra sua vontade e à custa de indiziveis sacrificios e padecimentos, se encontravam em tão ambigua posição.

D. Manuel de Souza Holstein perfilha e reforça a exposição n'uma carta endereçada ao ministro da guerra em Paris.

Veremos mais adeante o que obteve.

XII

As fezes do calix

Despedida lancinante.—O prestito imperial.—A desdita respeitada.—Principia o calvario.—Suprema ignominia.—Inizível horror.—Desfallecimento.—Crises.—Troca humilhante.—Pensamentos amargos.—Trajecto conhecido.—Hontem e hoje.—O cansaço physico.—Estalagem historica.—Estalajadeira tagareta.—Dialogo amargo.—Conselhos desayradaveis.—Explicação verdadeira.—Funda impressão.—Singular vestuario.—Ainda os portuguezes.—Protestos do general Lepic a favor dos nossos.—Iniquo procedimento do general Dupont.—A conducta de Beresford.—Louvores insuspeitos.—Ordenança conciliadora.—O ermo da inyratidão.—Raros amigos fieis.—A fé do soldado.—Reclamação attendida.—A impavidez do brio.—O meito.—Cambronne.—Fanfarronice castigada.—Rasto de heroismo.—A intrepidez impõe-se.—Os cavallos de Napoleão.—Lição bem dada.—A Velha Guarda na ilha de Elbu.

Napoleão sáe de Fontainebleau na terça 20 de abril ás onze da manhan, a caminho da ilha

de Elba. A despedida afflige todos os corações, mesmo os mais empedernidos. O adus dito à Guarda Imperial faz correr lagrimas pelas faces tismadas dos valentes de cem combates. Dorme à noite em Briare. No dia seguinte descansa em Roanne. A 23, atravessa Lyão, quando tudo repousa, às onze horas.

O imperador jornadaia n'uma «dormeuse» puxada a seis cavallos. Seguem n'õ mais treze caruagens que transportam Drouot, Bertrand, o major polaco Jerzmanowski, o tesoureiro Peyrusse, um medico, um pharmaceutico, um secretario, um administrador, dois forrieis do palacio, dois creados de quarto, dois cosinheiros, um ferrador, meia duzia de creados, lacaios, palefreneiros, e os quatro commissarios das potencias encarregados de conduzir o soberano deposto à ilha: o feld-marchal austriaco Koller, o general russo Schuwalof, o general prussiano Waldburg-Truchsess e o coronel inglez sir Neil Campbell, o mesmo que narrou todo o succedido a Thomás Richard Unterwood. Este mais tarde escreveu o *Diario de um inglez prisioneiro de guerra em França*, publicado em 1827, primeiro no *London Magazine*, e depois na *Revista britannica*, base dos estudos realizados sobre o momentoso e dramatico assumpto.

Assentara-se que acompanhariam o prestito de mil e duzentos a mil e quinhentos homens de cavallaria da Guarda. Não passam além de Ne-

vers. A partir de Roanne substituem essa escolta nacional esquadões de hussares austriacos e sotnias de cossacos. A mudança desagrada ao imperador que declara prescindir da guarda de honra. No resto nenhum constrangimento. É Napoleão quem fixa os logares de paragem e as horas de partida. Recebe n'esses sitios quem bem lhe parece. As tropas que o encontram no tracto apresentam-lhe armas, os tambores rufam e quasi em toda a parte a gente de bons sentimentos, à noticia da sua aproximação, arria as bandeiras com flores de lys e esconde os laços brancos para não entristecer o imperador cahido na desgraça.

Para além de Lyão tudo muda. A' medida que Napoleão se acerca da Provença, a hostilidade accentua-se. Na muda de Avignon ao alvorecer de 25, grupos armados aguardam a passagem do imperador para lhe interceptar o caminho, e berram:

—Morra o tyranno! Morra Nicolau!

Nicolau é o epitheto do diabo no Meiodia. No entanto o sequito prosegue a marcha. Por prudencia cruzam Avignon ao escurecer.

Em Orgon a scena excede o horrivel. Enforcam o imperador em effigie quando elle ali chega, ás oito e meia da manhan. Um manequim bezuntado de sangue, fornecido por um magarefe, e tendo no pescoco um letreiro com o nome *Buonaparte* balança-se na ponta de uma corda,

no tronco de uma arvore, na praça publica. Os energúmenos ao deparar-se-lhes a carruagem lançam-se sobre ella de varapaus erguidos e arremessam-lhe pedras. Obrigam Napoleão a descer para assistir ao auto de fé da sua imagem, no meio de salvas de palmas e de urros. Separam-n'o durante um momento dos seus companheiros. As megeras atiram-se a elle, arrancam-lhe a condecoração e cospem-lhe.

Napoleão está livido. Tão baixos insultos perturbam-n'o. Os olhos rrazam-se-lhe de lagrimas. Não se defende, não reage contra o abatimento, pronuncia palavras sem nexo, estupefacto, aturdido, deprimido, não podendo acreditar no que lhe succede. Napoleão, diz Paul Ginisty, o entusiasta vulgarizador da epopéa napoleonica, que com tanta frequencia vira a morte de perto, mas pairando sobre elle n'um esplendor de gloria, deixa-se dominar por um indizivel horror. Não lhe acode nenhuma das palavras, nenhum dos gestos que encontra quando volta a França e por meio das quaes subjugou as almas. A inercia abandona-o. Instinctivamente leva as mãos á cara para as proteger. Tem medo?

Então um homem, um camponez alto, espadado, Durel, mais resolutu ou mais feroz que os outros, agarra-o pela gola, e ao vencedor de tantas batalhas, á cabeça mais nimhada e bafejada pelo genio, ordena-lhe:

— Grita, viva o rei!

E Napoleão, attonito, inclina-se ante a vontade rudemente exprimida por esse punhado de rusticos, e repete:

— Viva o rei!

— Mais forte! . . . Outra vez! . . . — uiva a turba.

Desfallecido, elle que foi senhor do mundo, submete-se docilmente, faz um esforço para robustecer a voz, e balbucia de novo:

— Viva o rei!

Não accrescentamos uma palavra ao que P. Ginisty narra. O mesmo escriptor francez explicando o facto, adduz que na mocidade prestigiosa de Napoleão, logo na primeira campanha de Italia, experimenta em Mantua, um d'esses instantes de subito abatimento. Na ousadia do 18 brumario perde durante segundos qualquer iniciativa. Na Russia, interrompe um official que lhe traz noticias desagradaveis, tapa os ouvidos e exclama: «Basta, senhor, basta!» Na batalha de Hanau, o imperador que costumava expôr-se, temerariamente, não consegue domar os nervos e o marechal Maedonald estupefacto, vê-o apear-se do cavallo e mergulhar n'uma prostração absoluta, recusando sahir de um pequeno pinhal onde se abrigara. Na noite de Waterloo, não reconhece os lanceiros salvos do desastre, nem Colbert, que está à sua frente, e balbucia, sem que o pensamento corresponda à pergunta, dez, vinte vezes, o nome de um gene-

ral que o acaso lhe traz á memoria: «Piré?... Onde está Piré?»

Baldadamente os commissarios discursam aos furiosos. Vale-lhes a intervenção energica de um antigo cavalleiro de S. Luiz, M. Lambert. Apressa-se a mudança de cavallo. A quatro leguas de Orgon, na muda de Pont-Royal, com recio de mais violencias da populaça, das terras a atravessar, o imperador aproveita o tempo da paragem para trocar a sua farda de peitilho branco, e por isso muito visivel, pelo traje de um correio. Uma mulher prende com um alfinete o laço realista ao seu novo chapéo redondo. Abandona a carruagem onde o general Bertrand toma o seu lugar, monta n'um garrano e trota pela estrada, desempenhando o papel de correio de si proprio, em companhia de um unico postilhão.

São dez da manhan quando Napoleão parte com este disfarce. O mistral sopra raivoso e levanta nuvens de poeira. E' a primeira vez ha muitos annos, que o imperador galopa assim pelo campo, sem os seus mamelucos, sem a sua guarda de honra, sem o seu estado-maior de reis, principes e marechaes. Em que pensará n'este isolamento subito, curvado sobre o pescoço de uma pileca, com o laço dos Bourbons no chapéo? A estrada que segue — e que percorreu a primeira vez quando era capitão de artilharia, que tornou a andar no seu regresso do Egypto —

corre entre rochedos e pinhaes, em longas ondulações cortadas de vertentes rapidas e de monticulos rudes. As povoações são raras. O terreno é ermo, áspero, miseravel, pedregoso.

Uma legua para lá de Pont-Royal topa-se com a granja de la Taillade, depois a de Casan. Outra legua mais distante ainda, e vê-se a hospedaria de Libran; em seguida um desfiladeiro a transpor nos penhascos de Valbonette; adeante descortina-se Lambesc, villasita de dois mil habitantes, um oasis de vergeis e de oliveaes, n'uma região acidentada e arida.

Os transeuntes que veem passar, sem levantar a cabeça, o correio empoeirado e derrançado, não suspeitam de modo nenhum, com certeza, que é o imperador Napoleão, o mesmo que, hem pouco tempo antes, só entrava nas cidades por baixo de arcos triumphaes, ao som das musicas e das salvas. Conta-se que um militar reformado o reconheceu, na passagem pelas ruas de Lambesc, e, não podendo calar-se, provocou alguns gritos de «Viva o rei!»

O cavalleiro esporeia a montada e desapparece. Uma legua de encostas, acolá uma ladeira em direcção da aldeia de Saint-Cannat. Ahi o imperador monta um cavallo fresco pois é uma estação de muda. Apesar da fadiga, prosegue na marcha ás onze e meia. O cavallo córre pela estrada real, que se estende agora através de um trecho risonho. Os casaes succedem-se a cur-

ta distancia, rodeados de vinhas e pomares de amendoeiras. Duas leguas além de Saint-Cannat, na herdade de Solignac, que se descortina ao meio-dia, a via ampla baixa n'uma longa inclinação por mcio de pedreiras. O cavalleiro não abranda a carreira. Finalmente mais duas leguas de galope. Para em la Calade, n'uma enorme estalagem de almocreves, situada á direita do caminho e no limiar da qual se alteia um chonpo. O viajante sente-se estafado, horriavelmente molestado pelo selim, sem poder dar mais um passo. Ha trez horas que cavalga açoitado pelo mistral. Percorrei oito leguas.

E' o dia 25 de abril de 1814. O postilhão que o acompanha leva os animaes para a cavallariça — ampla, tendo á entrada, um velho poço. A fachada abrauge mais de cincoenta metros. Comprehende um rez-do-chão, com um primeiro andar e um pombal por cima da porta de entrada. Na espaçosa sala de jantar, onde tambem funciona a cosinha, o espeto gira no lume, apresentando ao fogo capões que se vão aloirando pouco a pouco. O predio ainda existe hoje. O choupo cresceu e mede ao presente cinco metros de circumferencia. A antiga cavallariça mantem-se de pé; a velha sala continua a mostrar as vigas do tecto, bem como a grande chaminé.

Napolcão entra ahi. Dirige-se á estalajadeira e apresenta-se como sendo *sir* Neil Campbell. Pede um quarto. A mulher só dispõe de um com-

partimento, casa baixa e escurissima. Mostra-a ao viajante que declara ser sufficiente. Emquanto ella se occupa em arruinar os poucos objectos existentes, tagarela conforme o habito das estalajadeiras apressadas. Interroga o novo hospede. Procura saber se não tinha encontrado no percurso Bonaparte. A sua passagem está annunciada. O imperador responde com um laconico *não*.

N'essa altura a mulher exalta-se e protesta que o «monstro» não chegará vivo á sua ilha. Se não o assassinaem no porto de embarque, espera que o atirem ao mar durante a travessia.

Conta a viscondessa de Fars-Fausselandry que a exaltada hospedeira, sabendo a proxima chegada de Bonaparte e do seu sequito, declarara terminantemente:

—Estou furiosa por ser obrigada a preparar o jantar para semelhante monstro.

Depois, entrando em confidencias e com ar prazenteiro, interpella Napoleão, a quem continua a tomar por um correio:

—Olha, meu rapaz, sympathizo com a tua cara. Aconselho-te a que não embarques com o teu amo. É natural que lhe deem, a elle e a quem o acompanha, agua salgada a beber. Sem esse remedio, estará de volta d'aqui a trez mezes.

Como acaba de afiar, n'uma pedra de amolar, uma das facas, convida o hospede a tocar na ponta com o dedo, e explica-lhe:

—Olha, está como uma navalha de barba, se

alguem quizesse, logo, servir-se d'ella, emprestava-lh'a da melhor vontade, terminava tudo mais depressa.

Napoleão interrompe a mulher, perguntando-lhe:

— Você odeia muito esse imperador, que mal lhe fez?

— O que me fez, o monstro? Foi a causa da morte de meu filho, de meu sobrinho, de tantos rapazes.

Ao que affirma Unterwood, a conversa produziu no imperador tão viva impressão, que, decorrida meia hora, quando as berlindas chegam e que os commissarios entram na sala da hospedaria, encontram o banido assentado, com a cabeça encostada ás mãos. Ergue-a à sua aproximação. Os olhos prenham-se-lhe de lagrimas. Quando a estalajadeira ouviu tratar o hospede por «magestade» quasi desmaia de terror.

O imperador não toca n'um unico prato do jantar. Verde de colera, atira ao chão com um copo de vinho que lhe offerecem. Na estrada agglomera-se gente. Espalhara-se o boato de que Bonaparte se alberga ali. Acodem curiosos idos de Aix, a duas leguas de La Calade. A prudencia aconselha a que o exilado permaneça abi todo o dia e parte da noite. É n'este momento que, não podendo aventurar-se de novo a cavallo n'uma região sublevada contra elle, Napoleão resolve no momento da partida, á uma da



Morte de Napoleão I, em Santa Helena, a 5 de Maio de 1821



manhan, substituir o seu casacão de correio pelo uniforme do commissario austriaco com a medallha de Santa Thereza, chapéo do prussiano conde de Waldburg e capote do russo conde de Schuwalof. É com este singular vestuario que sobe para a carruagem, que atravessa Aix muito antes do alvorecer. Na tarde de 26 hospeda-se no palacio de Bouillidou, perto de Luc, onde o espera sua irman Paulina.

Nenhum dos chronistas citados elucida o que fez e o que disse a estalajadeira de La Calade, quando, um anno depois, soube que o «monstro» se evadira da ilha de Elba e marchava triumphante sobre Paris.

*

* *

E os portuguezes?

O ministerio de Luiz XVIII manda para a fronteira hespanhola, pelo caminho mais curto, todos os portuguezes, sem excepção de condição ou posto, que desejem ser repatriados. Determina que se concentrem em varias cidades do sul aquelles, para quem se torna arriscado, o regresso ao seu paiz. Pamplona, José Joaquim de Souza e mais alguns dos nossos officiaes, ainda de residencia em Paris, sollicitam que os colloquem de nove em qualquer corpo ao serviço da França.

O decreto de 5 de maio de 1814 dissolve o batalhão de pioneiros. Os que o compõem marcham para Bayonna e ficam ahí á disposição do ministerio da guerra. O general da 21.^a divisão, barão de Lepic, realista, ao communicar o cumprimento d'esta determinação, revolta-se por serem tratados como prisioneiros de guerra, soldados corajosos que se bateram intrepidamente pela França e reclama para elles, durante a marcha a effectuar até á fronteira, as considerações de que são dignos.

A 9 de maio marcham de Bourges para Bayonna quarenta e nove soldados e trinta e dois officiaes. Formam um batalhão sob o commando do major Bonis. Alguns officiaes mais impacientes apressam o andamento. Creem que os aguarda, chegando primeiro, maior affecto dos conterraneos e melhor recompensa das autoridades. Espera-os uma surpresa. Apenas se apresentam em Bayonna enviari-n'os com guia para o commando do exereito lusitano, marechal Beresford. Baldadamente os vossos compatriotas requerem os seus vencimentos em atrazo, ganho com sacrificio de vidas e de saude ao serviço da França. Arrancam-lhe os livretes e obrigam-n'os a marchar sem nenhum documento que lhe authenticque a divida. Só então sabem que o iniquo ministro da guerra, general Dupont, os mandara considerar prisioneiros.

Beresford não nutria a seu respeito mais generosas disposições. Inclue-os no exercito portuguez, a alguns como addidos com a graduação anterior ao seu envio para França, e são aquelles a quem dispensa a sua magnanimidade, por que aos outros só lhes restitue as divisas de sargento, quando bastantes tinham sido promovidos a capitães em França e ostentavam no peito as insignias da Legião de Honra. A estes, a necessidade constrange-os a lançarem de novo as mochilas ás costas e a desempenharem as funcções de officiaes inferiores. Não os acolhe nenhuma especie de contemplação. Varios procederam com mais juizo. Balthazar Sarmiento e Garcez pedem a demissão e licença para regressar a Portugal, onde voltam em principios de setembro.

Ainda a 22 d'esse mesmo mez o general barão Lepic insta com Dupont para que se amerceie dos nossos que se julgam «humilhados pela equiparação aos prisioneiros de guerra». Esta idéa afflige-os mais que a redução de soldo, embora poucos d'elles esperem recuperar os bens que abandonaram na sua terra, para arrisear a vida pela França. Argumenta ainda que a digna conducta do passado garante a sua dedicação pelo novo monarca.

No dia immediato D. Manuel de Souza Holstein escreveu ao general Lepic no mesmo sentido.

O governo da Restauração esbarra com tal somma de difficuldades, a proposito da Legião

Portugueza, que resolve, a 16 de dezembro, publicar uma ordenança em que organiza um regimento estrangeiro onde se enfileirem todos esses militares. O general Lepic, depois de passar em revista os officiaes lusitanos, officia ao ministerio da guerra repetindo, insistindo e renovando os louvores com que já distinguira os nossos compatriotas.

*

* *

Nem tudo são defecções em volta do imperador deposto. O vacuo é quasi completo em redor d'elle. Sua mulher nunca mais lhe apparece; seus irmãos não o procuram; os marcehaes, seus mais queridos companheiros de gloria, afastam-se sem o consolo de um adeus depois de lhe arrancar a abdicção; o medico foge-lhe; o creado de quarto, que o servia desde o Consulado, some-se; o proprio mameluco Rostand, o cão, como escreve Lenotre, que se deitava á porta do quarto, deserta como os outros. O isolamento do vencido é tal que, n'uma das suas ultimas visitas a Fontainebleau silencioso, não ha ninguem para abrir a porta do pequeno aposento imperial a Caulaincourt, que se vê obrigado a annunciar-se elle mesmo.

O tratado assignado a 11 de abril de 1814 entre os soberanos alliados e Napoleão trahido, abandonado, desgostoso do poder e dos homens,

auctoriza o imperador, a fim de constituir a guarnição da ilha de Elba, a recrutar na sua Guarda quatrocentos homens de boa vontade, officiaes, sargentos e soldados.

Só os *grognards* da Velha Guarda, occupam as dependencias do palacio. Não gosam chorudas pensões, nem ostentam titulos, nem fruem honras e mereês. ninguem os adula e festeja, não se envaidecem com pergaminhos de nobreza. Seguiram o seu general por todas as estradas da Europa, bastas vezes sem pão, sem calçado, sem abrigo. Não esperam nada d'elle. Mas entregam-lhe toda a sua fé e a nenhum veterano acode a má idéa de o abandonar agora que os seus melhores amigos lhe viram as costas. Ao saber que o imperador está auctorizado a designar de entre elles quatrocentos homens para o acompanhar á ilha de Elba, disputam a honra de se exilar com o seu genial guia. A principio julga-se impossivel a escolha, tão numerosos são os pedidos.

Uma manhan que Napoleão passeia solitario e pensativo, no jardinsito da Orangerie, para o qual dava o seu aposento, um couraceiro de grande uniforme sae da galeria dos Cerfs, colloca-se na sua frente, e diz:

— Meu imperador, reclamo justiça. Tenho vinte e dois annos de serviço, sou condecorado e não estou na lista dos escolhidos. Se me fazem essa ofensa corre sangue.

— Tens vontade de ir connigo?

— Não é vontade, meu imperador, é direito ; é a minha honra que o reclama.

— Reflectiste bem que tens de deixar a França, a tua familia, renunciarestes á tua promoção? És primeiro sargento . . .

— Faço-lhes presente a elles da minha promoção . . . Quanto ao resto, não me importa . . . Lá pela familia, ha vinte e dois annos que o meu imperador é a minha familia. Era clarim no Egypto, se está lembrado.

— Pois sim, irás commigo, meu rapaz, arranjaréi isso.

— Obrigado, meu imperador, faria tolíce com certeza.

Forma-se o pequeno exercito. São obrigados a elevar o effectivo a mais metade para evitar rixas e actos de desespero. A força marcha de Fontainebleau a 14 de abril. Leva comsigo a equipagem do imperador, que só uma semana depois se deve pôr a caminho. Commandados pelo general Cambronne os seiscientos *grogards*, anonymos e immortaes, partem em cadencia de parada, com os tambores a rufar, de estandarte tricolor desfraldado, e começam essa marcha heroica de trezentas leguas através da França empavesada de bandeiras brancas, por meio de uma população anciosa de manifestar o seu realismo de encommenda e de renegar com ostentação os seus enthusiasmos passados, agora compromettedores.

Por toda a parte a attitude dos veteranos impõe um respeito muito visinho do remorso. Caminham pelo paiz adiante sem nada ver e nada ouvir, «cheirando a ferro e a polvora.» Ao atravessar as cidades occupadas pelo inimigo, marcham impassiveis e graves. Nunca rostos humanos exprimiram «qualquer coisa tão ameaçador e terrivel.» Os papalvos viam-n'os promptos a «comer a terra». «Uns mexendo a pelle da testa faziam descer a barretina de pello sobre os olhos. . . Outros baixavam o canto da boeca no desprezo da raiva; outros, por traz dos bigodes, mostravam os dentes como tigres.» Quando manejavam as armas, «era côm um movimento de furor, e a bulha d'essas armas fazia tremer.»

A passagem da formidavel phalange desarreiga á população dos campos um derradeiro grito de: «Viva o imperador!» Nos povoados, os habitantes contemplan estupefactos o desfile d'esses fantasmas da grandiosa epopéa. Nos aboletamentos, os soldados estrangeiros, alojados nas vivendas particulares, apressam-se a ir para outro lado a fim de deixar á vontade esses valentes que tantas vezes os tinham tosado. Dez leguas para além de Avallon, em Saulieu, um major austriaco recusa fornecer os alojamentos. Cambronne procura-o, e propõe-lhe:

— Ah! elle é isso! Pois bem, colloca os teus homens de um lado, eu porei os meus do outro; veremos para quem são os bolêtos.

O austriaco não insiste.

O major-ajudante Laborde, com cinco praças, precede, na qualidade de forriell, a columna. Quando chega ás portas de Lyão, esbarra com um commandante de guarda que, realista fanfarrão, não quer ouvir nada em quanto os *elbenses* não arranquem das barretinas o laço tricolôr. Laborde desembainha o sabre. O commandante da guarda foge. Nenhum dos seus subordinados toma a sua defesa. O batalhão sagrado acerca-se das barreiras. Vinte mil austriacos pegam em armas, de espingardas carregadas, artilharia engatada, como na imminecia de uma batalha, para manter em respeito os seiscentos valentes. Tal é o receio, que o representante de Luiz XVIII não lhes permite aquartellarem-se na cidade. Apenas atravessam Bellecourt para alcançar Guillotiére e a margem esquerda do Rhódano.

Marcham em boa ordem, descreve ainda Lenotre, bandeira a fluctuar, sempre impassiveis, com os seus tambores á frente e a musica: quatro clarinetes, uma flauta e um cornetim. Os lyonnenses acorrem para assistir ao desfile solemne. Um d'elles não pode reprimir um grito de «Viva a Guarda imperial!» Um official estrangeiro empurra-o. O sujeito tira-lhe a espada, quebra-lh'a, e diz-lhe:

—Aqui tem a minha morada; espero-o em minha casa para lhe restituir os pedaços! . . .

Os *grognards* deixam atraz de si um rasto de heroismo.

Quando atravessam Bellecourt, algumas vozes sahidas de um grupo de allenães assentados em frente de um café, casquinam:

—Abaixo o laço tricolôr!

O eoronel Mallet, que marcha na testa da columna, brada:

—Alto.

Os granadeiros estacam, as armas deseansam. Mallet acerca-se sósinho do café, e exclama:

—Peço uma satisfação a quem teve a covardia de insultar a Guarda.

Todos os frequentadores se ealam. Os que estavam nas mesas de fora refugiam-se no interior. Mallet volta para o seu logar, e commanda:

—Hombro armas, ordinario, marche!

E os velhos soldados do imperador continuam no seu caminho em direcção da ponte do Rhódano.

Em Pont-de-Beauvoisin penetram na Saboya, cruzam Chambery, Montinelliau, Saint-Jean-de-Maurienne, Laus-le-Bourg. Sobem o monte Cenis escoltando as quatro peças de artilharia, os vinte e sete vehieulos e os cavallos do imperador, entre os quaes «Wagram», um arabe cinzento escuro; o «Emir», soberbo alazão de erina preta; o «Roitelet», cujo pello, nos jarretes, queimado por uma granada em Arcis-sur-Aube, nunca mais cresceu; «Tauris», montado por Napoleão no Beresina; o «Intendente», esplendido ani-

mal reservado para as revistas e marchas triumphaes. Os veteranos conhecem bem este. Chamam-lhe familiarmente «Coco». Imagine-se com que veneração olhavam para os coreeis imperiaes, que tantas vezes tinham visto galopando no fumo das batalhas. Á falta do *Petit Caporal*, levam com elles alguma coisa que lhes pertencee.

Ignoram para que ponto de terra os conduzem e o que é essa ilha de Elba que vae ser a sua patria. No trajecto vivem como podem.

— Não sabemos para onde vamos — declaravam — mas sabemos que encontraremos o imperador. Isso nos basta. Estamos contentes.

Entoam as suas canções no percurso, conversam das passadas glorias nos bivaques, evocam o genio de Napoleão a cada passada.

Acauquem na vertente do monte Cenis e descem para as planicies da Italia, tambores á frente, bandeira ao vento. Nada, nem ninguem seria capaz de os deter. Morreriam todos até o ultimo antes de enrolar a bandeira tricolor ou dissimular os seus velhos laços mesmo em territorio estrangeiro. Não se encontram em toda a parte em sua casa? Chegam a 18 de maio, a Savona. Ahi a guarnição anglo-siciliana compunha-se da «escoria de tudo quanto se encontrara de mais abjecto no exgoto da gente baixa». Os sacrificadas, vendo-se superiores em numero, lembram-se de travar rixas com os *elbenses*. A velicidade dura pouco. A lição é tremenda. Para

engodar os terriveis francezes, de aspecto tão pouco conciliador, o commandante da praça offerece um banquete aos officiaes do batalhão, que bebem desassombradamente á saude do imperador e da Velha Guarda.

É com a maior deferencia que convidam o pequeno exercito de Napoleão a embarcar nos navios inglezes, que devem transportá-lo á ilha de Elba. A 23 de maio os *grogards* velejam; a 26, de manhã, aportam a Porto Ferrajo. Apenas em terra, formam em fileiras abertas, musica á frente, de polainas muito brancas, engraxados, lustrosos, esticados, repuxados, barbeados como n'uma revista do Carrousel. Entram na cidade pela Porta do Mar, fazem alto na Praça Grande, ordenam-se em quadrado, e ahí, só ahí, a sua triumphal impassibilidade se funde.

O imperador, que foi ao seu encontro ao caes do desembarque, está deante d'elles, com o rosto radiante de alegria. Fala-lhes, contempla todos «com uma especie de amor», abraça Cambronne, onvem-lhe dizer:

— Passei bem inaus bocados á vossa espera; emfim estamos juntos; o resto não vale nada.

Os rudes bigodes oscillam; as mãos calosas tremem com o peso das armas; as caras tismadas esboçam caretas; as lagrimas caem. Os velhos da Velha choram; gritam; riem; cantam; sentem-se loucos de alegria. Repetem com desvanecimento uma palavra proferida pelo impera-

dor; registam um signal que lhes dirigiu; commentam um olhar que cada um suppoz ser para si. E esta palavra, este signal, este olhar recompensam todas as suas fadigas. Não pensam sequer nas familias deixadas além, nas promoções desdenhadas, na miseria que os espreita, no exilio a que se condemnaram. Apenas se lamentam de uma coisa — é de não saber como testemunhar o seu reconhecimento áquelle a quem sacrificam tudo.

XIV

Ney e Gomes Freire

Regresso da ilha de Elba. — Reorganizações e vicissitudes. — Sentenças do destino. — Disseminação da raça. — Defecção de Ney. — A sua captura. — Antigo prestígio. — Em Quatre-Bras. — Uma imprudencia. — A opinião publica. — Os «ultras.» — Proclamação edificante. — O somno dos valentes. — Despedida tocante. — Cortezia. — Serenidade. — Ultimas disposições. — A voz da justiça. — Gomes Freire em Paris. — Em Lisboa. — Indole irrequieta. — Generosidade. — A conspiração. — Captura movimentada. — Phrase synthetica. — Odios recalcados. — Explosão de despeitos. — Em S. Julião. — Perseguição feroz. — Baixeiras da politica. — Archibald Campbell. — Espia togado. — Haddock. — De presa empolgada. — Lembranças do passado. — Praxes inquisitoriaes. — O pavor dos covardes. — Energia militar. — Réplica condigna. — Socego de alma. — A insistencia do medo. — Triste fim de um heroe.

«Os cem dias» decorridos desde que Napoleão desembarca no Golfo Juan, de regresso da ilha

de Elba, em março de 1815, até a batalha de Waterloo, a 18 de Junho, inerte bem fundamentadas esperanças no animo dos officiaes portuguezes, a quem o imperador sempre mantivera, mesmo dissolvidas as unidades estrangeiras, os vencimentos da actividade. Não duram muito essas esperanças. A 1 de maio os nossos contreraneos são enfileirados no 2.º de Verdun. Uma semana depois dissolvem este regimento. O ministro da guerra concebe novos projectos. A 23 de maio o principe de Eckmul submete à apreciação do imperador um relatorio em que recommenda «a dedicação e bons serviços dos officiaes portuguezes» e evidencia que «os sentimentos que existem entre os hespanhoes e os portuguezes, não permitem collocar estes no regimento hespanhol acabado de crear.»

Waterloo despede o golpe de misericordia na Legião Portuguesa. A ordenança real de 6 de setembro equiparalhe o soldo ao dos reformados, mas determinando que sirvam nas unidades estrangeiras. Os officiaes mais antigos do 7.º estrangeiro, entregam ao marechal Saint-Cyr, então titular da pasta da guerra, uma exposição em que salientam a injustiça de serem egualados aos refugiados hespanhoes, sendo a sua situação absolutamente differente. Solicitam por egual n'esse documento que Luiz XVIII lhes permitta continuarem a servi-lo.

Reza um annexim popular antiquissimo :

«Quem faz damno a Portugal, vem a acabar mal.»

Vejamos qual foi o fim dos protagonisias do sangrento drama das trez invasões, que devastaram e enlutaram o nosso paiz.

Napoleão morre exilado em Santa Helena; Junot, bafejado, como poucos, pela felicidade, endondece e atira-se de uma janella abaixo; Soult, sem character politico, deserta do lado do seu camarada, atraição os Bourbons e serve a Revolução de Julho; Massena, avaro e cúvido, morre abandonado n'um palacio da província. Dos generaes que servem ás suas ordens, contra nós, Thiebault, nunca attinge os altos postos a que se suppunha com direito e escreve as suas famigeradas *Memorias*, compendio de envenenadas decepções: Travot é condemnado á morte e permanece preso na fortaleza de Ham até 1820, perto do seu fallecimento; Reynier, por mais que pretenda fazer esquecer o seu revez de Alexandria, em 1801, nunca passa de divisonario; Solignac recebe no cerco do Porto o premio das suas pretéritas hostilidades; Clausel, marechal de França, soffre um irreparavel desastre em Constantina, em 1836 e nunca mais lhe dão commando; Drouet, condemnado á morte no regresso dos Bourbons, desempenha durante alguns annos, o cargo de director de uma cervejaria em Munich; Caulaincourt morre no reducto de Moscovia.

Os outros generaes, de divisão: Laborde, Loisson, o celebre «Maneta», Marchand, Mermet, Merle, Hendelet, Haussaye, Marisy, Lorger; os de brigada: Margaron, Maurin, Taviel, Vialannes, Founier, Francischi, Richard, Dulaloi e o coronel Vincent, tiveram um futuro tão apagado que não encontramos nenhuns vestigios d'elles nos dictionarios biographicos e encyclopedias que consultamos. De Ney e Kellermann falaremos adiante.

Dos nossos, alguns lançam fundas raizes de familia em França, na Allemanha, na Polonia. Ha ali appellidos portuguezes que attestam prolificamente a virilidade da nossa raça. Uma vez procura-nos na redacção das *Novidades* um sujeito, que nos disse ser filho de um legionario portuguez. Era russo. Fôra eleito pela nobreza de Pskov, para seu marechal. Indagamos na legação da Russia a veracidade da affirmativa. Foi-nos plenamente confirmado quanto assegurar. Temos pena de não nos reeordar o nome. Está registado na colleção d'esse jornal de 1896 ou 1897.

O marquez de Loulé, então já duque, teve a morte que todos sabem em Salvaterra; Garcez foi deputado e governador civil de varios districtos; Pamplona, conde de Subserra, o aspero ministro de D. Miguel, expira em 1832, encarcerado no forte da Graça, onde não recebeu melhor tratamento que o infligido pelos seus sequazes

aos liberaes. Diversos chegaram a generaes como Balthazar Pimentel, eonde de Campanhan, que ainda conhecemos e com quem conversamos bastantes vezes em rapazola, contando-nos episodios interessantissimos; varios reformaram-se ou transitaram para o funcionalismo civil.

*

* *

— Ahi está uma inepcia que nos vae custar cara. Receio muito que essa prisão nos seja ainda mais funesta que a defecção do marechal!

Foram estas palavras de Luiz XVIII, pessimamente humorado, ao cortezão que muito á pressa, e suppondo ser recebido de braços abertos, lhe participou a captura do marechal Ney, n'um solar perto de Aurillac, a 7 de agosto de 1815.

Filho de um tanociro, Miguel Ney, escrevente de tabelião da sua terra, Sarreleries, alistou-se em 1788 no 4 de hussares, em Metz. General em 1797, duque de Elchingen em 1808, principe de Moscovia em 1812, a sua intrepidez obriga os seus camaradas a denominarem-n'o o *bravo dos bravos*.

Após a abdicção do imperador, Ney adhere a Luiz XVIII. Ha n'este periodo, como accentua Arsène Houssaye, pontos negros e desequilibrio na conducta do marechal, que só o seu desgraçado e tragico fim attenuam. O rei nomeia-o

par de França e incumbe-o de deter a marcha de Napoleão sobre Paris.

O prestigio do grande caudilho actua mais uma vez no espirito do seu antigo companheiro de armas. O heroe da retirada da Russia, não só deixa livre o seu glorioso chefe, mas ainda se bandeia com elle. Na infeliz campanha da Belgica confia-lhe Napoleão o commando do 1.º e 2.º corpos de exercito. Ney bate-se denodadamente em Quatre-Bras, perto de Waterloo. Quando a derrota se torna inevitavel, elle, com a sua alta estatura, procura a morte no mais incendiado do prélio, bradando:

— Como eu desejava que todas estas balas me atravessassem o corpo.

Trez cavallos o inimigo mata debaixo d'elle, mas o marechal fica incólume.

Restabelecido Luiz XVIII no throuo, os realistas accusam Ney de traição. Um seu antigo ajudante, o major Edouard de Reizet, do 3 de husares, apesar de dedicadissimo ao monarca, dá-lhe o seu passaporte, o que o marechal accita com repugnancia por causa do serio compromisso que isso significa. Consegue transpôr as barreiras de Paris, chega sem inconveniente em Lyon, de lá passa para Saint-Alban, depois para o «castello» de Bessenier, pertencente a uma amiga de sua mulher. Durante quinze dias vive occulto n'uma agua furtada. Mas a exhuberancia da sua constituição, a necessidade de se mover, de praticar

exercícios physieos, obrigam-n'o a commetter uma imprudencia. Alguns espias reconhecem-n'o e prendem-n'o no parque d'esse mesmo palacio quando passeia.

A prisão do marechal apaixonou a opinião publica de forma extraordinaria. O povo adora n'elle um idolo. Accusam agora sua mulher de o ter impellido, por causa de despeitos, a desligar-se do juramento de fidelidade ao soberano.

A 18 de agosto é fuzilado o coronel La Be-doyère por um facto semelhante.

O governo, instigado pelos exaltados, pelos *ultras*, e apesar da má vontade de Luiz XVIII, ordena que o marechal responda a conselho de guerra. Para a presidencia d'esse tribunal nomeiam o marechal Moncey, valentissimo defensor da barreira de Clichy contra os alliados. Reusa terminantemente o sinistro encargo. Destituem-n'o e encerram-n'o na fortaleza de Ham, d'onde mais tarde se evade o que foi Napoleão III.

O governo appella então para a Camara dos Pares. É mais docil. Compõem-n'a muitos dos antigos camaradas de Ney. Entre esses o velho Kellermann, heroe de Valmy, e pac do general do mesmo nome, que, em 1808, veio a Portugal, e que, incumbido de suffocar a revolta contra as tropas francezas, que de Elvas alastra pelo Alemtejo, declara n'uma proclamação dirigida ao paiz: «Beja não existe. Os seus criminosos habitantes

foram passados a fio de espada e as suas casas entregues ao saque e ao incendio».

A Camara alta funciona como tribunal. Ney é mal defendido. A chicana que perdera Luiz XVI na grandeza da causa pleiteada, prejudica da mesma forma a magnitude do julgamento. Um dos seus advogados argumenta que, tendo a terra onde nascera o denodadissimo accusado sido transferida para o dominio allemão, elle devia ser julgado como estrangeiro.

Ney protesta com vehemencia. A Camara por uma grande maioria, em que figuram — já o escrevemos — muitos marechaes e generaes do imperio, condemnam o *bravo dos bravos* à morte. A elle, que tantas vidas salvara na infausta passagem do Berezina e n'outros lances, e entre as quaes se contavam as de bastantes dos seus juizes.

Após o interrogatorio o marechal volta para a sua prisão de Luxemburgo. A Camara continua a deliberar. Janta esplendidamente, fuma um eharuto, atira-se para cima da cama e dorme profundamente apesar de saber com antecipaçoão qual será a sua sorte. Às duas da madrugada o secretario e archivista da Camara dos Pares entra no seu quarto para lhe ler a sentença. É obrigado a acordá-lo, tão pegado está no somno.

M. Cauchy balbucia algumas palavras para lhe exprimir o seu pezar por tão sinistra missão. Narra o tenente-general visconde de Reizet que Ney o interrompera, logo de principio, dizendo :

— Está bem; o senhor cumpre o seu dever; eu saberei cumprir o meu. Desejo apenas despedir-me de minha mulher e de meus filhos. Queira ter a bondade de os prevenir. Recommendo-lhe que o faça de maneira que da sua carta não se depreenda a minha condemnação. Sou eu que lhes quero participar qual é o meu destino.

A entrevista é lancinante. Às seis horas a desditosa marechala entra na prisão com os filhos. Acompanha-a sua irman Mlle. Gamot. Ao informá-la o marido da inexorável sentença cahe sem sentidos. Depois de lhe ter prodigalizado os necessarios desvellos, o marechal conversa em voz baixa com os quatro filhos. O mais velho não excede os doze annos, e o mais novo tem trez. Aconselha-os e faz-lhes recommendações. Depois manda-os embora com carinhosa firmeza. Promette-lhes tornar a vê-los algumas horas depois.

É uma piedosa mentira.

Um dos seus guardas, granadeiro de Rochejaquelein lembra-lhe os soccorros da religião. Manda chamar o prior de Saint-Sulpice.

— Quero reconciliar-me com Deus — diz com simplicidade ao digno abbade, — quero morrer como homem de bem e como christão.

O sacerdote sae e volta ás nove para o acompanhar no momento supremo.

— Suba primeiro, senhor cura — convida o marechal, dirigindo-se a M. Despierres, que se

desviara para o deixar passar — isso não impede que eu chegue primeiro *là acima*.

E assenta-se ao lado do prior com o ar mais natural do mundo.

É o marechal de campo, o mesmo que valeu ao nosso visconde de Asseca na Russia, conde de Rochechouart, que toma as medidas necessarias para a execução da sentença na qualidade de commandante da praça de Paris. A carruagem atravessa lentamente todo o jardim do Luxemburgo e pára na extremidade da rua principal, em frente do Observatorio. O marechal, que suppunha ser levado a Grenelle, sitio usual dos fuzilamentos, esperava ser arcabuzado em presença do exercito e da população e parccen surprehendido d'esse acto clandestino, n'um recanto escuso do Luxemburgo. O governo escolhera o ermo local porque d'outro modo sabia que rebentava uma scria revolta.

Ney não profere um queixume. Abraça o padre, entrega-lhe a tabaqueira como lembrança, para sua mulher, manda saudades aos filhos, dá para os pobres um punhado de luizes que traz no bolso e encaminha-se para os dois pelotões. Tira o chapéo, e exclama:

— Appello para a Posteridade, do julgamento que me condemna.

Em seguida, repellindo o lenço que lhe apresentam, elle proprio com a voz retumbante da celebre çarga de Waterloo, commanda:



MARECHAL GENERAL G. C. BERESFORD, Conde de Trancozo

—Direito ao coração, soldados. Apontar, fogo!

Baqueia atravessado por doze balas . . . francezas . . . Elle, sobre quem tantas desfechou o inimigo!

A marechala, durante este tempo, bate a todas as portas nas Tulherias. Nenhuma se lhe abre.

A *Encyclopedia Britannica*, a pag. 633 do volume XIX, a proposito de Ney, traducção litteral, regista: «Muito se censurou que o duque de Wellington permittisse aos Bourbons, restaurados pelas bayonetas estrangeiras, que o duque commandava, o pôrem fora de lei soldados, que como soldados tinham sido incluídos na capitulação militar dos aliados.»

Wellington nunca perdoou ao marechal Ney a brilhante retirada feita por este, entre Pombal e Condeixa, na segunda invasão de Portugal.

*

* *

A 12 de junho de 1814, Gomes Freire de Andrade escreve de Paris ao seu amigo Antonio de Souza Falcão pedindo-lhe que lhe envie quatro mil cruzados para se transportar a Portugal. Está farto «de cavallarias andantes.» Depois de prisioneiro em Dresde levam-n'o para a Hungria e

encontra-se na capital da França «roto, esfrangalhado e pobre como Job.»

«Se Beresford manda no exercito, a Inglaterra manda no governo; os do Rio de Janeiro ordenam que o ministro inglez, Carlos Stuart, tenha assento no conselho da regencia com voto deliberativo. Murmura-se. Debalde a regencia, que fôra remodelada, persegue os pedreiros livres... Tudo quanto é afeiçoado a França é perseguido como jacobino...» Palavras de Raul Brandão no seu livro *A conspiração de 1817*, o mais bem documentado de quantos lemos sobre o infamissimo epilogo da gloriosa vida de Gomes Freire de Andrade e Castro, nome official do inclito heroe de tantas campanhas e actos de valentia, e que nos serve de guia n'este esboço final.

O antigo governador de Dresde chega a Lisboa antes de 27 de maio de 1815. O povo, ao vê-lo nas ruas, embevece-se ao contemplar o protagonista de tantos lances arriscados na assombrosa epopéa. Depois vem de um paiz, onde a Liberdade derramou caudales de sangue, é verdade, mas onde espargiu deslumbrantes clares de luz e fomentou obras assombrosas. E em Portugal não existia nenhuma especie de liberdade. Ninguem respirava sob a oppressão tyrannica da regencia, determinada pela estupidéz e medo, a mais cruel e inexoravel das tyrannias.

A indole 'fogosa e irreprimivel de Gomes Freire não lhe consente alhear-se do esmagamento governativo que tritura todas as consciencias. Commenta o procedimento dos regentes e desfecha-lhe os mais acerados epigrammas. Vive com a sua companheira de sempre Mathilde de Mello, n'uma casa modesta, perto do chafariz do Rato, no alto da rua do Salitre. Espiam-n'o desde a chegada. Não dá um passo que não origine um relatorio minucioso enviado pela policia á regencia. Na sua moradia encontram repasto quantos camaradas se vêem em precarias circumstancias, e são numerozo rebanho, sem força nem energia para se insurgir, por factos, contra a situação. Esta generosidade colloca o ainda em embaraços pecuniarios.

Alguns exaltados redigem uma proclamação contra o rei e contra Beresford. O capitão Corvo de Camões previne sem demora o marechal britannico. Está descoberta a conspiração. Que acção teve Gomes Freire na conjura? Segundo todas as investigações effectuadas até hoje, nenhuma. Apenas a de falar alto e claro. O seu principal crime consiste na auréola que trouxe de França e no receio que inspira. Como terriveis aggravantes no iniquo processo que lhe vão instaurar, não quer denunciar alguns dos seus camaradas, verdadeiramente compromettidos.

A 25 de maio de 1817 realizam-se as prisões dos conspiradores. A força publica toma as sahi-

das da habitação de Gomes Freire. Entram pela violencia nos seus aposentos. Commanda a diligencia um tenente-coronel, Souza Tavares, que de longe, com reccio da valentia do soldado de Napoleão, brada:

— Está preso! Está preso!

Gomes Freire sem se intimidar com as bocças das armas viradas para elle pega n'uma pistola. Para desfechar sobre os captores ou fazer saltar os miolos? Não se sabe. Coarcta-lhe esse direito o braço amigo da amante. Desarmado, protesta, dirigindo-se ao tenente-coronel:

— São estas as maneiras de violar a residencia de um tenente-general? V. M.^{ce} não o podia fazer porque não tem patente igual á minha.

N'este momento, o desembargador João Gaudencio, ajudante do intendente, que se conservara, com a maxima prudencia, a distancia, apresenta-lhe o mandado de captura. Gomes Freire n'uma explosão de revolta mede o official superior de cima a baixo, n'um relance de desprezo, e cospe-lhe esta phrase synthetica da sua indignação:

— O senhor não é um official, é um esbirro.

Avoluma o monstruoso processo. O povo odeia Beresford, porque sente pezar sobre si de forma afrontosa o jugo da Gran-Bretanha; odeia o Principal Souza, espirito rotineiro de todas as tyran-

nias: odeia D. Miguel Pereira Forjaz, o estorvo essencial ás prerogativas que pretende adquirir; mas inerte, apathico, entorpecido e cataleptico, deixa matar quem por elle se sacrifica sem que na grande massa popular vislumbre um assomo de reacção. O principal Souza odeia Gomes Freire por fanatismo; D. Miguel Pereira Forjaz, seu primo, por despeitos e offensas pessoacs que veem desde a campanha do Russilhão; Beresford, por que teme n'elie, primeiro, o demolidor do poderio de Inglaterra sobre Portugal, segundo o possivel supplantador da sua propria influencia. De todos é Beresford o menos feroz.

Encontram-se homens para tudo. Até para lavrar autos e torcer depoimentos, como os do processo de Gomes Freire, vergonha da magistratura de todo o mundo e de todos os tempos.

Ao tenente general, em seguida á apprehensão de todos os seus papeis, mettem-n'o n'um trem de praça e enviam-n'o para a Torre de S. Julião da Barra. Ahi encarceram-n'o na peor enxovia. Lá dentro não se vê o mais pequeno objecto de mobiliario. Assim o conservam até á tarde. A essa hora, a officialidade de infantaria 19, de guarnição na fortaleza desde a madrugada, não recceando incorrer no desagrado dos regentes, amerecada da penuria de um companheiro seu de elevado posto, envia-lhe alguma comida, um enxergão e dois cobertores.

O governo incumbem do commando da cida-
della o marechal de campo Archibald Campbell.
Só decorridos seis dias auctorizam, de Lisboa,
o abono de doze vintens diarios para a comida
do preso. Este recusa-os. Por ordem superior,
um reformado encarrega-se do rancho e eos-
nha-lh'o o Salles, um veterano. É tal a humi-
dade da masmorra em que o entaiparam que
o sol não consegue enxugar o duro encosto
concedido. Enfermo, é visitado pelo eirurgião
em chefe do exercito, José Carlos Barreto. Este
medico diagnostica que a molestia não vae além
de um simples mau estar, originado por uma
entumescencia no rosto devida á barba cres-
cida.

Campbell é um homem, nascido n'um paiz
livre, não é uma fera. Propõe, insta, insiste para
facultar ao preso modo de se barbear com todas
as precauções Não lh'o consentem. Mais. Orde-
nam que não entre no ergastulo qualquer uten-
silio de ponta ou gume. Campbell não quer ser
carcereiro. Requer a exoneração. Indeferem-lhe
o requerimento. Iniciam-se os interrogatorios.
Gomes Freire pede licença para endereçar uma
exposição a D. João VI ainda no Brazil. Berce-
ford auctoriza. O encarcerado redige o memo-
rial em presença de guardas vigilantes. O mar-
chal britannico entrega-o a Miguel Pereira For-
jaz. O marquez de Borba fecha-o n'uma gaveta
ou rasga-o. O rei não o recebe, não o pode ler,

não se pode condoer, nem annistiar. Gomes Freire não conserva a minima illusão a tal respeito. Quando o informam do rumo seguido pelo documento, commenta para Campbell :

— N'esse caso, verá que hei-de ser enforeado como um eão n'esta fortaleza.

A conducta humana de Archibald Campbell torna-o suspeito. A regencia colloca na praça, como seu delegado — espia de confiança — o desembargador Pedro Duarte da Silva, a quem o povo alcunhara, em attenção aos seus merecimentos, «Pedro, o eruel». Tambem não dura muito. Morre mezes depois. Cheio de remorsos? Ninguem averiguou.

Negam a Gomes Freire os mais rudimentares elementos de defesa. Não, Beresford : os regentes portuguezes. Por ultimo só se corresponde com Mathilde de Mello e com Antonio de Souza Falcão. É Haddock, ainda um inglez humano, major do 19, maçon ao que desconfiam os magistrados, quem reinette a Falcão o ultimo billiete do desventurado.

Cerca da meia noite de 17 de outubro surge à poterna da Torre uma patrulha. Escolta o verdugo. Haddock horrorizado e indignado difficulta-lhe o aaccessso da cidadella. O juiz Pedro Duarte, reccoso que a prêsa lhe escape, grita como um endemoninhado, apopletico no seu temperamento lymphatico, com o rosto esguio de toupeira, congestionado :

— Aqui quem manda sou eu; não ha outro governador.

Que mola impulsiona a conducta de Haddock? Se lhe acudiu qualquer generosa idéa de proporcionar ao desventurado preso meio de se suicidar para o eximir á ignominia que o esperava, ou de o salvar de qualquer forma, arreceou-se das consequencias ou não a conseguiu tornar pratica.

A essa hora Frei Diogo de Mello e Menezes ouve o condemnado de confissão. Annos depois referindo-se ao mártir, commenta:

— Se ha santos, Gomes Freire é um d'elles.

Opinião que attenua muito o juizo preconcebido de feroz e demolidor pedreiro livre.

O tenente general alcança barbear-se, calça bota fina e adorna-se com a sua melhor sobreca-saca. Acredita ainda no fuzilamento. Não pesta-nejará ante as balas que lhe cortarão cerce a vida, como os não cerrou ante as que lhe desfe-charam, aos vinte annos, os piratas de Argel em 1784; como não estremeceu ante a metralha vomitada pelas trezentas e dez peças da artilharia turca de Oczakof; como não se intimidou com o canhoneio francez de Russilhão; como nunca lhe quebrantaram o animo as neves, as lançadas dos cossacos, as atrozes miserias da retirada da Russia.

Aguarda-o mna cruel desillusão. Mostram-lhe a alva, designam-lhe a forca. A' medonha de-

cepção rouba-lhe por um momento a mística energia. Cambaleia, a cabeça esvae-se-lhe n'um vago. Recupera a serenidade. Com voz fanhosa e tartamuda um beleguim soletra-lhe a sentença. A lentidão d'estas praxes inquisitorias ultrapassa quanto até ahi concebera a perversidade humana. Escuta a extensa e sinistra ladainha com paciente socogo. Epiloga-a com duas ou tres phrases de repulsa dirigidas ao primo, a D. Miguel Pereira Forjaz. Solicita que deixem consignar, por escripto, os seus ultimos desejos relativos a parentes e amigos. Negam-lhe a sagrada permissão. Manda as suas despedidas e agradecimentos a Campbell. O governador inglez, revoltado, horrorizado, pretexta incommodo de saude, confina-se na sua moradia, não quer assistir ao vergonhoso espectaculo.

Fóra da prisão, fria e humida, os quadrilheiros impacientam-se. Sôam as badaladas das quatro horas, dois quartos, cinco. Haddock estende a mão ao seu antigo superior, embora de nacionalidade differente, e conserva-a um instante entre a sua: O desembargador Pedro Duarte rosna:

— É um signal maçónico.

Às sete desenha-se o lúgubre préstito entre os humbraes da escura masmorra. O chaeal de toga e os aguazis, sens acolytos, ao divisarem a victima, deixam-se empolgar pelo pavor. Recuam, correm, procuram o coronel Amaral, por-

tuguez, chefe do 19, e reclamam que desaposse Haddock da força ás suas ordens. Teve na sua a mão do condemnado e descolniram, entre os dois, entendimentos por meio de gestos maçonicos. O commandante do 19, para alijar responsabilidades, communica a reclamação a Campbell. O governador manda o seu ajudante a indagar do acontecido. Não condeseende. O tenente-coronel Haddock ficari á frente dos seus subordinados.

A revoada dos corvos negros amedrontada crucita e mandam saber de Campbell se podem contar com a segurança das suas *preciosas* existencias. O governador britannico replica-lhes acerada e hostilmente:

— As vidas não garanto, mas respondo pela fidelidade dos officiaes e pela disciplina dos soldados.

Á uma hora que Gomes Freire assiste a esta interminavel scena, em pé, de alva posta e descalço, porque o obrigam a tirar as botas. A intrepidez dos campos de batalha não o abandona. Sorri mesmo aos pavores expressos pelas hyenas que o espreitam.

A manhan d'esse funereo dia de 18 de outubro, era uma gloria de luz outomnal no Levante limpido, sem um vapor que manchasse a diaphaneidade cerulea do firmamento. Na esplanada, formam desde as cinco e meia, cinco companhias do 19. Adeante, no Alto do Alqueirão, co-

mesinhos, agachados, ignobeis, repugnantes, hediondos, desenham-se nas meias tintas da madrugada os postes infames da força. Caminham para lá. Gomes Freire, magoado nos pés, anda de vagar. Haddock fornece-lhe uns sapatos. Um esbirro oppõe-se a que os calce. Ainda ali ha uma pausa no desenlaçe da villipendiosa cerimonia. Pedro Duarte, sempre á espera do merecido castigo dos seus actos, solicita do coronel Amaral que mande fazer meia volta á força. Descansam mais vendo as praças de dorso voltado para o cadafalso. Se Gomes Freire lhes fala, quem prevê o que succederá! Amaral replica:

— Não faço essa injuria a bravos que tantas vezes encararam o inimigo sem nunca lhe voltar as costas.

Dos olhos de Haddock cahem lagrimas, nas faces dos soldados cavam-se sulcos de pranto mal contido. De cima do patibulo, o antigo commendador da Legião de Honra ainda consegue dizer:

— Amei sempre a patria e nunca fui traidor. Perdõem-me todos, e vocês soldados, que foram sempre a minha gente, continuem a servir a patria como sempre a serviram portuguezes . . .

Não se distingue mais nada. As orações dos padres, de voz em grita, amortecem o resto. O algoz empolga-o. O corpo balouça-se no espaço. Accende-se a fogueira, arauto das muitas que

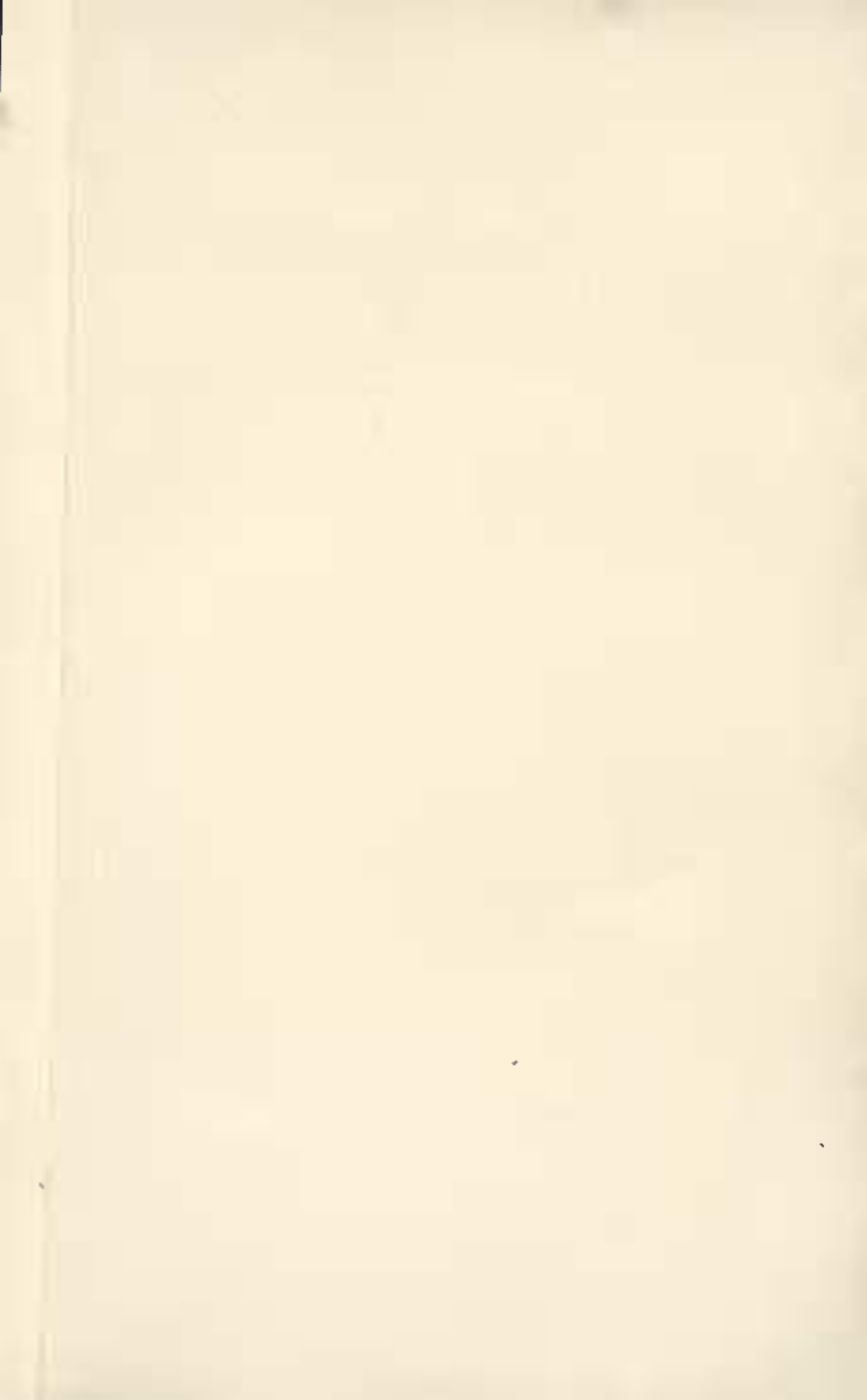
n'essa mesma tarde arderão no Campo de Sant'Anna. O cadaver do glorioso suppliciado, só parcialmente consumido pelas chammas, lançado ao Tejo, é arremessado pelo refluxo da maré á praia, uma, duas vezes, até que os cães gosos e vadios o roem e qualquer alma caritativa enterra na areia o triste despojo de um general intrépido.

Eis o fim de quem muito amou a sua terra, de quem a engrandeceu com o seu nome e a quiz ver grande, próspera, livre, emancipada de qualquer influencia estrangeira, absolutamente autónoma.

FIM

INDICE

	PAG.
I—Das Navas de Tolosa ao Roussillon . . .	5
II—A Legião portugueza.	29
III—Wagram	51
IV—O incendio da embaixada	77
V—A passagem do Niemen	95
VI—«A infantaria negra»	119
VII—A visão do Kremlin	139
VIII—A catastrophe do Beresina	161
IX—A fatal retirada	181
X—Dresde	203
XI—A cavallaria portugueza	221
XII—A abdicação de Foutainebleau e os portu- guezes	243
XIII—As fezes do calix	263
XIV—Ney e Gomes Freire	287



EXTRACTO DO CATALOGO DE EDIÇÕES
 DA
COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

Dr. A. Silva Gayo

Mario. Episodios das lutas portuguezas de 1820-1834. 4.^a edição revista, com um estudo biographico de Thomaz Ribeiro. 2 vol. em broch. \$500

Joaquim Leitão

Anaes Politicos da Republica Portugueza. 1 vol. broch. 0
Cabeça a Premio. Contos. 1 vol. com capa illustrada, em broch. 700
D. Carlos o Desventuroso. Notas intimas. 1 vol. em broch. 40

Wenceslau de Moraes

Cartás do Japão (antes da guerra). I. 1 vol. com um prefacio de Bento Carqueja, em broch. 700
Cartas do Japão II. Um ano de guerra (1904-1905). 1 vol. com prefacio de Vicente Almeida de Eça, em broch. 900
Bon-odori en Tokushima (O). Caderno de impressões intimas. 1 vol. illustrado, com uma linda capa a cores, broch. 700

Francisco Queiroz

Simphonia Heroica. Contos. 2.^a edição. 1 vol. com capa de A. Lima, em broch. 600

Ayres d'Ornellas

Um Anno de Guerra (Agosto de 1914 a Agosto de 1915). 1 vol. illustrado, em broch. 1\$000

Antonio da Penha e Costa

Sol que Nasce . . . (Cenas da vida politica). 1 vol. de 458 pag., em broch. 700